

CHRISTIAN DENNYS MONTEIRO DE OLIVEIRA

MATHER

GEOGRAFIA

COGNIÇÃO SIMBÓLICA EM ESPAÇO GEOGRÁFICO



Coleção
Caminhos Simbólicos
Volume 4

Christian Dennys Monteiro de Oliveira

MATHERGEOGRAFIA:
cognição simbólica em espaço geográfico

Coleção Caminhos Simbólicos
Volume 4

Editora CRV
Curitiba – Brasil
2024

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação e Capa: Designers da Editora CRV
Imagem de Capa: Freepik_yuthamaran.
Revisão: O Autor

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE
Bibliotecária responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

O46

Oliveira, Christian Denrya Monteiro de
Mathergeografia: cognição simbólica em espaço geográfico / Christian Denrya Monteiro de
Oliveira – Curitiba : CRV, 2024.
138 p. (Coleção Caminhos Simbólicos v. 4)

Bibliografia

ISBN Digital 978-65-251-7070-1

ISBN Físico 978-65-251-7073-2

DOI 10.24824/978652517073.2

1. Geografia 2. Epistemologia da Geografia 3. Geografia Cultural 4. Comunicação 5.
Educação Geográfica I. Título II. Série.

CDU 911

CDD 910

Índice para catálogo sistemático

1. Geografia – 910

2024

Foi feito o depósito legal conf. Lei nº 10.994 de 14/12/2004
Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV
Todos os direitos desta edição reservados pela Editora CRV
Tel.: (41) 3029-6416 – E-mail: sac@editoracrv.com.br
Conheça os nossos lançamentos: www.editoracrv.com.br

Conselho Editorial:

Aldina Guimarães Duarte Dominguez (UNB)
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR-UFRR)
Anacleto Alcemei Colares (UFOPA)
Antônio Pereira Guio Júnior (UFRRJ)
Carlos Alberto Vilar Estêvão (LIMNHO – PT)
Carlos Frederico Dominguez Avila (Unicrua)
Carmen Teresa Velanga (UNIR)
Celso Costa (UFSCar)
César Gerónimo Tello (Univer. Nacional
Trés de Febrero – Argentina)
Eduardo Fernandes Barbosa (UFMG)
Eduardo Pinheiro (UFRRG)
Elaine Maria Nogueira Diogenes (UFAL)
Elizete Clementina de Souza (UNEB)
Elisio José Costa (UFFS)
Fernando Antônio Gonçalves Alencarado (FE)
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)
Glória Fátima León (Universidad
de La Habana – Cuba)
Guillermo Ariza Boutin (Universidad
de La Habana – Cuba)
Nilson Alves dos Santos (UFRR)
João Adalberto Campato Júnior (UNESP)
Jussara Portela (UFPA)
Leonel Severo Rocha (UNISINDOS)
Lidia de Oliveira Xavier (UNIEURO)
Leandrea Helena de Silva (UFV)
Luciano Rodrigues Costa (UFV)
Marcelo Paizão (UFRRJ e UTexas – US)
Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)
Marta de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)
Marta Lidia Imbiribe Sousa Colares (UFOPA)
Marish Brochado (UFMG)
Paulo Romualdo Hernandez (UNIFAL-MG)
Renato Francisco dos Santos Paule (UFG)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRR)
Simone Rodrigues Pinto (UNB)
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Sylviane Santos (UEPG)
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
Tania Suelly Assreide Brasileira (UFOPA)

Comitê Científico:

Adriano Piccinini (Faculdades Integradas Espírita)
Alexandre Piccinini (UFMS)
André Eduardo Ribeiro de Silva (UFSP)
Antonio José Trincina Guerra (UFRRJ)
Antonio Nivaldo Herganhol (UNESP)
Carlos de Castro Neves Neto (UNESP)
Carlos Frederico Dominguez Avila (UNIEURO)
Edilson Soares de Souza (FABADAR)
Eduardo Pimentel Mendes (UERJ)
Eurigides Falcão Vieira (IBRRROS)
Fabio Eduardo Cressani (UNILAB)
Gilmar Yoshikazu Franco (UNIR)
João Marchesan (UNC)
Jussara Fraga Portugal (UNEB)
Karla Rosário Branca (UNICENTRO)
Leandro Bultr (UFOD)
Lidia de Oliveira Xavier (UNIEURO)
Luciana Ross Fornazari Klamovick (UNICENTRO)
Luiz Guilherme de Oliveira (UnB)
Marcel Mendes (Mackenzie)
Marcio José Ornat (UEPG)
Marcio Luiz Carverí (UNEP)
Maurício Rompato (UNESPAR)
Mauro Henrique de Barros Amoroso (FEBF/UERJ)
Michel Kobelinaki (UNESPAR)
Rafael Gustavo dos Santos (UFG)
Rosângela Aguiar de Medeiros
Herganhol (UNESP)
Sergio Marcelo Santos de Araújo (UFGO)
Simone Rocha (UnC)
Sylvio Fausto Gilêlho (UFPR)
Valdemir Antonelli (UNICENTRO)
Vitalson Luciano Benigno Fonseca (FMG)
Vera Lúcia Coimbra (UFT)

Este livro passou por avaliação e aprovação às vezes de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq, pelo apoio à Bolsa Produtividade em Pesquisa (2023-2025).

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia e Centro de Ciências da UFC pelas condições de trabalho e estudos.

Ao Grupo de Estudos Vozes do Barroco do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-SP pelo mais recente Pós-Doutorado.

E à Comissão de Frente de todos os meus carnavais: Cristina, Heythor, Haluane e Mathias... entre parentes, amigos, espíritos, *Namasté*.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
PREFÁCIO.....	13
<i>Amêlio Paschoa</i>	
1. COM TRAÇOS, TRAMAS E RISCOS, <i>HABEMOS SCIENTIA!</i>	15
2. ESTUDOS COGNITIVOS EM GEOGRAFIA: um redesenho.....	23
2.1 Cognição e campo científico.....	27
2.2 Geografia, linguagem semiótica e imaginação.....	30
2.3 Um método de trabalho no mapeamento cognitivo.....	33
3. MATHERGEOGRAFIA: saberes em vetores semióticos.....	39
3.1 Modelos de santuários e vetorização patrimonial.....	40
3.2 Saberes em pares e a emergência do Contra Vektor Estético-Ético.....	43
3.3 Novos saberes: pensar e escrever a disciplina de Matrizes Religiosas.....	46
3.3.1 Aulas-Texto (ATMR 1, 2, 3).....	47
ATMR01 – Introdução.....	47
ATMR02 – Politeísmo padrão e religiões indianas: hinduísmo/jainuísmo.....	51
ATMR03 – Politeísmo e variantes orientais-ocidentais (xamanismos e animismos).....	53
3.3.2 Aulas-texto (ATMR 4, 5, 6).....	57
ATMR04 – Monoteísmo padrão – religiões semíticas: judaísmo e islamismo.....	57
ATMR05 – Monoteísmo cristão – igrejas, profetas, santos, líderes.....	61
ATMR06 – Antimonoteísmo: budismo, bíteísmo e ateísmo.....	65
3.3.3 Aulas-texto (ATMR 07, 08, 09).....	69
ATMR07 – Panteísmo: religiões da modernidade e da natureza mundana ...	69
ATMR08 – Neoteísmos afro-indígenas e orientais na geopolítica da Nova Era.....	73
ATMR09 – Geoteísmos na Irreligião do Futuro e a tolerância profana (em parceria com os professores Silvia Gomes & Guilherme Oliveira)....	77
4. COGNIÇÃO SIMBÓLICA EM FORMAÇÃO DOCENTE.....	83
4.1 Reassignificação dos ideomapas nas Oficinas de Material Audiovisual.....	83
4.1.1 Aulas-texto (ATOG 10, 11, 12).....	84
ATOG10 – Introdução às concepções de Máscara como representação.....	84
ATOG11 – Máscaras na xenofobia e nas guerras culturais.....	87
ATOG12 – Máscaras como bem do patrimônio cultural.....	89
4.1.2 Aulas-texto (ATOG 13,14,15).....	92
ATOG13 – Máscaras como terapia sócioambiental.....	92

. ATOG14 – Máscaras como política e sistema de valores.....	94
. ATOG15 – Possibilidades das Máscaras Educativas nas cenas geográficas.....	96
4.2 Mathergeografia de experimentos artísticos: do <i>EXPARGEO</i> ao <i>RELIEX</i>	99
4.3 Ideomapas, investigações carnavalescas e oficinas de turisgrafia.....	102
5. TECIDOS EM TRAMAS E RISCOS: geografias de poemapas e mapoemas....	111
5.1 Anunciando poemapas.....	111
5.2 Turisgrafia no percurso de mapas e poemas (Conclusão).....	113
POSFÁCIO.....	119
<i>Sílvia Heleny Gomes da Silva</i> <i>Guilherme Esteves Gomes de Oliveira</i>	
REFERÊNCIAS.....	121
ÍNDICE REMISSIVO.....	135

APRESENTAÇÃO

Mathergeografia tende a ser um dos muitos neologismos que criamos (eu e meus densos seres integrados) para olhar/reler a geografia que vimos fazendo e senti-la em movimento; aquém e além. Está na geografia primitiva ou pré-científica de Eric Dardel (2011); está nas descrições encantadas dos matutos e das caboclas, que nunca aceitaram fechar os códigos científicos em desenhos de precisão. Torna-se concepção *contra* geográfica toda e qualquer vez na qual um desatento espírito classificatório busca o posicionamento discriminatório: se for cartografia não é geografia física; se for física, não é humana; se for humana, não é educativa; se for educativa, não prioriza mapas cognitivos... E se porventura for tão ampla quanto a mãe-terra e tão dinâmica quanto seus elétrons? Não poderia conectar geografias distintas?

Essa *Mathergeografia* proposta aqui responde, ainda que preliminarmente, que sim: pode e o faz. Entretanto, nunca de forma completa. Seja nas aulas ou pesquisas que menciona; seja nas atividades acadêmicas que sugere despertar. Por isso, mais do que um neologismo, ela exerce um papel, uma razão-emoção, uma inspiração cognoscente. Dá-se desde o título, desenho de linha por linha, quadro por quadro, em sentidos e figurações como *Cognição Simbólica*. Não só neural, não só intuitiva; e muito menos polarizada no jogo imanente-transcendente das forças vetoriais das categorias de identidade X oposição, que C.S. Peirce nos fornece e Bachelard deposita no museu de suas ilusões perdidas. A cognição é simbólica para demonstrar suas contextualizações em espaços geográficos grávidos de objetiva densidade. Isso porque sem o símbolo – miolo proteico de significados e continuidades – o mundo dos viventes e dos visitantes, esse mundo telúrico de nossos mapas desfalece por falta de poesia. E não há tragédia grega mais hedionda do que as narrativas desses sucessivos acontecimentos.

MATHERGEOGRAFIA: Cognição Simbólica em Espaço Geográfico é nosso último texto como livro autoral, concebido em 5 capítulos como atos de uma tetralidade da nossa reescritura geográfica. Feito de muitos ensaios, experimentos, esquetes, escolas, esfinges e includentes palavrões: *Firebergs*, *Ideomapas*, *Poéxtase*, *Turisgrafia*, entre outras máscaras da linguagem espacial. Todos na batalha por uma Ciência Viva, como a terra por reflorescer. Ótima leitura!

PREFÁCIO

Essa *Mathegeografia* de Christian Denny leva o movimento e composição espaciais dos sistemas cognitivos dos signos, praticados nas crenças, aos seus últimos limites. A partir de um traçado complexíssimo semioticamente falando, de extração peirceana, desde a fé como festa até os casos de propaganda turístico-política, as variantes se avolumam. Exemplo de uma das falas conexas e múltiplas do autor, de que a própria ambiguidade do neologismo do título quer dar conta:

Se a Geografia das Matrizes Religiosas considera sempre mais importante a pluralidade de cada fé do que sua identidade – geralmente defendida por sua liderança mística ou sacerdotal – procurem sempre observar as dimensões mundanas (não religiosas) e profanas (aproximativas da religião) como critérios mais decisivos da espacialidade geográfica. A veiculação das matrizes tem sempre mais a ver com uma inversão do sagrado em heresia (profanação) ou adaptação sociocultural e ambiental (contexto mundano) do que com a manutenção dos santos princípios originais da fé.

Aqui já se mostra a saudável tendência, como processo e direção cognitivos, de dar preferência, tal qual um Peirce e um Espinosa em ação conjunta, ao que se expande em fartos conjuntos matricialmente móveis de alegria, fé e mistério vinculantes e não ao que se isola pretensamente unitário, unívoco e unidimensional. Por isso que Christian pode dizer que “*Os poemas não são mapas / Os mapas não são poemas*”, posto que o mapeamento é uma espécie de poética dos espaços geográficos tão real quanto um poema, que retira da massa de informações aquelas relações que escancaram o conhecimento escondido. Conhecimento esse que aponta para um modo de construção relacional das diferenças próprio das partes do mundo aptas à tradução e convivência com as variações dissonantes (e que inauguram e promovem outras práticas rítmicas). Uma espécie de *mundanização* rítmico-profana da fé.

Há como que uma lógica interno-externa – inscrita em gestualidades e oralidades sonoro-mestiças que o consciente não tem forças para deter e que o inconsciente extravasa – a reelaborar e refundir uma outra composição, tanto material como espiritual, uma ciência minuciosa de falas e objetos situados no entorno festivo das crenças, atravessando fronteiras num mesmo espaço geográfico):

Criamos então nossos bataques, nossos meios de continuidade relacional com África e América e Europa anteriores ao império colonial cristão português, co-resistindo nos riscos individuais dos terreiros nas formas de

fés, credências e práticas plurifamiliares. Mesmo quando famílias, parentes, amigos, vizinhos se convertem à lógica dos cristianismos e/ou anticristianismos dominantes. O que significa dizer que, na experiência geográfica brasileira, independentemente das identidades religiosas confessadas – eu sou espírita, eu sou cristão, eu sou umbandista, eu sou de axé e acredito em Deus: Pai-Filho-Espírito Santo, eu fui isso e já nem sei quem sou mais --, a realidade habitada dos politetismos envolve nossas credências cotidianas! É tal qual conselho de mães, madrinhas, avós e tias (principalmente), os chás e banhos femininas dos politetismos assentam-nos (e apascentam-nos) na cura tão esperada.

Mas Christian Denny não para por aí. Alerta-nos sobre até que ponto, politicamente nodal, essa “continuidade relacional”, essa produção de eixos, dobraduras e roldanas lúdicas e estéticas num contexto cotidiano de alegria em movimento, apoiada em séculos de experimentação material e de processos criativos da arte e da cultura, é incômoda para todos os pequenos e grandes sistemas, ocultos ou visíveis, de poder, devendo ser forçosamente transformada, de diversidade relacional encadeada, de explosão cultural (Lotman), em fácil e domável “diversidade aceitável”. As consequências são enormes:

Em outras palavras, um Brasil da Macumba, da Umbanda, do Candomblé, do Xangô, do Tambor de Mina, do Bataque, da Jurema, do Santo Daime, da União do Vegetal, do Terecô, dos Espiritismos de Terreiros e de Mesas Brancas, dos Templos e Aldeias de Meditação e das formas cristianizadas de meditação, enquadra-se no modelo Neotetsta sim; desde que tais seguimentos cooperem com a lógica política e cotidiana da diversidade aceitável.

Amália Pinheiro
São Paulo, outubro de 2024

1. COM TRAÇOS, TRAMAS E RISCOS, *HABEMOS SCIENTIA!*

Um desenho infinito há de ocupar sempre o modo de pensar e fazer um conhecimento do mundo. Seu nome moderno, *Geografia*, e seu contexto de referência, o mundo dos sistemas acadêmicos e escolares. Porque neste caso específico de delimitação do conhecimento científico, a hipótese da *forma formante* de Michel Maffesoli – isto é, seu princípio técnico de representação em desenho condensado na força do instante presente – tornou-se tão ou mais importante que o conteúdo: a terra e suas variações especiais? Recolocamos a questão, dado que após tanta autocrítica, a *grafia* da Terra (ou *Geografia*) não assumiu o lugar da *grafia* da Terra?

A delimitação de um questionamento de partida, em um estudo experimental como este, se constitui na ambiguidade dos termos para evidenciar sua premissa. Tudo começa nesta ciência *gaia*; começa e termina no *traço*. Fundação feita, seguimos à estação seguinte, em um *fiat grafos* que propomos ao presente exercício de conversação; a *grafia* ou o *desenho* da Geografia vem a ser, de um lado uma *trama*. Segue um conjunto de fios, linhas, ligações contínuas e desviadas; tudo em busca de tessituras que marquem a passagem ritual do movimento em fixação. O pensamento-ato geográfico, para se fazer presente no mundo, trama seus conteúdos espaciais mais diversos em formas de representação sensível/cognoscível. Portanto, na premissa inicial do questionamento, sem *tramas* não se faz ciência geográfica.

Vamos então para o lado, não oposto, mas transversal. O tal *fiat grafos* se ordena em representações mais objetivas e exteriores compreendendo a possibilidade do *risco*. O tracejado de um contexto físico, partindo do fenômeno mais ou menos relevante ao conjunto sistêmico – rios, praias, morros, campinas, lagos e ilhas, geleira, florestas, raios solares e lunares, nuvens, mangue, enfim, infinitudes de conteúdos elementares – e com capacidade de apropriação em dada unidade paisagística de referência. E nesta partida, o risco seguinte de cinética sempre instável, por motivos, mais naturais ou antrópicos (em ascensão), vem projetar-se em *riscos* de extinção da Casa e da Espécie crente-pensante. Daí uma atenção toda especial pela vinculação entre a capacidade de fazer ciência como *consciência* comunicante. Na Geografia essa *consciência* flui setorialmente – no físico, no humano, no educativo, no cartográfico – tornando dissonantes *tramas* e *riscos* em atos parciais de *imaginar* e dar significado ao futuro do espaço.

Nos reportaremos, ao longo dessa costura muito preliminar (ainda assim pretenciosa), ao conhecimento epistemológico fornecido por dois professores indispensáveis ao projeto, que aqui chamaremos de *mathergeográfico*, conforme ficará evidenciado mais adiante. O primeiro, Gaston Bachelard (1984-1962) cuja obra “migrou” de investigações sobre os obstáculos da racionalidade científica para a profusão de potencialidade da imaginação criadora, capaz de conectar os grandes campos do conhecimento humano, incluindo o estético-científico. Já o segundo, Charles Sanders Peirce (1839-1914), fez do seu trabalho investigativo um “aprofundamento” constante no universo do método científico como pragmaticismo lógico, extraindo de sua natureza semiótica as bases para o enfrentamento dos discursos unitários ou bipolares; aqueles que neutralizam nosso sistema de crenças em empobrecimento ou simplismo epistêmico. Sem maiores conflitos para justificar ambas as “escolhas-guia”, Bachelard e Peirce (mesmo não dialogado explicitamente) beberam em 3 fontes conjuntas:

- a) **uma fundamentada e petulante negação** do pensamento cartesiano-mecanicista; especialmente nas demonstrações de tessituras letivas.
- b) **uma reconstrução heterodoxa** da perspectiva fenomenológica de acolher o mundo no imundo estupor das percepções em busca do racionalismo imaginativo;
- c) **e uma sensibilidade extraordinária** para a reflexão artística no interior da filosofia da ciência.

O que resultou em uma multiplicação de triade favorecendo mil espaços de mil (leia-se infinitos) espaços geográficos de reconexão de saberes.

É possível que diante do parágrafo anterior, todo leitor interessado indague com razão imediata: mas, afinal... *o que estes professores e suas obras referenciais, têm a ver com as tramas e riscos problematizados pela Ciência Geográfica em geral; e, por extensão, com a construção desta Mathergeografia, cognitiva e simbólica em particular?* Eu, tu, nós também necessitamos fazer a mesma pergunta em busca de um saber (primeiro intuitivo, depois hipotético) um método científico aflora por *atos gráficos imaginativos representando concepções* (chamadas aqui de *ideomapas*). O que faz destes atos um mapa-tabuleiro (BREDA, 2019) na caça ao tesouro que posiciona o docente lugar-mundo do pesquisador e vice-versa. Uma amplitude geográfica capaz de imaginar-se como triade semiótica: fenômeno apresentado, espaço de representação e sujeito-espaço interpretando-se, tanto na trama humanista como no risco ambiental. O que evoca uma costura advinda do múltiplo em mínimos simplificados: infinitos que viram três, dois, um código de ciência-linguagem. Viram um verso de universos provedor de sentido.

Quando o geógrafo Hélio de Araújo Evangelista, professor titular da Universidade Federal Fluminense, em seus estudos sobre interdependência dos conhecimentos matemáticos e geográficos no livro *"A Geografia e a Matemática"* (2017), formulou a ideia tronco de que o espaço social de Lefebvre, Harvey, Santos e Soja "é cada vez mais uma realidade matemática", ele chamou tal argumentação de "nossa tese". Comungo da mesma perspectiva, promovendo no neologismo *mathergeografia* a inclusão de duas espacialidades ao campo social: a material e a natural.

Hélio Evangelista encontrou muitas formas de demonstrar que o mundo digital dos bits, algoritmos e máquinas pós internet reapropriaram os espaços geográficos de nossos conhecimentos modernos, em uma explosão de controles e pontos de fuga e desafios ético-científicos. E enquanto isso, o deslumbramento estético – portanto gráfico e plástico – dilata a perspectiva positiva ingênua de que evoluímos no abismo global dos controles numéricos da vida terrestre. Mas a comunhão com a tese, trama e risca uma aventura; ou para ser mais explícito; um exagero. Vejamos, em breve síntese, como tal movimento do *exagerado... jogado aos pés* de uma lógica simbólica (parodiando o poeta Cazuzu) busca o firmamento da Geografia como ciência cognitiva.

Nossa outra tese assim exagera: *todas os complexos identificados e redesenhados como espaço geográfico forjam realidades conectadas pela expressão geométrica de vontade de representação*. Sim, a Geografia não é um reducionismo geométrico ou geomórfico; mas enquanto fenômeno de evidenciação cognitiva, avança – isto é, pode ou deve avançar – para a condição de uma *Mathergeografia* que necessita progressivamente de formas e métricas dos saberes linguísticos e/ou matemáticos. Não cabe neste exagero considerar se a Matemática e/ou as Ciências da Linguagem demandam mais ou menos conhecimentos do que a Ciência Geográfica para exercerem conexão segura aos desafios contemporâneos. Cabe apenas admitir, que o inverso tende a ser verdadeiro, para o bem ou para o mal, desde que aquilo que chamamos de matemática – tal qual os professores "matemáticos" que nos inspiram aqui – seja, cada vez mais, um expansivo sistema de linguagens. E neste..., por tramas e riscos, *Habemos Scientia*.

Temos um caminho a trilhar para fortalecer esse argumento! Contudo, não precisamos projetar uma espécie de presunção apressada pela vontade de convencer aqueles que naturalmente estranhariam um discurso heterodoxo de um geógrafo afeito a neologismos. E, também, distante dos monopólios discursivos, que há 200 anos fixam uma narrativa acadêmica convencional para evolução da Geografia no Ocidente. A construção cognitiva (e seus vínculos simbólicos múltiplos) não visa negar as narrativas canônicas; visa lembrar apenas, por metáfora, metonímia e matemática aproximativa, que as narrativas

apócrifas nascem do direito e do dever de estudo e podem permanecer “escondidas” (no sentido grego); mas não são “renegadas” naturalmente. O que elas, 99% ou mais das vezes não possuem é um programa de aplicação; um lócus escatológico que de destinação a sua própria elaboração. Por isso, o desenho da Mathergeografia aqui traçado não deixa de ser o processo de ensino-pesquisa aprendizagem, que ultrapassam as triades de Peirce e os quadriláteros elementares do imaginário bachelardiano. Atingem a roteirização de aulas em tessitura (aulas-texto).

No *teatro apócrifo* do presente livro, nossos objetivos serão traçados em três atos no palco reflexivo, até o alcance de um 4º movimento-lugar, de bastidores (em poemas e mapas) rumo a outras *mathergeografias* procedimentais, situadas no fazer turismo trama-risco de coleta científica; especialmente no desenho investigativo da relação campo/laboratório/teorias operacionais (teoremas).

Em um primeiro ato, vem o panorama dos *Estudos cognitivos em geografia: um redesenho*. A ideia aqui é indicar um movimento referencial para a compreensão espacial cognitiva no vínculo direto com uma lógica da aprendizagem, centrada no humanismo ecossistêmico e situado em premissas já elaboradas faz 7 décadas por Eric Dardel quando afirma: *o geógrafo que calcula vem atrás; a sua frente vem um homem a quem se descobre a face da Terra* (2011, p. 7). Tal face indica um mover-se na vanguarda espacial, no aprender cognoscente. O item *Cognição e campo científico* ampara essa pré-geografia necessária aos exercícios das quantificações e qualificações acadêmicas. Adiante, em *Geografia, linguagem semiótica e imaginação*, o ato comunicacional dos passos, em rastros e tramas vivenciadas ganham a marca dos desenhos nas grafias impressas dos arredores (meio imediato), por intermédio de outras dimensões (meios distantes).

Uma viagem pela memória seletiva de nossas instáveis e instigantes no laboratório da sala de aula dos cursos de graduação e Pós-graduação, em Geografia da UFC, nos forneceu o passo seguinte: *Um método de trabalho no mapeamento cognitivo*. Tributário de variados caminhos metodológico o circuito da 4 fases intitulado Níveis de Compreensão do Espaço ajudaram a fun recomposição das aprendizagens letivas da pesquisa no ensino ao ensino-pesquisa. De nossa tese sobre templo mariano, passando pelo livro sobre turismo religioso, até sedimentar a disciplina da pós-graduação – *Dinâmica dos Lugares Simbólicos: Imaginação e Planejamento* – foram necessários 15 anos para posicionar o mapeamento cognitivo no epicentro de nossa geografia cultural.

Todo esse processo advém de reflexões em estudos sobre patrimônio cultural com enfoque dos bens festivos e religiosos, fazendo emergir o 2º ato

com o título *Mathergeografia: rede de conexão de saberes culturais*. Aqui a cultura geoeeducacional encontra eco nos modelos de santuário e seus simbolismos. O patrimônio cultural, das materialidades às festividades expressas, constitui um fenômeno estratégico à ação cognitiva de compreensão cultural.

Um item de abertura é intitulado *Modelos de Santuários e Vetorização Patrimonial*, fazendo aproximar os estudos do turismo, das matrizes religiosas e das práticas festivas do que as humanidades técnicas e científicas podem reconhecer como saberes patrimoniais. Vamos aqui compor exemplos dos itens para prosseguir no fortalecimento de uma teoria vetorial do espaço simbólico, na qual a triade *Mítico-Religiosa, Midiático-Ecossistêmica e Turístico-Política é reapresentada*. Essa triade de pares em tensão, reúne saberes que funcionam como forças que atravessam o horizonte das representações culturais/naturais de bens geográficos. No item *Dos saberes em pares ao contra vetor*, aparece a reação/resistência do interior do bem cultural; ali resumimos como a emergência ética-estética atua, advinda de um quarto movimento vetorial, que será tratado no item *Novos Saberes em Conexão didática: Aulas de Matrizes Religiosas*. Aqui será possível considerar a interatividade da proposição de santuário e vetores patrimoniais, as interfaces educacionais de uma geografia comunicacional, forjada para fundir produção e difusão de conhecimentos. Desenvolvemos um conjunto de aulas-texto para enfrentar o vácuo ético-educacional da suspensão de aulas presenciais por mais de três meses de paralisação sindical nas universidades federais (15 de abril a 3 de julho de 2024). Assim, toda uma programação da disciplina optativa *Espaço-Tempo das Matrizes Religiosas* reformulou-se na sequência de saberes, conectando espaços teístas e leitura cognitiva foi feita em 9 aulas escritas (aulas-texto), agrupadas em três blocos sucessivos (ATMR).

Passando para o 3º ato da proposição no simbolismo teatral, denominamos o 4º capítulo por *Cognição Simbólica em Formação Docente para articular uma continuidade das aulas-texto (ATs)*. A disciplina obrigatória intitulada *Oficina Geográfica II* seguiu passos similares aos de *Matrizes Religiosas*. Foi reinventada neste intercâmbio formativo voltado a incentivar a produção de conhecimentos letivos na imagética de sons e imagens. O item *Resignificação de ideomapas nas Oficinas de Material Audiovisual*, os dois blocos de aulas (ATOG), reunidos para uma nova sequência textual, trataram variantes do tema *Xenofobia*. Dessa vez, preparando caminho para o olhar-pensar-criar artístico na construção das estratégias de transposição didática ao ensino fundamental e médio. A ideia foi renovar a perspectiva de que a formação docente sucede e antecede a elaboração cognitiva e seus meandros de qualificação do espaço simbólico.

Mathergeografia de Experimentos Artísticos: do Expurgo ao Reliex intitula o avanço dessa transposição para o acompanhamento supervisionado dos estágios no ensino fundamental, do 6º ao 9º ano. Diante da não paralização das atividades na escola, tivemos a oportunidade de acumular uma perspectiva de orientação das práticas de ensino – observação, participação, planejamento, instrumentalização, avaliação e regência – no enfoque desafiador do jornalista Will Gompertz, autor do livro *Pense como um artista... e tenha uma vida mais criativa e produtiva*, para reler a ciência/tecnologia dos mapas cognitivos como arte geográfico-educativa.

Os processos cognitivos que, ao longo de 20 anos têm fomentado diversos trabalhos de pesquisa, ensino e extensão no Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaço Simbólico (LEGES/UFC), encontram um lugar de atenção no item *Ideomapas em Oficinas Carnavalescas: Modelos Futuros*. Aqui é possível rastrear os antecedentes técnicos da discussão que vem sendo sistematizada em duas décadas, só encontrando uma forma de assentar bases metodológicas na publicação do livro *Atlas Memorial Docente: Arte-Patrimônio e Cognição Emocional Geoeducativa* (OLIVEIRA *et al.*, 2022) e permitindo novos projetos de tecnologia, inovação e extensão, mencionados anteriormente.

A fase adiante está na demonstração sintética de que o estudo das folias de momo, com enfoque de dois projetos sobre a escala internacional das simbolizações patrimoniais e turísticas de urbes (cidades em eventos) carnavalescas patrimonial, se ancora na aprendizagem espacial da fenomenologia abdução de Charles S. Peirce. Lidamos o tempo todo, com os reposicionamentos que a Mathergeografia oferece às Ciências Geográficas; especialmente no movimento de trânsito entre pesquisa ↔ pesquisa ↔ sistematização extensionista.

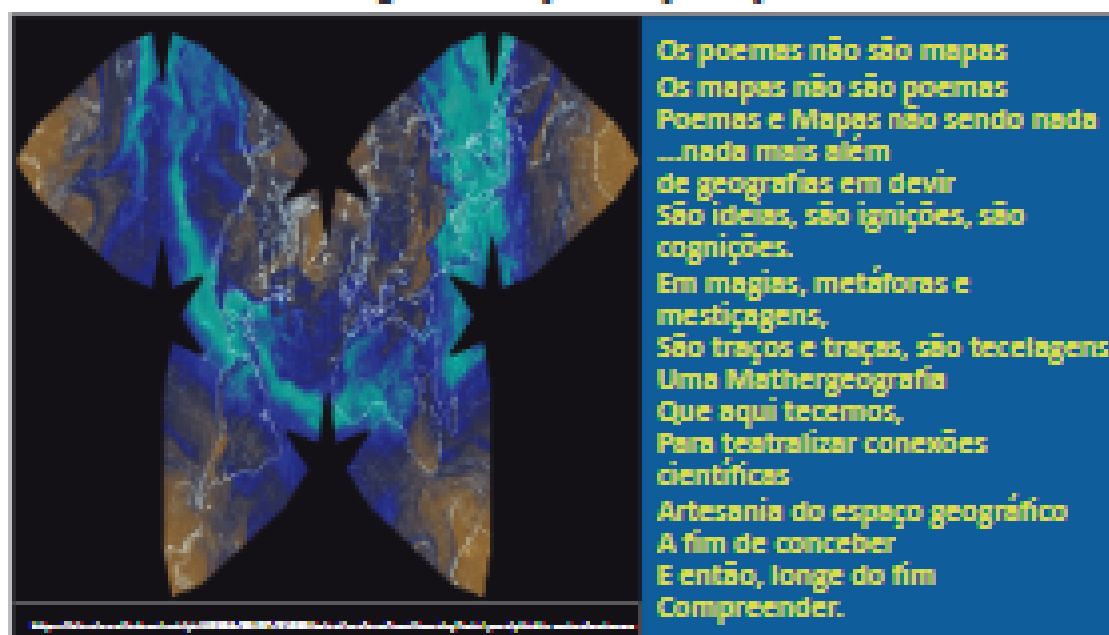
Poesias em prosa e mapa em conceituação, aponta a partir do fenômeno carnavalesco uma interconexão entre Natureza/Cultura, tornando indispensável o pensar sobre as matrizes religiosas e jogos imagético-sonoros na reconfiguração das festas momescas. Pois o espaço do carnaval tende a corresponder a uma *didática do caos* no desafio aos ordenamentos semióticos.

Se as bases acadêmicas da formação de professores da educação básica e superior (incluindo mestres e doutores) puderam conectar a cognição simbólica aos campos diversificados dos espaços humanistas e culturais, uma série de aportes temáticos tendem a integrar-se ao velho desenho epistêmico da Geografia. E “velho” aqui, indica uma correlação direta e assertiva com a categoria “tempo” e sua semiótica contextualizada nos lugar-mundo de nosso mapeamento (RELPH, 2012). Peirce, como veremos, para edificar sua filosofia dos signos precisou devolver ao método científico uma aliança com o sistema de crenças. Por isso será fundamental acolher a parte final deste trabalho com uma elaboração aberta e ousada frente ao conceito-desafio de

transcendência. Saindo da ênfase teatral e retornando berço gráfico do estudo, redigimos o último item, no 5º tópico: *Tecidos em Tramas e Riscos: Geografias de Poemapas e Mapoemas*. Aqui se posicionam argumentos conclusivos, em caminhos abertos ao futuro do presente. Um devir do realismo metafísico de Peirce e da imaginação científico-poética de Bachelard, reconstruindo as possibilidades do turismo como procedimento metodológico às práticas de visitação ao campo, refinadas em laboratórios e teoremas. A tessitura de mapas e poemas forjaram 8 passos que consideramos indispensáveis na consolida o cognitiva desse procedimento intitulado Turisgrafia. A Mathergeografia, como ativa e teatral cogni o das geografias da natureza e da sociedade, reintegra e vem requerendo o aprimoramento das visita es científicas em Turisgrafia sistemática. Pesquisas e Aulas sugerem esse entrelaçamento.

Entrelaçando no palco do mundo essas variedades de estudos, estejamos prontos para navegar nas imagens, planisférios dinâmicos e associativos de mapas e poemas. Que tal começar do zero, na figura o de um mapa-mundi assim?

Figura 1 – Mapoema e poemapa



Fonte: Elabora o do autor (2024) com uso de imagem de <https://classic.mallinchool.ac.uk/>.

2. ESTUDOS COGNITIVOS EM GEOGRAFIA: um redesenho

O enquadramento científico de campo do conhecimento, como a geografia tem sido uma tarefa teórica, recusada pela maior parte dos estudiosos de qualquer área. E não sem motivo. Acontece que a teoria costuma desencantar o que a prática seduz e alimenta. Entre produzir e consumir um conhecimento, reza a lenda e o senso comum, que a preferência – talvez pela força da memória infantil – tende sempre para a segunda opção.

Quem se aventura em uma obra como esta que iniciamos, mesmo em busca de uma didática da produção, precisa estar atento aos indicativos que dão vantagem à sedução do consumo. Dai lembrar, logo de início, que a Ciência Geográfica – direcionada aqui pela força simbólica da *Mathergeografia* que a envolve – não precisa abandonar nenhum dos enquadramentos clássicos, capaz de orientá-la na tradicional duplicidade Físico-Humana, conhecida desde o século XIX da Europa ocidental. Embora, sem esse nome de filiação greco-romana, um saber espaço denso, potencializado sempre pela interação natureza/cultural, estivesse capturado por toda jornada “*sapiens*” da espécie humana na totalidade dos seus habitats.

Ela também não necessita ignorar o peso prático e popular de seus vínculos escolares e cartográficos; vínculos estes instrumentais e facilitadores do processo de fusão que orientou a Geografia como ciência socioambiental. Afinal, seja pela perspectiva humana de um lado ou pelo arranjo dos conhecimentos físicos do outro, o fazer geográfico pode e deve estar atento (sempre) a esta alteridade ou parceria epistêmica. Em outras palavras, podemos dizer que um estudo de geografia física não perde de vista o humanismo e o contrário se estabelece, embora muitas vezes não se explicita.

A tarefa didática de enquadramento aqui tem a ver sim com um movimento teórico, porém, carece apresentar-se na lógica do consumo; algo bem mais acessível, prático e sedutor. Caso contrário, por que razão continuaríamos na leitura de uma frase que causa a dissonância do estranhamento: *Como assim... estudos cognitivos em geografia? Estamos falando de uma nova tendência geográfica na área da saúde, da Medicina, da Neurologia ou da Psiquiatria?* O autor que vos escreve afirma que não! Estudos cognitivos são estudos de aprendizagem, simples assim. Aprendemos por cognição. É a partir deste básico sentido que a Geografia se apresenta como um estudo cognitivo.

Claro, não precisamos ser falsos, nem maliciosos. A simplificação termina aqui. Se não, para que um livro sobre algo tão simples não é mesmo?

A *complexidade* do pensamento e a materialidade das ferramentas, cujo ápice alcançou o séc. XX com o nome de *computador*, formam as "Colunas de Hércules", abrindo o mar Mediterrâneo ao Atlântico da pós-modernidade. Uma metáfora de estímulo navegante para deixarmos o tenebroso porto da introdução (sedutora em expectativas) e entrarmos na fluidez corajosa do mar que nos guia – na companhia fértil e interpessoal do leitor – da reflexão à escrita e da releitura à descoberta de outros portos. A complexidade foi apontada com suas primeiras bases na exposição preliminar da trama da Geografia Humana e no risco da Geografia Física. Claro, em formato gráfico para imprimir (conceitualmente) os vínculos entre conhecimento espacial e desenho. Ainda será aprofundada em temas culturais que ampliam o prefixo *mathêr* em seus múltiplos significados.

Tomemos aqui primeiro caminho do "totem" computador. Por ser mais concreto, perceptível e até atraente, frente à magia tecnológica das revoluções, os computadores gerenciam a objetividade dos meios de provar muito do que se sugeria faz 2.500 anos no conhecimento ocidental. Howard Gardner abriu seu livro *A nova ciência da mente* (2003, 3ª edição) afirmando que a explosão pesquisa, sobre as Ciências Cognitivas, só podia aprofundar os diálogos de Sócrates (*Ménon* de Platão) e a infinita pluralidade das ciências modernas no uso sistemático das máquinas computacionais. E tais máquinas forjam o meio imagético telemático e digitalizado de compor mensagens que emergem do espaço vazio das folhas em forma de telas ao espaço cheio de códigos desenhados em significantes-significação-significados. Em regime triádico, consolidado pela filosofia da ciência Semiótica de C.S. Peirce (1839-1914), nos referimos à construção cognitiva do signo-objeto-interpretante capaz de se redesenhar como símbolo.

E aí vale a pergunta mais direta: Por que enfatizar a primazia do símbolo, se seu abstracionismo cede tanto terreno para a falta de lógica das convenções? Se sabemos que o símbolo não herda as similaridades das formas sensíveis (ao contrário dos ícones) e nem de conteúdos causais (ao contrário dos índices), para quê e por que situá-lo com tanto destaque no âmago da reflexão espacial? Antecipemos a resposta: Porque aquilo que é simbólico não ignora jamais as propriedades de similitude dos signos icônicos; muito menos impede a causalidade dos signos indiciais para compor-se plenamente como signo de signo de síntese em profusão. Todo símbolo é um complexo abundante de significados, que emerge com uma aparência simples e enigmática. E amiúde, sempre tem mais e mais a dizer. Ele alimenta convívios representacionais e mediadores de que se pretende

compor em polissemia. Em outras palavras, o simbólico é um multiplicador de significados, mesmo quando o interpretante contextualiza a escolha de uma significação mais “verdadeira” ou favorável à construção do sentido e direção preferida.

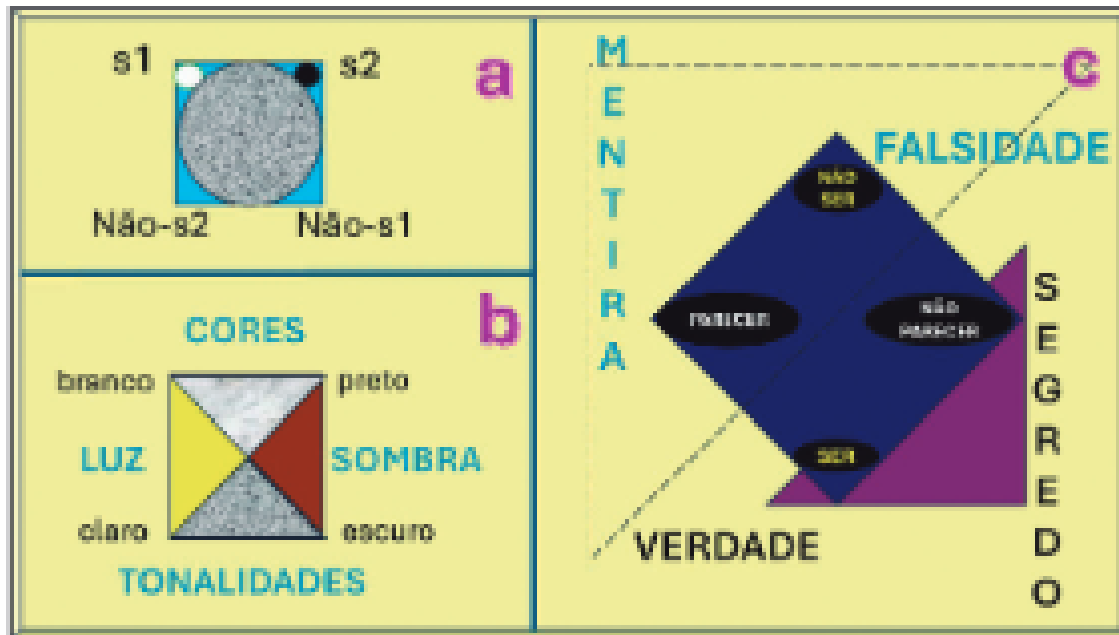
Ainda que tenhamos o esboço da tríade Peirciana na referência principal de nosso desenho analítico, é interessante absorver o caminho quadrilátero da análise semiótica proposto por Volli (2015), utilizando pressupostos lógicos de Aristóteles, reinterpretados no Quadrado Semiótico do lituano A.J. Greimas (1917-1922). O segredo multiplicadamente revelado na estrutura de oposições quadrangulares encontra-se na dupla oposição de extremos ideais nos lados e naturezas afirmadas e negadas nas áreas que envolvem as diagonais.

O exemplo central de Volli (2015, p. 72-77), para demonstrar o quão estático ou dinâmico pode ser a inflexão dessa estrutura é pensar quatro vértices: branco e preto nos vértices superiores e não-preto e não-branco nos inferiores. Entre cada um deles, uma série infinita de colorações podem constituir uma interpretação textual. Entretanto, o contexto pode reduzir os vínculos de significação, ampliando as correlações derivadas. Por exemplo: um contexto publicitário de produtos de limpeza pode pôr o branco no ideal de eficácia; o preto, no ideal de sujeira; e vértices da dupla negação na concorrência entre as marcas, projetando formas de aproximação e afastamento dos tons de cinza. Contudo, quando o assunto se transmuta para a força simbólica das questões étnico-raciais, nas quais “branco e preto” tornam-se índices de cor da pele, a mediação dinâmica do *cinza* desaparece, dando espaço simbólico às disputas identitárias da mestiçagem, em pardo claro/escuro, moreno e marrom. Ou, conforme o foco em disputa, absorver todo o *não preto* como *branco*; e todo o *não-branco* como preto, necessariamente.

Esse é um exemplo esquemático que emerge da linguística semiótica para a tecelagem matricial da geografia. Tecelagem que estamos compondo no entrecruzamento texto-imagem deste primeiro capítulo, sem a qual não consegue avançar para a trama das demais associações pesquisa-ensino e vice-versa.

Observemos na Figura 2 a seguir a condução prospectiva do quadrado semiótico revelando interligações cruzadas para possibilitar a criação de nichos articulados de triangulação. Na primeira parte temos o esquema geométrico base com a letra “a”; na segunda, a exemplificação com a lógica dos extremos – polêmicos e controversos, frente à leitura ideológica cada vez mais emergente em nossos tempos de guerras culturais, letra “b” – e na terceira, a variabilidade de leituras quando deformamos o quadrado para ver outras figurações possíveis, rumo ao tratamento metodológico (letra “c”).

Figura 2 – Quadrado semiótico de Greimas



Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Volli (2015).

O Quadrado Semiótico vai nos conduzindo, didaticamente, para uma percepção de oposições capazes de sugerir diretamente *incompletudes* – branco que não se resolve no preto nem no não preto; ser que não se resolve no não ser, seja pelo parecer, seja pelo não parecer – e *alternativas mediadoras*: no setor “b”, entre o “branco” e o “escuro”, o preto pode ser considerado “cor” ou “sombra”; no setor “c”, entre a “verdade” e a “falsidade”, no campo dos valores, “mentira” é possível de um lado; “segredo” é possível de outro. O que importa é a visualização de um quadrado semiótico como uma multiplicação, 1, 2, 3, 4 ou até mais, possíveis triângulos analíticos.

A respeito desta estrutura que nos lega a força analítica das triangulações, com as quais, mais adiante, vamos pensar a perspectiva dos mapeamentos cognitivos, Volli nos permite discutir a força semântica da oposição de conceitos. Aqui selecionamos alguns curtos e sintéticos excertos de sua explicação.

O modelo mais eficaz para representar esse funcionamento opositivo do eixo do sistema é o quadrado semiótico, um antigo dispositivo lógico que remonta a Aristóteles, e que foi usado na semiótica contemporânea, sobretudo pela escola de Greimas. Serve para determinar e desdobrar um conceito em relação aos conceitos que lhe são opostos. [...] No momento que construímos um quadrado semiótico, geralmente nos referimos a uma cadeia sintagmática dada, que consideramos ter encontrado no texto. E é com referência ao modo como funciona esta cadeia que se estabelecem os termos opostos. [...] Enquanto os opostos se excluem mutuamente por

definição, os subpostos mantem uma polaridade opositiva, mas podem ter em comum zonas intermediárias. [...] Podemos, então, interpretar, por exemplo, os valores linguísticos de uma fotografia em preto e branco, e o sutil jogo de luminosidade que a anima. [...] Vale a pena considerar em particular o *quadrado da veracidade*, isto é a aplicação proposta por Greimas, do quadrado do tema do ser ao parecer, tão importante no âmbito narrativo. É este um tema aplicado largamente no campo da semiótica greimasiana para descrever a situação de personagens e, também, de discursos científicos (Volli, 2015, 72-75).

Uma ontologia reaplicada nos sujeitos e objetos espaciais da Geografia Cultural-Humanista, fomenta essa passagem do quadrado greimasiano ao triângulo peirciano, fundamentalmente por uma perspectiva central. A investigação geográfica fomentada neste projeto de síntese compreende os opostos espaciais como filiados a uma geografia primeira. Nas palavras de Dardel (2011), uma *geograficidade pré-científica*, no qual toda análise necessita firmar um momento de equilíbrio, de descanso, de repouso ainda que limitado pela efemeridade do ato perceptivo daquele instante. Ponto de respiro silencioso, que para voltar a constituir processo científico, nomeadamente acadêmico ou moderno, deve dialogar com o fazer artístico (das artes clássicas, da filosofia ou da religião). O encerramento de um texto (parcial ou total), no espírito das “considerações finais” de um estudo acadêmico, envolve esse roteiro de uma triangulação de categorias que se multiplicam pelas triangulações dos silêncios. Daí ser indispensável mesmo sem visualizar o *não perder de vista* a infinitude das potências ausentes do conhecimento manifesto. Infinitude da *primariedade* que não contemplamos, da *secundariedade* que não conhecemos e da *terceiridade* que ainda não pode compor nosso raciocínio cognitivo. Para dialogar ironicamente com as categorias do racionalismo de Peirce (Santaella, 2004), diríamos se tratar de um quarto vértice do triângulo em “*veridade*”, leia-se, em circuito de signos contínuos!

2.1 Cognição e campo científico

O que vem a ser esse vulto assustador, recém trasladado dos vínculos pedagógicos, filosóficos e neurológicos para os discursos das ciências naturais e humana, com o nome de COGNIÇÃO? Podemos e devemos buscar alívio da dúvida em hipóteses naturais disparadas pelo regime estético da semelhança de palavras. Ninguém que queira trabalhar com uma proposição dos saberes geográficos contemporâneos, intitulado seu texto como Mathergeografia, consegue, a essa altura, permanecer imune à razoabilidade dos sons e imagens associativas. Algo “*com ignição*” – portanto, alguma coisa ligando motores

à combustão, por intermédio de um *disparo* de correntes elétricas – ajuda a tornar essa palavra-tema indispensável ao presente estudo? Certamente, esse movimento de montar e desmontar um léxico de áreas afins para fazê-lo integrar-se ao vocabulário geográfico, já pode dar-se por satisfeito em 2/3 do desafio. O terço restante é o que nos interessa mais e melhor. Vamos a ele.

O blog do Instituto Cognitivo assim comunica sua definição para o termo: *Cognição é uma palavra associada ao processo de aprendizado e elaboração do conhecimento. É a partir do processo cognitivo que o ser humano consegue desenvolver suas capacidades intelectuais e emocionais, isto é, linguagem, pensamento, memória, raciocínio, capacidade de compreensão, percepção etc.* (<https://blog.cognitivo.com/significado-de-cognitivo/>). O enfoque na aprendizagem, em princípio, daria ao campo educacional uma vantagem de associar todas os conhecimentos, que cooperam com a prática de ensino – filosofias, ciências, artes, técnicas e éticas escolares, como a Geografia – aos postulados das Ciências Cognitivas. Fernando Vidal e Francisco Varela, em um trabalho instigante intitulado *Somos nosso cérebro: Neurociências, subjetividade e cultura* (2016), demonstram, contudo, que a magia das neurociências vem emergindo no sentido contrário à articulação das linguagens acadêmicas. Dos avanços tecnicistas com suas “revelações” imagéticas, na capacidade de operar cada vez mais sofisticados e microscópicos do mundo neuro-cerebral, até multiplicação de identidades culturais e locais, quase tudo, neste 1º quarto do século XXI, tem funcionado para negar a “humanidade como cérebro”; e derrubar, assim, postulados que invoquem a compreensão da cognição como aprendizagem, pura e simplesmente.

O ato de colocar em “cognição” – ou seja de ligar, de acender com, de tornar ígneo, incandescente algo ou alguma coisa – pode sinalizar um desejo especial de fazer diferente; um desejo efetivado na inovação que se diferencia da prática cotidiana. Entretanto, a epistemologia de Peirce nos ensina que conceitos e signos são, independentemente das mobilizações extraordinárias, atos cognitivos e cognoscentes, em fluxo constante de pensamento-ação. A cognição é o reconhecimento, portanto, da vida humana como realidade do mundo de eternos significados, ora ocultos ou inconscientes (na maioria dos tempos vividos); ora revelados nas tensões conscientes, do pensamento-ação, em *conceitos*. Essa espécie atômica e fundante de todos os conhecimentos simbólicos, conectados a interpretantes racionais (sistêmicos ou não), que forjam nossas crenças no mundo. Mas se precisamos sistematizar o proceder cognitivo – por qualificação, quantificação e conectividade da Ciência Geográfica que fazemos – necessitamos lidar com conceitos operatórios deste campo científico.

Em 1859, mesmo ano da publicação disruptivo livro *A Origem das Espécies* (24 de novembro), de Charles Darwin, morrem na Cidade de Berlim,

Alexsander Von Humboldt (6 de maio) e Karl Ritter (28 de setembro). O que isso significa, além da curiosidade de associações tempo-espaço mais imediatas? No modelo das cognições que fixam os três nichos metódicos de crença (tenacidade, autoridade e a priori), tidos como pré ou anticientíficos pela perspectiva de Peirce (2021), talvez um jogo de poderes místicos, capaz de nos fazer pensar cognitivamente em “desvios” da verdade. “A Fixação das Crenças” (2021, p. 31 a 56) é o texto seminal do filósofo estadunidense, brilhantemente relido por Lucia Santaella no livro *o Mal-Estar da Cultura Revisitado* (2024), ao qual voltaremos adiante para o encadeamento metodológico deste item como indicativo de uma releitura de nossas geografias como uma Mathergeografia. Antes é preciso confirmar porque chamamos a dupla de pais fundadores da Geografia europeia (Humboldt e Ritter) a esse momento da discussão sobre cognição.

Os projetos geográficos que sucederam o ano da virada de 1859, estiveram muito mais associados à composição de uma quanti-qualificação das pautas imperiais (de integração aos polos colonialistas) e nacionais (de integração dos novos estados nação) do que ao intercâmbio de parcerias étnico-civilizatórias ou à constituição de cidadanias globais. Essas duas últimas possibilidades ficaram em perspectivas contestatórias, promovidas a utopias políticas e existenciais – como o anarquismo libertário de Elisée Reclus (1830-1905) e o humanismo ambientalista de Yi-Fu-Tuan (1930-2022). O triunfo do modelo geográfico que invoca uma ciência de estado, apenas contestada no limiar das crises da segunda metade do século XX (econômica, ecológica, tecnológica, democrática) é o da Conferência de Berlim (15/11/1884 a 26/02/1885). E novamente, a cidade do tumulto dos pais fundadores é a cidade berço da ordem estatista de nosso modelo orgânico de ciência.

Um século depois, os abalos da crítica socioambiental e patrimonial, emergentes das Conferências de Estocolmo (1972) e Rio de Janeiro (1992), abriram caminhos para a Virada Humanista Cultural e Educativa na geografia brasileira. Foi neste contexto que reconectamos nosso campo científico-geográfico à força da diversidade investigativa e às especialidades (ora isolantes, ora interdisciplinares). Funda-se, no limiar do século XX para o XXI – transcurso dos últimos 45 anos, se tomarmos o subversivo Encontro da AGB e a regulamentação da profissão de Geógrafo de 1978-1979, respectivamente – uma acessibilidade multifacetada de interesses. Caminhos étnicos, regionais, de gênero, de gerações e, principalmente, de compromissos de categorias temáticas e classes sociais evidenciam os parâmetros de quanti-qualificação e qualificação do fazer-pensar das Ciências Geográficas. Contudo, não se rompe a unidade política, que nos parâmetros das associações de profissionais e pesquisadores (notadamente AGB e ANPEGE), gestam as fronteiras

epistêmico-territoriais das Ciências Geográficas, incluídas e excluídas no direito de terem seus temas/estudos assim intitulados. A cognição geográfica deixou a exclusividade do interesse estatal e geopolítico para acender os fornos (ou a piras) das corporações de ofício. Avanço da sociedade civil ou de suas lideranças? Os muros da Geografia, ainda que bem mais dinâmicos no presente século, continuam a manter portais (de entrada e saída) muito restritos para assuntos pré-geográficos ou uma infinidade de temas “discutíveis”! Perguntariam nossos Humboldt & Ritter no controle desse portal do saber: *onde estaria a geografia nisso, Professor, que você está carregando aqui para o interior de nossa academia científica?*

2.2 Geografia, linguagem semiótica e imaginação

A geografia que se propõe fazer e refazer, de ciência acadêmica à linguagem flexível, infinita demanda do ato comunicacional da contemporaneidade, requer essa *composição* (leia-se vestimenta e comportamento para ação) *Mather*. Passos de registros dos caminhos (percorridos, desviados ou porvir), fomentam rastros e tramas em triades múltiplas de diálogos entre objetos, signos e interpretantes. Os três elementos da pressão comunicativa acessam os arredores imediatos por decodificações experimentais de outras dimensões, mediadas e distantes. A linguagem semiótica, em imaginação criada por *Mather*geografia, demanda convívio (efetivo e afetivo) com a instabilidade plena dos jogos, das disputas, das narrativas de final aberto ao acaso. A ideia deste item é acolher a força criativa da imprevisibilidade do estudo como critério operatório da consistência científica da geografia. Se estamos produzindo gerações de estudiosos do espaço, denso de significados, após as *viradas epistêmicas*, quais *sentimentos de mundo* motivaram as visões e idealizações que antecederam essa virada?

A linguagem semiótica, em sua lógica racionalista, parece não cuidar de indagações sinceras sobre os postulados do sentimento. Contudo, essa impressão está muito distante da filosofia semiótico-pragmática de Peirce e, simultaneamente, não consegue juntar os fragmentos acadêmicos, excessivamente discriminatórios, que viram apenas descontinuidade entre o Bachelard diurno, da epistemologia retificadora, e o Bachelard noturno, da poética do espaço, nos quatro elementos naturais, água, ar, terra e fogo.

Sempre será preciso lembrar que o acolhimento sistemático de uma racionalidade para explicar densidade e vivência espacial como “geográfica” associa-se menos à escolha de método do que a teorização de uma cosmologia. Muitos percursos demonstrativos de que as concepções clássicas do quinteto Território ↔ Paisagem ↔ Lugar ↔ Região ↔ Espaço podem assumir

infinitas caracterizações advêm do exercício filosófico de reinterpretação da linguagem científica. Ruy Moreira (2001) apresenta uma rica relação dessa busca constante pela consolidação de categorias no texto *As categorias espaciais da construção geográfica das sociedades*. Sua cosmologia está desenhada em edifício materialista e hegeliano; portanto, desenhada em função de um outro tipo de tríade evolutiva. Pensar as práticas espaciais envolve, segundo ele, três momentos e suas dialéticas.

Três fases sequeciam-se nesse processo: da montagem, relacionada a prática da seletividade; do desenvolvimento, relacionada as práticas da tecnificação, diversidade, unidade, tensão (localização x distribuição), negatividade (unidade x diversidade, homogenia x heterogenia, identidade x diferença), hegemonia, recrutamento, escala e reprodutibilidade; e do desdobramento, relacionada as práticas da mobilidade, compressão, urbanização, fluidificação, hibridismo e socio-densificação. Um processo que se reinicia pelo movimento permanente de reestruturação (Moreira, 2006, p. 1).

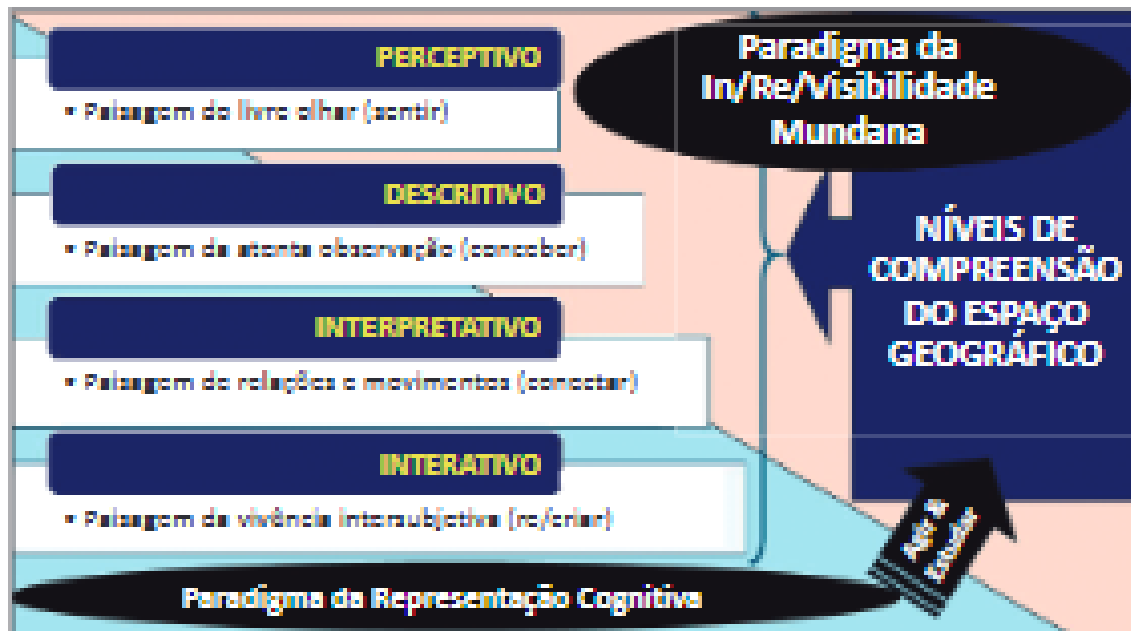
O parâmetro que nos motiva a essa menção, não é conectar o pensamento do autor ao redesenho que estamos elaborando; mas observar que uma série de conceitos, tidos preliminarmente como “não-geográficos”, categorizam-se em um sistema de pensamento geográfico. Assim sendo, uma linguagem geográfica, em perspectiva de ampliação e correlações teóricas, precisa operar com efetiva semiose do pensamento para que os conceitos, no quinteto mencionado, absorvam a condição de avanço explicativo na representação de uma geografia consistente. Nesta, as cinco categorias demandam qualidade de integração.

E a linguagem mais representativa da realidade, operada em uma ciência de forte comprometimento empírico, dificilmente renuncia a articulações hipotéticas. O que significa, no enfrentamento dos obstáculos epistemológicos da filosofia bachelardiana, o acatamento de uma ambiguidade indispensável: evitar a imaginação delirante (a *louca da casa*) e buscar o princípio imaginativo do pensamento criador de alternativas. Peirce diria que esse movimento é apenas aparentemente ambíguo. Fazendo parte do raciocínio abduutivo essencial a todo movimento preliminar de construção hipotética (os *insights* intuitivos), Peirce concebe o movimento imaginário do pensamento científico como disposição e disponibilidade para a ação investigativa. O trabalho geográfico, nestes termos, passa a ser iluminado pelo movimento de: a) atenção sobre as percepções; b) estranhamento dos elementos descritos; c) busca conectiva de fatores imediatos e mediados em situação interpretativa; d) interatividade ético-estética, no redesenho da ordem; e) uma ultrapassagem da dúvida no hábito compreendido.

Os itens deste trabalho geográfico, atualizados pelo guiados pela categoria cultural humanista da paisagem (Andreotti 2013), tem sido desenvolvidos

em um quarteto de etapas (também semióticas), intitulado como *Níveis de Compreensão do Espaço* (Figura 3), desde o livro *Sentidos da Geografia Escolar* (Oliveira, 2010).

Figura 3 – Níveis de compreensão do espaço geográfico



Fonte: Elaboração do autor (2024).

Na ocasião de nosso estudo de mestrado em Geografia Humana, entre 1989 e 1993, organizamos uma amostragem de trabalhos de geografia escolar, na rede pública do município de São Paulo, envolvendo o levantamento direto de representações do ensino-aprendizagem da espacialidade nas primeiras séries dos anos finais do Ensino Fundamental (atualmente os 6º e 7º anos). Ali, as bases teóricas integradas – fenomenologia da percepção, semiótica dos desenhos e aprendizagem significativa – fomentaram a adoção desse esquema de leitura em 4 níveis de avaliação da compreensão discente sobre o espaço geográfico. Conforme a Figura 3, os níveis são traduzidos por *sentidos paisagísticos* e associados aos 5 sentidos sensoriais (metaforicamente, lembrados nos capítulos do livro de 2010) como uma forma de aprofundamento e interação das dimensões espaciais sensíveis à cognição. Assim o Nível Perceptível evoca o espaço mais sensível e menos aprofundado. Ao contrário, o Nível Interativo faz diluir toda a sensibilidade em um corpo externo (meio), constituindo o mais completo volume de interação como espaço plenamente significativo. Importante para esse trajeto, foi posicionar os níveis Descritivo e Interpretativo como tradicionalmente postos pela geografia ensinada, sem desconectar a responsabilidade educativa maior: como fazer a prática educativa da ciência geográfica em sua “fundação” escolar associando os níveis científicos internos (da descrição e interpretação)

aos níveis externos, pré e pós científicos, da percepção de interação? Em outras palavras, o desafio é: como garantir a formação da espacialidade como mediação científica de uma vivência geográfica maior?

Uma dissertação de mestrado não estava posta para responder à pergunta de forma completa ou definitiva. Mas para consolidar um caminho por intermédio da linguagem, da imaginação e das experimentações sensíveis do mundo artístico (Lowenthal, 1985), cujo diálogo com os campos da filosofia, das técnicas e das espiritualidades (incluindo as religiosas) sempre foi mais fértil por ultrapassar os rigores científicos. Afinal, não existe barreira artística para acolher um mundo de formas e conteúdo como domínio de qualquer arte. Qualquer tema vira obra de arte; por já ser em potência uma "criação" (humana, natural, imaginária, não importa). Nos recortes lapidados, muitas vezes exageradamente, das geografias e de outros campos científicos, a barreira do método se ergue para afirmar solenemente que: *não dá para estudar isso aqui*. O pior é observar a geografia restringindo linguagem e imaginação para impor a força de suas barreiras metodológicas. Justamente quando a efervescência da sala de aula poderia ajudar de jovens cidadãos a projetar novos horizontes e habitats. E este ato terrível de censura cognitiva dá-se no processo cartográfico de repetição de que, sem legenda, escala, título, projeção geométrica e código de formas linhas e cores, não se faz um verdadeiro mapa. Se algumas conexões, fluidas e imaginárias das artes criativas, servissem de ponte comunicativa à compreensão específica das *represas* teórico-metodológicas (metáfora um pouco mais apropriada) da Geografia, ampliaríamos a ideia de verdades cartográficas. Não seria necessário, jamais, destituir esses critérios técnicos que fundam o geoprocessamento histórico e tecnológico, mas gerar traços para pensar outras redes de representação do que sejam verdades científicas. Do contrário, a ciência ganha um selo da autoridade perdendo o solo do reconhecimento cognoscente. Incluindo o que associa a capacidade de formação efetiva de gerações pelo método científico.

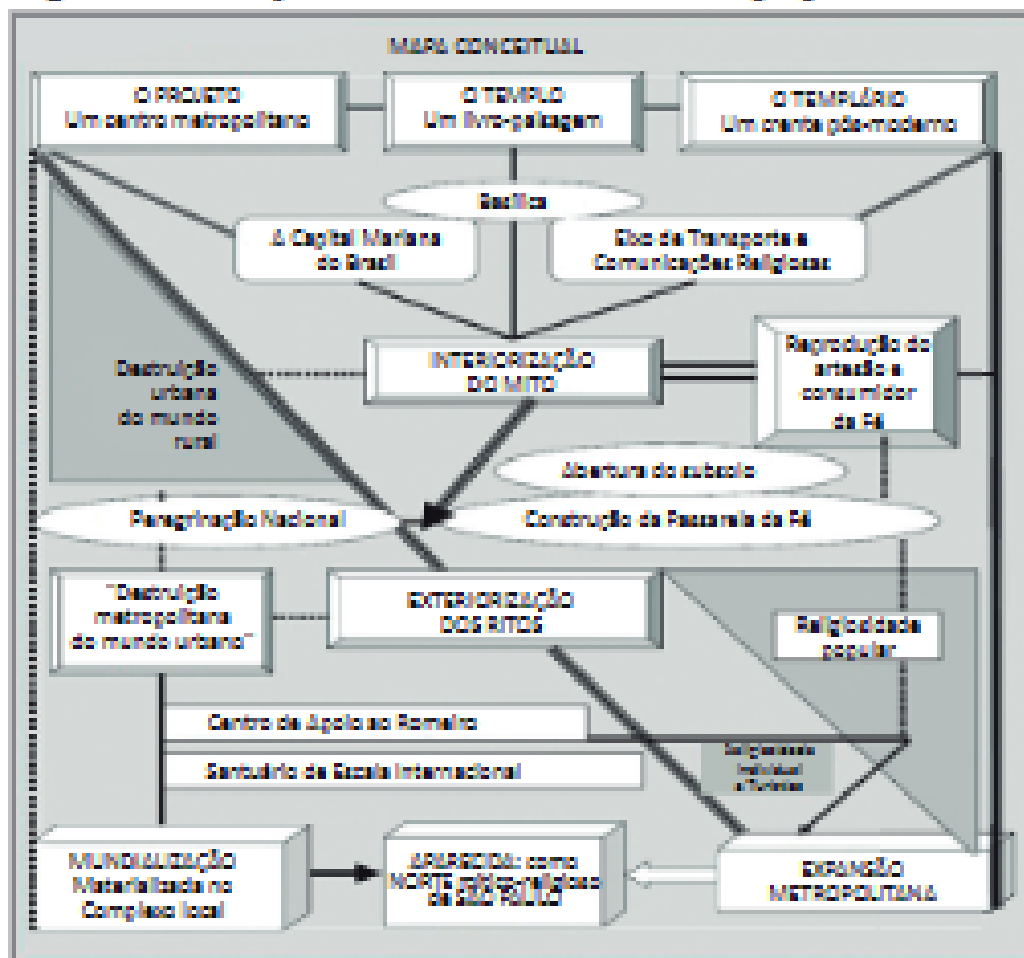
2.3 Um método de trabalho no mapeamento cognitivo

É aventura disciplinar/transdisciplinar que a geografia dos níveis de compreensão do espaço absorve a vitalidade rupestres das ideias de mundo, como se fossem paredes mensageiras dos estudos vividos e das vivências estudadas e reunidas em algum sistema de códigos. Nas salas da aula, essa junção primal de saberes artesanais e tecnológicos emergem como rascunhos, pinceis e lousas no tempo letivos e podem associar telas (de slides e vídeos) e palcos (de narrativas do real/ficcional). Dissertações e teses alheias foram reencontrar a nossa própria tese, na tentativa – até aqui exitosa – de

transbordar (nas sangrias das águas represadas) os 4 níveis de compreensão do espaço, para fazer dos experimentos com o mapeamento cognitivo uma viagem na memória seletiva de instáveis recriações metodológicas. Franco exercicio da abdução proposta por Peirce. Após o percurso de um doutorado em geografia do turismo e cultural, dedicado a estudar os meandros da mitologia contemporânea que consolidou a nova Basílica do Santuário de Aparecida, em São Paulo (Oliveira 2021), abrimos uma estrada permanente de diálogo com o campo simbólico – o nicho temático da imaginação geográfica (Wright, 2014), desde os obstáculos de Bachelard às categorias de Peirce – para fazer do mapeamento um projeto ininterrupto de cognição geográfica.

A Figura 4 reporta ao um mapeamento conceitual da tese de 1999, que em nossa opinião, funda a tentativa-incompletude-desafio para sintetizar o primeiro ideograma de um estudo completo na direção desse transbordo. Afinal, ao mesmo tempo em que demonstrávamos não ser possível lidar com uma sucessão didática dos 4 níveis, emergiam conexões diagonais e paralelas sugerindo processamentos didáticos mais criativos; tal qual as comunicações midiáticas, as práticas turísticas e as crenças religiosas nos forçam a adotar.

Figura 4 – Ideograma referencial da tese-livro *Um templo para cidade-miúda*



continuação



Fonte: Elaboração do autor (2024) a partir da publicação em ebook (Oliveira, 2021).

A disciplina acadêmica que mais e melhor representou essa movimentação de transbordo chama-se *Oficina Geográfica II (Material Audiovisual)*, fazendo parte dos estágios obrigatórios como componente curricular. Na programação do curso de Licenciatura em Geografia da UFC, desde 2005, a cadeira já fazia parte dos vínculos do corpo docente do eixo Geografia e Ensino, atrelando os primeiros passos da formação docente com os desafios da imagética visual e sonora, o que favorecia experimentos simulados projetando os ritos da vivência docente no mundo escolar. Vale a pena consultar um breve apanhado do desenho da disciplina em diversas versões realizadas na década de 2010, via o texto publicado em parceria com o professor Eduardo Alves, intitulado *Oficina Audiovisual: formação do educador de Geografia em temas simulados*¹ (Alves, 2019).

Representações visuais e sonoras, encontram-se em permanente intercâmbio desde que a revolução cinematográfica do século XX acolheu o cinema falado, musicado e recriado para considerarmos as metodologias da audição de imagens e grafias sonoras como versões propositivas das inversões. Basicamente esse é o ponto de mutação que inviabiliza o retratar a realidade dos fenômenos geográficos, exclusivamente, como uma topologia cartográfica de redução. O foco redutor escalar do mundo (global/local/corporal), na folha ou

1 Disponível em: <https://www.revistaodugoa.com.br/revistaodugoa/artigo/view/617>.

na tela, pode, mas não deve ignorar os focos de outros (e múltiplos) interesses. Foi por este prisma, complexo e dinâmico, que associamos o mapeamento “conceitual”, de “ideias” e “cognições” emocionais, à experimentação tecnológica e inovadora da produção dos chamados *ideomapas* da memória docente.

O e-book *Atlas Memorial Docente: Arte-patrimônio e cognição emocional geoeseducativa* (Oliveira *et al.*, 2022), organizado pela equipe de graduando, mestrando e doutorando do Laboratório de Estudos Geoeseducacionais e Espaços Simbólico – LEGES/UFC sintetiza esse processo de amadurecimento das estratégias cognitivas de associação entre práticas docentes e patrimônio cultural (Grunberg; Horta; Monteiro, 2007; Martelli, 2001). Foi nele que se sistematizou a concepção de *ideomapa* como fusão de diversos processos de representação, em diagramas/esquemas de ideias, compondo nomenclaturas variadas aos mapas cognitivos (mentais, conceituais, sociais, pictóricos, lúdicos); o que fortaleceu um rol de pesquisas em educação e ciências geográficas. Dado indispensável ao aporte e enfoque do trabalho, no diálogo coletivo da geografia escolar. Caracterizando o projeto do e-book, algumas ideias-chave são expostas:

A metodologia do projeto baseou-se nos fundamentos da cartografia cognitiva e dos mapas mentais, propostos por Alexandra Okada (2007; 2008), Linda Ismael (2008) e Salste Kozel (2018), que enfoca o mapeamento do conhecimento e a coaprendizagem na articulação da aprendizagem formal e informal. O foco do projeto, portanto, aproveita das novas mídias para mapeamento e intermediação da construção coletiva do conhecimento, como foi feito com vários professores que carregam diferentes experiências de vida. Para a autora, as coletividades de pesquisa integram a pesquisa aprendizagem e a formação docente, ao se considerar que este mapeamento exige mecanismos fundamentais para que o objetivo final seja cumprido: a apresentação de uma rede informacional. Baseando-se também nas fundamentações sobre as Ciências Cognitivas (GARDNER, 2003), entende-se que o ponto de partida se dá a partir de uma temática desafiadora; um conteúdo demandante de forma consciente e potencializante. E estes conteúdos representarão, a motivação, os meios e a finalidade do processo de mapeamento. Portanto, o uso de mapas cognitivos se apresenta como um dos instrumentos facilitadores ao entendimento dos principais conceitos geográficos aplicados, considerando que na formação do docente em geografia este é o mundo dos conteúdos recorrentes (Oliveira, 2022, p. 11-12).

Os ideomapas do *Atlas* demonstraram a possibilidade de composição da memória docente de vivências profissionais mais significativas, envolvendo relatos de seis professores (incluindo este autor). Foram ali promovidos da

condição de técnica associativa à instrumentalização de etapas para o reconhecimento da trajetória em docência. O que reuniu bases para considerarmos cada mapeamento uma “estação gráfica” operando: a) memórias de estudos e formações acumuladas; b) visões e sensações sobre bens formativos na densidade da vida presente; c) projeções e perspectivas de uma patrimonialidade geográfica aberta ao futuro (em diferentes metas e prazos). O ideomapa, portanto, mapeou o mundo de ideias do *ser/estar/tornar-se* professor, sem rupturas entre valores de subjetividade e objetividade. A lógica de continuidade cognitiva (interior/exterior) proposta por Peirce estava operando como método de mapeamento (Ibri, 2020).

A partir de alguns exemplos de aplicabilidade, destacamos a potencialidade da compreensão do mapeamento ao problematizar cada elemento em representação imagética ou estrutural, e seu respectivo valor semântico-simbólico. Para tanto, destacamos os seguintes Estilos de Mapeamento:

- **LINEAR**, obedecendo alguma sucessão de conexões, com conceito posicionado em linha;
- **RADIAL**, no qual há um centro difusor, interconectado com os demais conceitos em sua periferia;
- **HIERÁRQUICO**, também com um centro ou ponto alto de partida que pode se multiplicar no caminho conceitual e interconectar pontos secundário em níveis intermediários;
- **PROCESSUAL**, que comporta uma entrada e uma saída conceitual, sendo adequado para correlacional representações de objetos, processo ou estudos distintos;
- **PICTÓRICO**, capaz de envolver característica dos demais incluindo, desenhos, fotos e/ou ícones;
- **COMPOSTO**, no qual encontramos setorialmente aspectos estruturais de 2 ou mais dos anteriores (Oliveira, 2022, p. 20).

Tal método cognitivo de formulação de ideomapas, tributário de várias metodologias de recomposição das aprendizagens letivas em geografia escolar liderada por projetos de ensino-pesquisa, precisou dar um salto em nível de pós-graduação. Um salto de reencontro com a dimensão cultural das investigações sobre o patrimônio que serão objeto de reflexão do próximo item deste trabalho. Organizamos a disciplina do programa de pós-graduação em Geografia (PPG-GEO/UFC), denominada *Dinâmica dos Lugares Simbólicos: Imaginação e Planejamento*, em 2008/2009. A implantação do doutorado, na ocasião, nos remetia a mais uma *percepção cientificamente interativa* de que o investimento profissional na formação de docentes e de acadêmicos (futuros formadores de docentes) demanda conexão de pautas gráficas substantivas.

O desenho em ideomapas forja cartógrafos, geógrafos e tantos outros profissionais que não se alienam pelo represamento da técnica obtusa em manuais (Duarte; Cardeal, 2019; Ostrower, 2013); pois a Mathergeografia precisa lidar com formulações disruptivas e propositivas, simultaneamente. Por esta razão, a reflexão seguinte vai aportar na estrutura vetorial do movimento em duplicidade. Os saberes semióticos em pares de tensão. Uma estratégia de qualificação da geografia cultural/natural, no âmbito do patrimônio e uso contante dos ideomapas.

A essa altura do texto, não se pode ignorar que diferentes fases da concepção do princípio cognitivo de *conaxão flexível* entre temas – artísticos, literários, técnico-científicos, gráfico-imagéticos, portanto, paradidáticos – facilitou-nos a seleção de questões culturais, capazes combinar patrimônio e estruturas sintagmáticas (Abaurre, 2010) no espaço dos eventos festivos. Os *vetores simbólicos* que veremos a seguir, foram emergindo de múltiplas produções no estudo das metodologias de ensino e comunicação escolar, da religiosidade, das festividades carnavalescas, nas formas de visitação turística (Oliveira, 2004, 2007, 2019, 2012, 2015, 2018, 2021, 2024).

3.

MATHERGEOGRAFIA: saberes em vetores semióticos

Quando nos idos de 2010 fundamos, juntamente com a equipe do LEGES/UFC, a Revista de Estudos Geoeducacionais GEOSABERES² (ISSN 2178-0463), considerávamos *geosaber* aquela tendência extraordinária de reunir *textos* bem diferentes com *traços* de um aspecto em comum. Um texto analítico, mais filosófico estabelecendo um *traço* com um texto de coletas empíricas, mais classificatório. Um outro educativo, voltado ao registro das experiências didáticas traçando caminhos para uma composição poética, lírico e vagante.

A lembrança dessa tentativa de conexão, entre um *geosaber* e outro, corresponde a construção de um tempo investigativo central para renovação do nosso movimento investigativo. Logo depois de lançados os primeiros números (a época a Geosaberes era semestral), empreendemos o projeto de pós-doutorado na Universidade de Sevilha (dez/2010 – jun/2011), cuja coluna vertebral estava em tentar – pela primeira vez – pensar os patrimônios culturais e ambientais como espelho exterior de 2 modelos de santuários contemporâneos: o festivo e o natural. A celebração devocional à Virgem do Rocío – no sudoeste da Comunidade de Andaluzia, Espanha, onde se localiza o epicentro da festividade de Pentecostes – fixou-se como o traço ampliado em tramas e riscos de um novo *geosaber*, apropriado à consolidação do teatro textual (Oliveira, 2012). O patrimônio cultural da Festa do Rocío andaluz fortaleceu-nos as leituras teatrais de Patrice Pavis (2008, 2013) e suas proposições sobre os processos vetoriais no espaço da cena.

E foi seguindo os parâmetros desse *geosaber* vetorial, originalmente formal, porém aquecido de sentimento e tensão humanista, que passamos a tratar os processos patrimoniais como forças de direção única (convergente) e sentidos opostos (divergente). Cada vetor, neste jogo de cenas em cenários dinâmicos, engendra uma dimensão de tempo (passado, presente e futuro) e de profundidade (núcleo, manto e crosta), com potência de metáfora e mobilização das estruturas patrimoniais estabelecidas pelos modelos de santuários. E quais seriam eles? Antes de responder, vamos retomar das pesquisas em turismo religioso e cultural (Oliveira, 2004), os modelos de santuários que foram desenhados a partir leituras antropológicas e filosóficas sobre o tema (Burns, 2013; Onfray, 2009).

2 Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/index>.

3.1 Modelos de santuários e vetorização patrimonial

A construção de uma sistemática identidade dos santuários católicos (e por extensão de outros credos e confissões religiosas) vem permeando a associação entre fé e nomadismo, sugerindo às peregrinações uma forma de culto ou oração em movimento. Partir do lugar existencial para um lócus espacial, tem sido uma constante demonstração de que a vitalidade de sistemas religiosos demanda conexões geográficas significativas. E isso já triangula uma linhagem de integração (continuidade remodelada) entre lugares de partida, percursos sacralizados e destino como centro ritual de identificação: a casa da divindade e/ou seus mediadores santificados. Na tradição católica, isso forma um santuário tradicional, embora, como detalhamento no livro *Turismo Religioso* (Oliveira, 2004). O que a Figura 5 nos mostra é que essa tradição se conecta com outras formas de representação da religiosidade por outros três indicativos da contextualização geográfica.

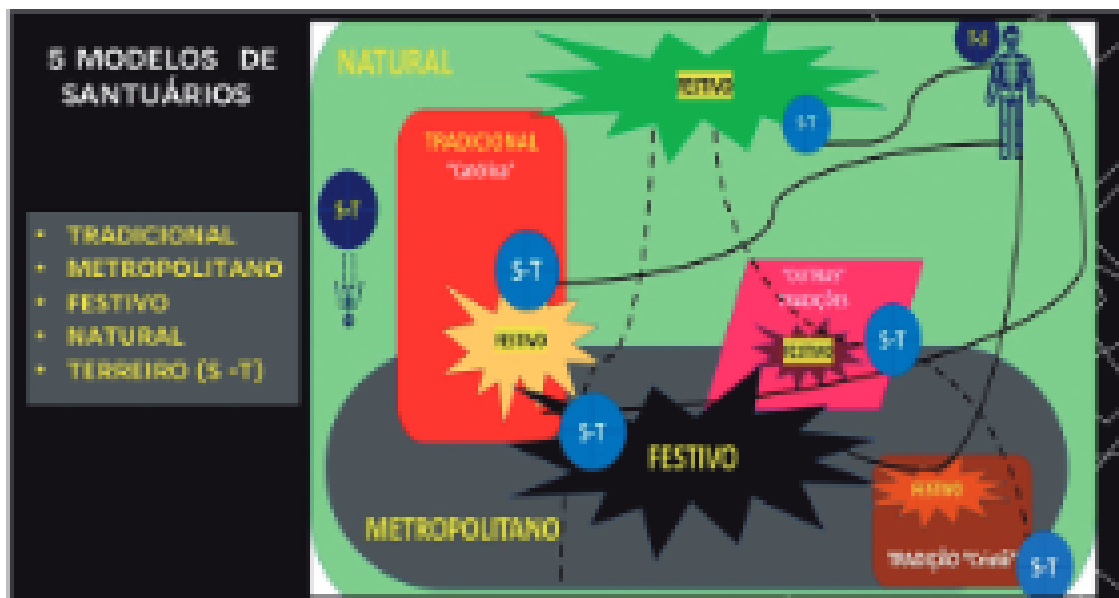
Figura 5 – Modelos de Santuário na ampliação lugar-mundo



Fonte: Elaboração do autor (2017).

Para além dos templos e cidades polos de romarias, consideradas por direito canônico, em alguma escala de poder eclesiástico (diocesano, arquidiocesano), os 4 modelos indicam a geografia dos fixos (santuários tradicionais e metropolitanos) sendo desafiadas nos fluxos geográficos do ambiente (santuário natural) e do tempo cíclico e ritual (santuários festivos).

Figura 6 – Modelos ampliados – inclusão do santuário-terreiro



Fonte: Elaboração do autor (2021).

O que a Figura 6 incorpora é o reconhecimento, 20 anos após diversas pesquisas em santuários, quase invisível, porém relevante e decisiva de uma estratégia sociocultural da comunidade mística personificada e localizada, na denominação de santuário-terreiro. Fechados, abertos, técnicos, e rituais, simultaneamente, os santuários-terreiros são hibridações culturais e mes-tiçagem ético-estética de variadas fés. Estão presentes de forma, insolente e disruptiva em muitos santuários do catolicismo popular. E é por eles que podemos compreender a pré-geografia das formas simbólicas que resistem às forças vetoriais do teatro patrimonial. Hora de descortinar esse teatro do patrimônio religioso.

Os vetores patrimoniais são forças de tramas e riscos. Foram constituídos em função do leituras cumulativas das relações tempo/espaço/movimento, conforme frentes analíticas do espaço teatral (Pavis, 2013), sendo posteriormente combinados a metáforas mais didática para pensar uma *chronotopia* bakhtiniana de contextualização comunicativa, cujos bens patrimoniais requerem em culturalmente em seu processo de afirmação e reelaboração cultural (Ferrara, 2008; Pinheiro, 2010). Tais forças, catalizadoras de uma integração constituinte do valor patrimonial, foram definidas em triade de pares dissonantes.

A primeira, fundadora de uma energia intempestiva e original para as adesões sagradas ao bem, foi nomeada por Vetor Mítico-Religioso. E como os demais vetores, em dupla qualificação, a adjetivação mítica representa o *dis-paro* mais dinâmico da energia pulsante do sentido central do vetor. Enquanto a segunda adjetivação, tende a cumprir um direcionamento mais conservador, em *desvio*, como se estivesse preso pela constância ou permanência

da energia vetorial. Contudo, não faz isso de forma simétrica e convergente com o disparo original. Ao contrário, busca se livrar da primeira metade qualificativa para perpetuar-se na dinâmica que o desvio assume em nome da conservação da força.

Retomando a metáfora ígnea, de um fósforo para acendimento de uma vela, podemos obter uma imagem bem mais dinâmica da ação vetorial. Quando riscamos o fósforo para acender a cabeça do palito, projetamos o disparo necessário para forjar a força primária do mítico, adjetivação do primeiro vetor. Particularmente, o mais profundo e antigo de nossa busca pela compreensão de algo que nos afeta; algo que percebemos demandar algum tipo de explicação. Contudo, o fósforo em sua ignição rápida e intensa, literalmente, queima rápido e necessita de um apoio fixador para a chama que produziu. Aceita a fatídica vida curta com morte breve; e deposita seu *disparo* inicial no *desvio* resultante. Ainda que a funcionalidade herdada lhe projete um novo sentido: garantir a permanência da chama por mais tempo do que a brevidade original. Neste caso, o religioso aqui, conserva um espírito substancial do mito, alterando, contudo, sua funcionalidade.

E, não por raras ocasiões, negando boa parte das ideias e motivações de seu disparo. Os vetores são necessariamente paradoxais. Como Mito e Religião, sabemos, tanto podem se associar cooperativamente como também se abominar violentamente. Basta experimentar uma espécie de *investimento* – de alto risco e pouca costura – nas escrituras de um mito para promover sua cosmologia eclesial ou, inversamente, revelar os sacrilégios das fantasias oníricas, portanto, míticas, no interior de um sistema religioso estabilizado. O vetor mítico-religioso, assim inaugura a tempestade dos múltiplos sagrados, no amálgama de uma *semiosfera* cultural. Tateando o pensamento de Yuri Lotman (1922-1993) (Kirchof, 2010).

O segundo vetor opera em uma resposta mais racionalista e menos convincente. Por isso mesmo, constitui-se de forças mais argumentativas e demandantes de atenção. Seja pela hipnose coletiva das tecnológicas modernas e pós-modernas; seja pela metódica investigação teórica a respeito de um problema tematicamente situado. O Vetor Midiático-Ecossistêmico (ou Midiático-Científico), direciona ao campo comunicacional e tecnológico os elementos simbólicos capazes de influenciar os bens patrimoniais. Esse vetor está demarcado pelas técnicas investigativas de compreensão dos valores como superação de um questionamento (ou dúvida) sobre a natureza daquele bem cultural em pauta. O disparo midiático, muitas vezes desencadeado pelo movimento social que delimita a necessidade de proteção, valorização e registro do patrimônio costuma demandar um trabalho de ostensiva dessacralização. Daí a oposição primária, porém sutil e inconstante, oposição entre os vetores Mítico-Religioso

e Midiático-Ecossistêmico, posto que a lógica mais emocional do primeiro reivindica a falta de pertencimento autêntico do segundo. Ao passo que a edificação de critérios de inventariação e gestão cultural permite a justificativa territorial para qualquer bem pertencer a outras escalas territoriais de adesão.

Entretanto, o que demarca o padrão de fluxo vetorial no paradoxo do disparo X desvio encontra-se no conflito moderno de estruturas de Mídia e de Ciência. O princípio da veiculação de conhecimento, que faz riscar e acender o fósforo deste 2º vetor tende, amiúde, a ter de enfrentar o freio ou contrapeso dos lentos e complexos processos científicos. Enquanto as estruturas de publicidade, jornalismo e marketing, potencializadas como nunca dantes pelo impacto do mundo digital e suas redes sociais, tomam a midiatização de seletos resultados científicos a efetiva forma de “desviar” as ciências para sua plena finalidade social. Envolvida nos requisitos de falibilidade e checagem acurada, a chama da ciência – em suas mais diversos matizes – vai demandar um grande aparato técnico para sua conservação. Ainda assim, consegue dar continuidade ao papel conservacionista que os sistemas religiosos exercem no outro vetor, guardada das devidas diferenciações no campo da autoridade democraticamente contestada.

O papel do midiático, contudo, alimenta-se da mesma vantagem dos aparatos técnicos, multiplicando assim um número frequente e ostensivo de disparos. Uma situação que torna a estabilidade da chama ecossistêmica, bem menos crível do que expectativas sociais. Como resultado, o vetor midiático-ecossistêmico pode forjar uma inversão contra sistêmica: o científico ser associado a um delírio por abstração e o midiático apresentar-se como o parâmetro de representação da realidade e da verdade institucional. A estabilidade pretendida, contudo, não impede a emergência de situações críticas, capazes de desafiar a complexidade dos aspectos profanos contemporâneos; especialmente em sua capacidade de constituir novas sacralidades (o que será tratado no próximo item, relativo às aulas-texto da disciplina Matrizes Religiosas).

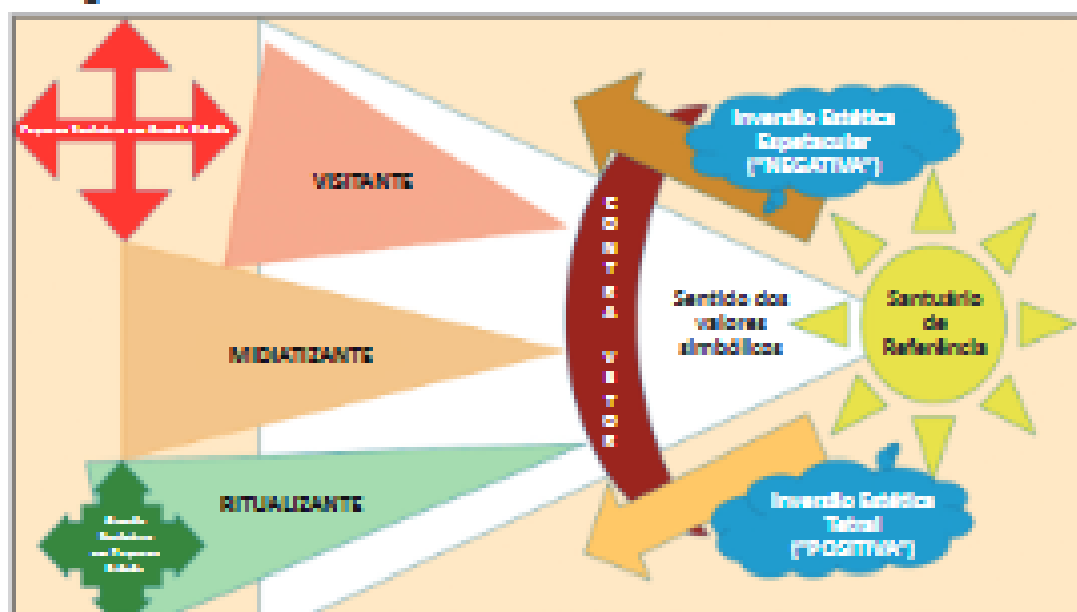
A última força corresponde ao Vetor Turístico-Político. Trata-se aqui do disparo/desvio mais efetivamente superficial e mundano. O que indica vantagens do movimento tempo-espaço no acesso às externalidades visitante (pertinentes ao turístico), enquanto fomenta um constante intercâmbio entre afetos e razões, por intermédio da construção de consensos para sobrevivência (pertinentes ao político). Trata-se do vetor mais rigorosamente identificado com a superficialidade das escalas humanas do tempo presente, local, cotidiano. Claro, um tempo-local sempre afetado pelo movimento vagante (viajante e nômade) do animal sapiens, em busca de sobrevivência “saúdável” (sustentável e longa). Pascal Picq (2015), paleontólogo darwinista, defende a variação genético-cultural com um complexo meio de sustentação desta sobrevida, adaptando as intempéries ambientais de como reinvenção

da natureza natural como um *disparo* coletivo; um ato em rota de fuga nicho de natureza progressivamente cultural. Depois, convertendo esses abrigos em sistemas técnicos aperfeiçoados pelas narrativas mítico-religiosas e práticas midiático-ecossistêmicas. O que favoreceu à mundialização da espécie nos desvios coletivos do animal *sapiens* em um *super sapiens negociador*: como um veículo de palavras e técnicas, conforme Régis Debray (2004).

O Vetor Turístico-Político sedimenta a categoria peirciana da terceiridade, na plenitude da força da lei e ordem, mesmo quando se mostra incapaz de decidir os rumos do patrimônio ambiental e cultural sob sua gestão. Representa também esse lastro das *decisões por omissão*: seja no sedentarismo (ou paralisia) que nos faz repetir as mesmas fórmulas em buscas de diferentes resultados; seja no autoritarismo que disfarça o pensamento político pela crença monocrática do herói salvador. As narrativas emocionais e as economias racionais dos outros vetores, desaguam o que há de mais divino/sagrado e demoníaco/profano na efervescência do aqui/agora deste nicho mundano de (in)decisões. Por isso não é à toa que as variáveis do acesso turístico e das políticas de registro e tombamento balizem, de fato, se um patrimônio pode ou não prosperar como símbolo cultural.

Em composições anteriores, como em um estudo sobre os santuários marianos brasileiros³ (Oliveira, 2018), apresentamos o ideograma de um processo vetorial aplicado; incluindo a dinâmica de resistência do que pode ser nomeado contra vetor (Figura 7).

Figura 7 – Movimento vetorial e contra vetorial em diferentes santuários



Fonte: Elaboração do autor (2020).

3 Texto Matrizial e patrimônio: Santuários Marianos como espaço simbólico e vetorial da Latência.

Esse texto é particularmente representativo da formulação original de se pensar o nicho geográfico como maior, mais amplo, materno, pelo prefixo *mater*, culminando na perspectiva Mathergeográfica que temos trabalhado com uma reunião de sistematizações de estudos, em dinâmica cognitiva. Importante perceber na Figura 7 a possibilidade de reconsiderar o nome das forças vetoriais em um aspecto único: *visitante, midiaticizante, ritualizante*, que correspondem a domínios muitas vezes negados pela ética e estética do peregrino; justamente pelo choque *includo X excludo* do “turismo” como sistema de valor na prática religiosa. O que amplia, como veremos adiante, a articulação turismo ↔ cultura.

3.2 Saberes em pares e a emergência do Contra Vetor Estético-Ético

A leitura do quebra-cabeça decodificador das forças vetoriais incidentes no espaço simbólico do patrimônio – mítico-religioso (M-R), midiático-ecossistêmica (M-E) e turístico-política (T-P) – forjam perspectivas centripetas, de fora para dentro. A vetorização mais relevante tente a conduzir o patrimônio em uma direção em detrimento das demais. Porém, há uma força centrífuga movida em sentido contrário (embora não controlável e unidirecional), cuja emanção se faz presente no bem cultural-ambiental, antes mesmo de seu registo, tombamento ou reconhecimento em alguma instância; seja ela popular ou jurídica. Nomeamos por **Contra Vetor Estético-Ético (EE)** este emanar de valores, algumas vezes filiado a uma correspondência genética com o vetor mítico-religioso. Mas predominantemente reagente a todos os demais vetores quando se trata de confirmar o saber cultural em sua vital independência da patrimonialidade moderna.

Figura 8 – Vetores e Contra Vetor Estético-Ético



Fonte: Elaboração do autor (2022).

A lógica irracional de emergência do contra vetor, advinda dos bens conectados ao espaço simbólico, em geral não é suficiente para devolver o equilíbrio entre as forças vetoriais externas (Figura 8). Estas colidindo entre si e consumindo energia cultural com outras intencionalidades próprias das tensões de interesse distintos; seja no disparo, no desvio ou na simples atividade disruptiva das comunidades, diretamente provedoras do direito ao acesso existencial daquele bem. Especialmente quanto são seus saberes, costumes, técnicas ancestrais que estão em projeção para uma externalidade duvidosa.

3.3 Novos saberes: pensar e escrever a disciplina de Matrizes Religiosas

No primeiro semestre de 2024, tivemos a oportunidade de ministrar aulas em uma disciplina optativa – criada 2 anos antes – visando a diversidade temática do Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Geografia da UFC. Ambos estavam recebendo uma nova edição dos seus respectivos projetos pedagógicos e demandavam certa renovação dos componentes curriculares; especialmente com temáticas que fomentassem outros aportes teórico-metodológicos para formação de professores e técnicos qualificados.

Preparamos todo o terreno para estreia da cadeira *Espaço-Tempo das Matrizes Religiosas*, com o cuidado de associar à perspectiva de estudo às bases culturais da produção de mundos ou espaços teístas. Isto é, ao invés de trabalhar com a Geografia da Religião/das Religiões, desenhada pelo viés predominantemente cristão e suas comparações com outros sistemas religiosos, o enfoque principal da cadeira estava em compor as representações de espaços associados a ritos e divindades, e direcionados aos agrupamentos matriciais que a Figura 9 estabelece para os Espaços Teístas.

EMENTA: Noções elementares dos sistemas de crenças. Perspectivas dos mitos e ritos nos ambientes nômades e sedentários. A ideia de espaço teísta e suas dimensões sagrada, profana e mundana. O tempo comum dos ciclos vitais em diferentes culturas orientais e ocidentais. Espaço-tempo de modelos religiosos: ancestralidades, hinduísmo, budismo, tradições semitas monoteístas, confissões cristãs e alcance da modernidade. Formação das matrizes religiosas latino-americana, com visões do pantetismo, animismo e espiritualidades afro-americanas. Pós-modernidade e as releituras imagética da fé. Laicidade, conflitos políticos e o papel da tolerância (cultural e religiosa) na construção da equidade socio-territorial (Projeto Pedagógico do Curso de Geografia-Licenciatura Universidade Federal do Ceará, em vigência desde 2024.1).

Este é o ementário da disciplina, aprovado e implantado nos anos de 2023. E na sequência, veremos o quadro síntese (em ideograma) da composição de temas que orientaram a programação das nove aulas desenvolvidas, no formato de roteiro textual. Importante salientar que esta coletânea de textos mantém a linguagem direcionada aos alunos da disciplina, como cartas sintetizadoras das reflexões expositivas que seriam feitas em sala. E isso permitiu esclarecimentos e apontamentos complementares, via aplicativo Whatsapp, em grupo virtual específico formado para essa finalidade.

Figura 9 – Espaços teístas em sequência didática



Fonte: Elaboração do autor (2024).

3.3.1 Aulas-Texto (ATMR 1, 2, 3)

ATMR01 – Introdução

Essa primeira comunicação textual corresponde aos informes iniciais sobre a dinâmica que teremos nas segundas-feiras seguintes, considerando o calendário de encontros letivos previstos “suspensos” presencialmente pela Greve Docente, porém sem a interrupção das exposições básicas, fundamentais à elaboração do trabalho final. Assim é indispensável acompanhar, conforme o calendário aqui atualizado, quais as datas nas quais publicaremos, pelo Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) estas aulas-texto substitutivas:

Quadro 1 – Programação em aulas-texto

Data	Tema Geral das Aula -Texto + Atividades de sistematização final
15/04/2024	Introdução – Orientação aos estudos dos Espaços Teístas
22/04/2024	Panteísmo padrão – Religiões Indianas: Hinduísmo/Jainismo
29/04/2024	Panteísmo e variantes Orientais-Occidentais (xamanismos e animismos)
06/05/2024	Monoteísmo Padrão – Religiões Semíticas: Judaísmo e Islamismo
13/05/2024	Monoteísmo Cristão – Igrejas, Profetas, Santos, Líderes
20/05/2024	Anti-Monoteísmo – Budismo, Bahaísmo e Ateísmo
27/05/2024	Panteísmo – As religiões da Modernidade e da Natureza Mundana
03/06/2024	Neoteísmos – As religiões da Tradição Sagrada afro-ameríndia
10/06/2024	Cooteísmo – As religiões do Futuro e a leze da Tolerância Profana
17/06/2024	Resenha Individual de 3 a 5 páginas detalhando esses modelos estudados e encaminhando sua interpretação no e-mail do docente
24/06/2024*	Elaboração e envio de um Guia de Matrizes Religiosas (elaborado em duplas)

* não foi realizada essa última atividade de elaboração do Guia de Matrizes Religiosas, por decisão coletiva.

Fonte: Elaboração do Autor (2024).

Pelo que vocês estão observando no quadro acima, temos 9 aulas-texto, incluindo esta primeira, introdutória e responsável pela orientação dos estudos que estamos agendando. Cada aula-texto envolverá cerca de 2 reflexões para os 4 modelos de espaços teístas informados no ideogramas das páginas 2 e 3 da apresentação inicial (disponível no SIGAA). Entre hoje e 10 de junho, iremos disponibilizar de uma ou duas páginas de reflexões sobre o tema pontuado aqui. Neste sentido, a primeira orientação é lembrar, nesta exposição, o que foi trabalhado até a semana que antecedeu o início da paralização docente; com especial atenção a concepção de liderança devocional de Richard Holloway (2019): nenhuma Religião prospera e sobrevive (no passado e no presente) sem o magistério de seus líderes (sacerdotes, guias, profetas) responsáveis pelo repertório teísta de ação e projeção geográfica. Especialmente nos espaços simbólicos que dão consistência mística ao alcance espiritual de seus liderados em comunidades de fé (seitas, igrejas, redes etc.).

Teremos as melhores oportunidades de tratar o peso dessa mediação estruturante das matrizes religiosas em sistemas de crença demarcados por uma ideologia devocional (de fé e festa), quando tratarmos, na 5ª aula, a condição especial de Monoteísmo adquirida pelas práticas contemporânea dos múltiplos Cristianismo. Aliás, mesmo com todas as variações de modelos teístas e ou falta de experiência religiosa na prática individual, referencial do Cristianismo local/nacional como base para pensar das demais matrizes em observação.

Além dessa página introdutória, hoje temos algumas orientações básicas de leitura e reflexão lembrando trechos da apresentação que não podem ser esquecidos ao longo das próximas aulas-texto.

Passemos às orientações. A primeira orientação encontra-se na recuperação das formulações contidas no slide seguinte ao ideograma de referência. Vamos recuperar o que está escrito ali.

“Veremos como uma Geografia das Matrizes Religiosas – de corte cultural e humanista – se afasta da geografia da religião para incluí-la; Veremos o destaque na conceituação de Espaço (Simbólico) Teísta, como gerenciador de agrupamentos matriciais da religiosidade mundial; Após situar-nos no Politeísmo (modelo indiano), Monoteísmo (modelo semítico), Panteísmo (modelo científico ocidental), Neo-Geoteísmo (tradições culturais e naturais reinventadas), chegaremos em uma estrutura tridimensional das relações matéria/linguagem/imaterialidade. Por isso indagamos sobre o que melhor representaria a perspectiva de condução do sistema religioso – o Sagrado, O Profano ou o Mundano – na leitura das Matrizes Religiosas? Valeria talvez começar pela questão prévia: que são matrizes religiosas?” A partir dos destaques temos:

- a) Que reconhecer a diferença de Matrizes Religiosas X Religião, em duas geografias distintas;
- b) Que considerar as matrizes interdependentes de sistema religioso inclusivo da tríade Sagrado-Profano-Mundano; e aceitar que o estudo geográfico da religião em si se satisfaz com o desafio do saber sagrado;
- c) Que organizar, nas Matrizes, Modelos didáticos de relacionamento com as Divindades Místicas (Deus, Deuses, Espíritos, Energias, Forças, neutras, positivas ou negativas), capazes de exercer as Mediações da Fé (mitos, ritos, orações, meditações, preceitos). Os Espaços Teístas são esses modelos.

Entretanto, só no slide seguinte, respondemos sobre o significado de *Matrizes*: Pensar em Matrizes Religiosas é considerar a Fé, o preceito místico que move a religião como um veículo (um meio/ uma mídia) apropriado por um sistema religioso: Religião, Seita, Credo, Igreja; E este veículo matricial – trabalhamos com a metáfora objetiva de seu percurso no espaço-tempo em movimento – percorre um trajeto pré-moldado em 4 tipos de estruturação de divindades: Diversificada – Deuses vários; Unificada – Deus único (ou inexistente); Generalizada – Deus(es) em tudo; Racionalizada – Deus(es) conexo. Ou seja, Matrizes Religiosas são estruturas, meios, mídias, veículos de comunicação integrada dos sistemas de fé que reconhecemos como religiões.

Ciente então dessa condição veicular e plural de cada religião, podemos nos dirigir a *segunda orientação*. Se a Geografia das Matrizes Religiosas considera sempre mais importante a pluralidade de cada fé do que sua identidade – geralmente defendida por sua liderança mística ou sacerdotal – procurem sempre observar as dimensões mundanas (não religiosas) e profanas (aproximativa da religião) como critérios mais decisivos da espacialidade geográfica. A veiculação das matrizes tem sempre mais a ver com uma inversão do sagrado em heresia (profanação) ou adaptação sociocultural e ambiental (contexto mundano) do que com a manutenção dos santos princípios originais da fé.

Sendo assim, é geograficamente sensato para os estudos geográficos das religiões, em sua pluralidade matricial, em perspectiva de um conjunto de conflito, mediado por conflitos, que nos levará a novos conflitos. O conflito é vida, é humano e conforme Karen Armstrong (1995). Indicamos o vídeo de Vera Cohim – da série *Amor aos Livros* – tratando justamente da obra *Uma história de deus*⁴. Podem também ler a reflexão do historiador Eduardo Bastos Albuquerque (2009) sobre o mesmo livro⁵. É muito significativo se apropriar da densidade do debate sobre o divino, o místico, o mistério dessa criação humana que nos promoveu à condição de criatura, de forma desafiadora e complexa. Régis Debray, autor de *Deus, um itinerário* (2004), desenha com primor essa perspectiva paradoxal da humanidade criadora e criatura.

Uma *terceira orientação* estruturante, que sugerimos também na aula que antecedeu a paralização, adveio do polêmico do polêmico embate nas diferenças doutrinárias dos credos. Trata-se do choque entre Tolerância – que eu chamaria de lado iluminado das fés religiosas – e os Fundamentalismos (ou Fanatismos) – o lado sombra, obscurantista, seletivo e censor. Vamos reencontrar esse jogo de opostos junto ao último modelo de Espaços Teístas; especialmente nas instruções para o trabalho individual no final desse bloco ou – se for do interesse de cada dupla confeccionar – o trabalho em parceria do *GUIMAREL* (vide Quadro 1). Aqui concluimos nossa Aula-Texto de abertura. No encontro seguinte, retornamos com a segunda reflexão deste roteiro de reflexões.

Dois links de acesso a entrevistas de autores citados.

• Deus não existe se não é praticado

<https://www.fronteiras.com/colunistas/karen-armstrong-deus-nao-existe-se-nao-e-praticado>

• Há Salvageria no Ar

<https://www.fhu.unisinos.br/categorias/586529-ha-salvageria-no-ar-entrevista-com-regis-debray>

4 Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=2oThPHU1ago>.

5 Disponível em: https://www4.pucsp.br/revistanurc/Revista13/aula_do_concurso.pdf.

ATMR02 – Politeísmo padrão e religiões indianas: hinduísmo/jainismo

Pensar em distâncias geográficas, a partir de um ponto (área ou lugar) de referência torna-se sempre mais tranquilo quando experimentamos repetições informativas ou deslocamentos efetivos no espaço geográfico. É importante dizer isso para começar uma aula-texto na qual tal distância se multiplica no sentido mais negativo do termo. É aí que a mente humana cria as figurações do exótico, do extraterrestre, da magia infantil para aceitar uma distância geográfica global, quase intransponível.

O Politeísmo tem uma dupla distância geográfica conosco. Talvez por essa razão os cultos e fés politeístas absorvam tanto preconceito histórico, podendo não ser considerados uma religião ou um sistema religioso propriamente. Xamanismo, Animismo, Cultos das Deusas, Entidades, Encantarias, as tradições étnicas africanas, ameríndias ou mesmo euro asiáticas foram (e continuam sendo) sufocadas pelo primeiro distanciamento estabelecido no ponto de referência: a Crença Dominante. No nosso caso, o Cristianismo Católico ou Reformado, mas sempre eclesial (das igrejas), que associou todos os Politeísmos como Paganismo: ou devoções idólatras, dos campos, marginais, de muitas ou nenhuma divindade(s). E apesar de todos os politeísmos que nos envolve, habita e rodeia, suas bases matríciais – ou seus veículos de comunicação pessoal e coletiva – também acabam operando em um certo obscurantismo, dentro do próprio Cristianismo (tratado mais adiante).

A segunda distância se deu pela padronização de um complexo sistema de valores culturais que atribuiu ao Politeísmo Indiano uma configuração de mais alta resistência contra diversas tentativas de fazer triunfar os sistemas monoteístas naquele país. E a força politeísta das múltiplas religiões da península indiana, se configurou no *Sanatan Dharma*, “Caminho Eterno”, ou Hinduísmo para nós ocidentais. Vale a pena assistir ao vídeo resumo⁶ (Viés Psicológico, 2024a). Ao se referir aos cultos dos Livros Vedas – em sua multiplicação de histórias e mensagens dialógicas entre homens e deuses – teremos dificuldade de estabilizar esse politeísmo como um grande paganismo triunfante, por muitas razões. Entre elas, destacam-se a correspondência de muitos contatos ocidentais que fixaram interpretações exteriores para seus rituais, tradições, valores ao longo dos últimos séculos. Mas com especial atenção para as importações e exportações que o Mundo Ocidental (Europa e América) estabeleceu com a Índia, durante e após a Independência do país em 1947-48.

Hoje a cultura indiana abre uma diversidade de portas para tornar essas distâncias (religiosa e territorial) menos intransponíveis. Contudo, a

6 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CrNH2higjH8>.

aproximação de indicadores políticos que dá à Índia um status de país mais populoso do mundo – incluindo desigualdades e diversidades muito mais gigantescas que qualquer nação do ocidente – força um questionamento interessante sobre sua democracia. Teria o politeísmo hinduísta alguma correlação com o funcionamento do maior sistema democrático do Planeta?

É interessante conhecer um resumo panorâmico dos princípios, deuses, valores e correlações históricas deste politeísmo e perceber o quanto elementos monocráticos (ou monoteístas) compõem sua complexidade funcional. Justamente para não cairmos na ilusão de que o culto devocional a vários deuses se manifesta neste primeiro modelo de espaço teísta, de maneira bem instável. Uma escola de Ioga no Brasil, sistematizou um resumo gráfico dos principais indicadores dessa religião. E no caso da Ioga, o intercâmbio oriente-ocidente é exemplar. Vale a pena a consulta desta apresentação de Robson Chaves⁷ (s.d.).

Um outro sistema de crenças indiano, bem mais fundamentalista que o hinduísmo – e cultuado por menos de seguidores – é o Jainismo, seus Devas e códigos de conduta (Viés Psicológico, 2024b)⁸. Fé que pode nos ajudar a pensar, porque a tolerância religiosa dos vedas indianos, mesmo na Roda do carma e nas castas sociais (Holloway, 2019, cap. 2), se radicalizou em lideranças heroicas. O líder Mahavira (Vardamana), 5 séculos Antes da Era Comum (AEC), emergiu com seus preceitos de uma vida em conduta sagrada, descrimindo progressivamente como um caminho *mais sagrado* frente aos demais caminhos. Quando esse projeto não se instaura na religião, convertendo um predominate politeísmo e um dominante monoteísmo, acaba avançando no espaço político. E é aqui que vale a pena repensar a Índia Politeísta contemporânea, sobre o governo de Narendra Modi, transferindo ao Estado seu pragmatismo monocrático. Em outras palavras, um politeísmo que demonstra sobreviver, na prática, pela importação de valores monoteísta ou rigores teológicos associados ao jainismo.

Vamos trabalhar os vínculos entre o sagrado e o mundano, para mostrar um exemplo da força da religião assumindo às “rédeas” do cavalo estatal. Vejam como está se realizando a maior eleição da história, nos 2 meses e meio de “renovação” do Parlamentarismo indiano (Mião, 2024)⁹. É possível ter um resumo desse processo que mescla modernidade e teocracias. Mas será possível questionar, no sentido inverso, como esse primeiro modelo de espaço teísta (politeísta) de fato se afasta de uma modelo estático e definitivo de religião? Em outros termos, como ele absorve um momento de edificação

7 Disponível em: <https://nucliocehanilshala.com.br/content/uploads/2020/05/HINDU%C3%80SMO-Radhana-Iha-Das.pdf>

8 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fr2IGH1YARE>

9 Vide reportagem a respeito em: <https://www.poder360.com.br/internacional/entenda-a-eleicao-na-india-a-maior-na-historia-da-democracia/>

transformadora dos sistemas de crenças e abertura para o exercício (arriscado e aventureiro) da espiritualidade, sem abdicar de fato das mediações materiais?

Neste sentido, é possível associar o padrão politeísta do Hinduísmo à figuração metafórica de um instrumento musical: uma sanfona em constante execução de acordes sonoros. Aberta, ela absorve muitos sons em divindades multifacetadas (Bhama, Shiva, Vishnu, Ganesha, Parvati, Saraswati, Lakshmi, Kali, Krishna, Rama, Hanuman, Shakti, Indra, Agni, Durga, Kamadewa)¹⁰. Todos multiplicados ao infinito com variações e correntes comportamentais, filosóficas específicas e ritos tão diversificados quanto o conjunto de divindades/cultos afro-ameríndios.

Porém, ao comprimi-la, buscamos uma mesma sanfona unificada por alguns indicadores de destaque ou sobreposição de um princípio mais dogmático. E aí o som vai se alterar, perdendo ar e ganhando unidade. A figura heroica da liderança maior (divina? especialmente mítica?) ganha representatividade direcionada à função de intermédio. E se não avança pelo caminho sagrado do guru (Mahavira) abre espaço na configuração do guia mundano (Gandhi, na formação do estado indiano e Modi na sua projeção para o séc. XXI).

Um movimento inicial de sua leitura, nesta aula-texto pode ser a aproximação reflexiva sobre o título da seguinte matéria jornalística¹¹ em forma de questionamento (Mello, 2024). Seria essa uma *eleição monocrática no coração do Politeísmo*? Continuaremos com tal processo reflexivo, na próxima aula-texto. Sinal de que para o estudo das matrizes religiosa, a dinâmica instável e desafiadora de cada um dos quatro espaços teístas é o que mais nos interessa pensar geograficamente.

ATMR03 – Politeísmo e variantes orientais-ocidentais (xamanismos e animismos)

A reflexão de hoje sobre a segunda parte do Politeísmo envolver uma discussão que ficará oculta dos subtítulos; porém deve atravessar nossos estudos sobre os demais espaços teístas como uma espécie de *coração irracional da mente racional*. Calma... eu já explico! Aqui a metáfora do “coração” como símbolo central do pensamento vem para nos alertar dos fenômenos inconscientes que fazem pulsar os sistemas religiosos. Por mais que afirmemos a identificação do modelo politeísta como a devoção a um conjunto (limitado ou infinito) de deuses, necessitamos da inversão de gênero – mente como coração ou deuses como deusas – para chegar à matriz (força materna)

10 Ver: <https://www.significados.com.br/deuses-indianos/>.

11 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/04/major-eleicao-do-mundo-comeca-na-india-com-modi-tvontlo-para-3o-mandato.shtml>.

da compreensão deste e dos demais modelos. As religiões dos Xamãs, dos Anímas, dos Shintó, do Tao, dos Pajés, Encantados, Bruxas, Magos, Espíritos, Orixás e Entidades Desencarnadas... dialogam fartamente com o que Erich Neumann (1905-1960) condensou na ideia do livro *A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente* (1999 [1959]). Aqui¹² apresentado nesta breve resenha (Poesia na Alma, 2021). Para isso, formulamos a Figura 9 com generalização de elementos extraídos da obra do autor. Eles nos permitiram pensar o porquê do Modelo Politeísta “cria” os demais. Voltaremos a ele adiante.

As variantes orientais e ocidentais dos Politeísmos conhecidos operam nas práticas devocionais de um cotidiano muito mais técnico e ritual do que no plano da sofisticação filosófica. Aliás, os tempos “modernos” das civilizações (com estado, poder armamentista, tecnológico e comunicacional) transferiu para os livros uma visão unidirecional de que a lógica corpórea dos arquétipos femininos se encontra na base (ou inferioridade) dos avanços (ascensão) abstracionistas dos arquétipos masculinos. Uma deusa Gaia tem de esconder suas crias para que o deus Cronos não as devore, por medo de perda do poder patriarcal. Essa mitologia grega encontra narrativas coeditadas em infinitas culturas (anteriores, contemporâneas e posteriores). E boa parte delas pode ser associada para estudarmos as bases da africanidades religiosas (sempre no plural) que o professor Marco Aurelio Luz discute resistências e reinvenções, em sua obra *Agadâ dinâmica da Civilização Africano-Brasileira* (2013); também a perspectiva antropológica de Marta Salum (s. d.) no texto editado pelo MAE/USP em *África: Culturas e Sociedades: formas de humanidade*, guia temático docente¹³.

Se estivermos em sintonia (racional/emocional), concordaremos que os politeísmos evocam éticas rituais do saber do feminino – presente em todos nós – como um guia interior conduzindo nossas viagens existenciais, ao princípio masculino e outros princípios. Existiria então um politeísmo menos padrão que o hinduísta; porém mais acessível à compreensão de um espaço religioso aberto e tolerante a vários deuses? Enquanto modelo teísta original e tão diversificado pelas marcações locais, nossa tendência é responder um retumbante **NÃO!** O Politeísmo, mesmo dos povos mais originários de nossa cultura nacional/regional/local, não garante nem conserva em si padrões de tolerância. Quando ameaçados, ao contrário, erguem vozes fanáticas, talvez como última esperança de não serem extintos. Mas geralmente não o são porque sobrevivem nas comunidades humanas tradicionais o exercício dos

12 Disponível em: <https://www.poesianalma.com.br/2021/07/resenha-um-estudo-historico-sobre-os.html>.

13 Disponível em: http://www.aricafricana.usp.br/codigos/textos_didaticos/002/afrika_culturas_e_sociedades.html.

sincretismos táticos de sobrevivência, diante da cultura que se impõe como novas tradições. Vimos isso entre os indianos e tendemos a ver em todos os povos observáveis. A título de exemplo, até para compreender a construção sincrética da Umbanda, é possível observar suas origens católica, espírita, indígena e afrodescendente.

Falemos um pouco de nossos cultos Xamanistas e Animistas. Um acesso didático e generalista ao universo místico espiritual dos Xamãs – entidades sacerdotais pagãs desvinculadas de institucionalidade nos grandes sistemas religiosos – costuma desenhar desta maneira o Xamanismo¹⁴ (Mundo Educação, s.d.).

O xamanismo é o conjunto de práticas religiosas ancestrais presentes em diversos povos da humanidade desde o Paleolítico. É entendido como rituais que permitem os seres humanos manterem contato com o sagrado, isto é, com o mundo espiritual. Esse contato com o mundo espiritual se dá mediante o transe (alteração da consciência). Há também a presença de música e danças nesses rituais. Esse contato com o mundo espiritual permite as práticas de curandeirismo, o contato com os ancestrais, com espíritos bons e maus, a adivinhação do futuro, entre outros. Embora muitos possam entender o xamanismo como uma religião, os antropólogos não o entendem dessa forma. [...]Tradicionalmente, o xamã ou pajé é aquele que guia os rituais xamânicos. Ele é entendido como o mensageiro ou o intermediário entre o mundo terreno e o mundo espiritual, sendo quem entra em estado de transe para fazer essa comunicação. Nesse estágio, o xamã recebe as mensagens do mundo espiritual e tem contato com os espíritos ancestrais, com espíritos bons e maus e com espíritos de animais. Dessa forma, é capaz de curar e fazer adivinhações. Além disso, o xamã pode conduzir pessoas para contatarem o mundo espiritual.

A ideia de um ser humano dotado de saberes e conexões entre mundos (sagrado e profano) em busca de revelações, curas e orientações se articula a uma outra maneira de elaboração destas tradições místicas nomeadas como Animismo. Um artigo publicado em 2019, recolocando em debate a obra *Cultura Primitiva* de Edward Tylor (1832-1917) referência do evolucionismo cultural (Bird-David, 2019)¹⁵, ajudaria no fortalecimento do interesse pelo assunto, especialmente nesta trama de ligações modernas dos politeísmos. A ideia de um sistema de “cultos que dão vida aos seres não humanos” para falarem e coexistirem com os humanos, nos tiraram da insuportável solidão do mundo contemporâneo. Mas também nos remetem aos riscos de uma comunidade

14 Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/xamanismo.html#:~:text=O%20xamanismo%20pode%20ser%20definido,a%20ajudiasca%20e%20cogumelos%20alucin%C3%A3genes.>

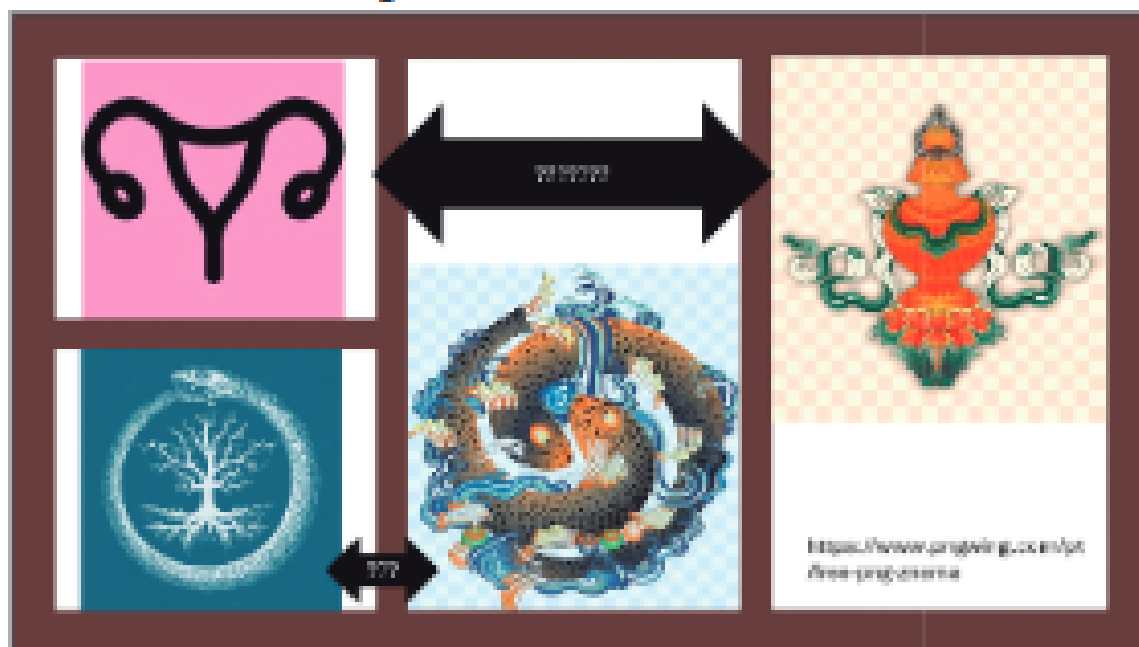
15 Disponível em: [https://soer.ufgs.br/index.php/debatesdoner/article/download/9568/8537/6/301927.](https://soer.ufgs.br/index.php/debatesdoner/article/download/9568/8537/6/301927)

“*dividual*” conforme Nurit Bird-David (2019) autor do texto citado, ou seja, absolutamente relacional. E isso também nos abala previamente.

Çriamos então nossos batuques, nossos meios de continuidade relacional com África, América e Europa anteriores ao império colonial cristão português, convivendo, morrendo e resistindo nos riscos *dividuais* dos terreiros das formas de fês, credices e práticas plurifamiliares. E isto se dá até quando familiares, parentes, amigos se convertem à lógica dos cristianismos e/ou anticristianismos dominantes. O que significa dizer que na experiência geográfica brasileira, independentemente das identidades religiosas confessadas – *eu sou espírita, eu sou cristão, eu sou umbandista, eu sou de axé e acredito em Deus: Pai-Filho-Espírito Santo, eu fui isso e já nem sou quem sou mais* – a realidade densamente habitada dos politeísmos envolve nossas credices cotidianas! E tal qual conselho de mães, madrinhas, avós e tias (principalmente), os chás e bênçãos femininas dos politeísmos assentam-nos (e apascentam-nos) na cura tão esperada.

Fundamental é perceber o quão complexa é esta dimensão místico-mágica das técnicas culturais de fazer praticar a fês devocionais mesmo sem reivindicar autonomia religiosa, em um grande sistema de crenças.

Figura 10 – O *Oroboros* maternal



Fonte: Elaboração do Autor (2024) com base nos desenhos de NEUMANN em “A Grande Mãe...” – Cap. 1, p. 20 (Editora Cultrix – 1959/1996).

O esquema adaptado da obra de Neumann fornece base para esse caminho de um espaço politeísta que não almeja disputar poder no mundo exterior (regido por princípios predominantemente masculinos). Na Figura 10, demonstramos isso

por camadas hierárquicas, onde as formas da Grande Mãe são mediadoras entre os arquétipos inconscientes e o mundo externo. O corpo feminino, em suas múltiplas simbologias – mais ou menos explícitas – conecta representações telúricas e celestiais, reconstruindo em razões, sentimentos e intuições uma infiridade de conhecimentos interativos e garantidores da vida humana na terra. É Gaia reescrita, no politeísmo da vitória parcial frente a voracidade de Cronos! Um deus “guloso” que os monoteísmos não esqueceram jamais!

3.3.2 Aulas-texto (ATMR 4, 5, 6)

ATMR04 – Monoteísmo padrão – religiões semíticas: judaísmo e islamismo

Vamos iniciar essa primeira parte da reflexão sobre o Monoteísmo, ou a crença (predominante) em um único deus, tentando situar um ponto de referência mais regional e localizado em uma fronteira móvel entre o nordeste africano e o sudoeste asiático conhecido ora como Oriente Próximo ora como Oriente Médio. Algo de muito especial, na edificação dos sistemas religiosos, vem ocorrendo neste epicentro global dominado pelas formações desérticas, para as quais Oásis naturais (como o estuário do Rio Nilo) ou culturais (como Jericó, Damasco e Jerusalém). E ainda temos de acrescentar alguma *Fala de Zaratustra* na conversa!

Pode haver outras perspectivas de unificação de divindades, mas os chamados Povos Semitas, hoje representados mais expressivamente pelos hebreus e árabes, continuam mantendo a referência de um padrão para este modelo teísta. Modelo que assenta suas bases em uma imagem de um Deus todo poderoso, criador e provedor da existência e principal demiurgo do universo (natural e humano). Antes de iniciar sua caracterização, consideremos esta citação do Portal UOL sobre educação, para observar a equivalência de semitas e judeus, ignorando origens comuns e vínculos linguísticos, étnicos e históricos, como povos vizinhos.

Utilizamos o termo antissemitismo para designar o ódio e a aversão contra judeus por conta dos eventos históricos que resultaram na migração desses povos para vários cantos do mundo, o que surtiu nas populações nativas desses territórios um sentimento xenofóbico de invasão estrangeira. No entanto, os judeus não são os únicos povos semitas. Na contemporaneidade, os semitas são judeus e árabes. Na Antiguidade, esses povos eram fenícios, hebreus (judeus), babilônicos, arameus, assírios e outros que, no terceiro milênio antes de Cristo, deslocaram-se da Península Arábica para a Mesopotâmia. Segundo o linguista brasileiro Rosário Farfã Mansur Gasrics, professor emérito da Universidade Federal do Paraná nas décadas

de 1970 e 1980, o termo *semita* como palavra para designar os povos do Oriente Médio que vieram para a Mesopotâmia foi cunhado pelo historiador alemão moderno August Ludwig von Schloesser, em 1871. Schloesser buscou referências bíblicas para definir a ascendência comum de tais povos que, apesar das diferenças religiosas e tradicionais, compartilhavam uma unidade, que, segundo o Antigo Testamento, era o fato de serem todos descendentes de Sem, filho de Noé (Mundo Educação, s.d.)¹⁵.

Os Semitismos, bíblico e corânico (pertencente ao Alcorão), portanto, advêm da ideia de purificação humana, pós o famoso dilúvio do livro de Gênesis, fundando uma nova ordem do Deus (Jeová /Alá) sobre a Terra. E a ordem constituem livros de sabedorias reveladas, histórias memoriais, profecias, louvores, mensagens devocionais, sim. Porém, do ponto de vista político e moral, os Livros Sagrados desses monoteísmos são códigos de conduta, são livros de leis religiosamente constitucionais. Dai a maior facilidade em sobrepor a formação dos impérios, monarquias, cidades-estados e suas macro extensões coloniais às Teocracias. Um Rei, para reinar, demandava conexão simbólica permanente das representatividades étnica (popular) e espiritual (divina) na unidade de sua administração. Sem essa matriz unificadora, o celeiro do Oriente Médio e suas franjas europeias e africanas, não teria gerado o Modelo Monoteísta primordial. Um modelo, todavia, nunca tão aperfeiçoado por essa grande heresia triunfante do judaísmo chamada islamismo/muçulmanismo. A outra (o cristianismo), deixamos para quinta aula.

A Submissão a Allah: O islã como padrão moderno do Monoteísmo. O Profeta Maomé (*Mohamad*), após as revelações guiadas pelo Anjo Gabriel, em 622 da era comum (ou depois de Cristo), constitui a Hégira (o Exílio), a peregrinação em fuga de Meca para Medina, e abre espaço para a Submissão Ritual à vontade de Deus, o Islamismo. *Islã* significa aquele que se submete ao *Único Deus Verdadeiro*, Allah (ﷲ). Povos árabes, nômades do deserto peninsular e africano, que não se submetiam a nenhum rei, estavam sendo misticamente instruídos a unirem forças e obedecerem, com reverência corporal ao Deus revelado. E isso deveria ser feito 5 vezes ao dia pelos devotos submetidos, ajoelhados, abaixando suas cabeças ao chão, a partir de Medina (a cidade que acolheu o profeta), na direção de Jerusalém primeiro. E depois em direção de Meca, que oito anos depois, vivenciou a primeira Jihad (a guerra santa de reconquista) e submissão da Caaba Primitiva (templo de vários deuses) à Caaba de Alá. Estava definida a nova, e em nossa leitura a mais completa e plena, Religião Monoteísta, aperfeiçoando as bases e direcionamentos teológicos das demais.

¹⁵ Disponível em: <https://mundoseducacao.uol.com.br/sociologia/anilise/semite.htm>.

Para compreensão desta plenitude de servidão a um *deus único* – sem imagem, a quem o muçulmano deve 5 orações ao dia, caridade, peregrinação, jejum no tempo sagrado e guerra santa pela purificação! Vale ouvir L. Karnal (2018)¹⁷ a fim de entender os vínculos monoteístas que desafiaram a radicalização fundamental do Islamismo.

Figura 11 – Da Caaba Politeísta ao Monoteísmo Maometano



Fonte: Elaboração do autor (2024) com base no site.

As lideranças sunitas (dos califados) e xiitas (dos familiares do profeta), mesmo em conflitos crescentes – hoje polarizados nas 2 nações polarizadoras do Islã, Arábia Saudita e Irã – condicionaram ao livro Alcorão e seu sistema jurídico, denominada *Sharia*, a eficiência desta revolução política do sec. VII aos dias de hoje. E o fizeram enfrentando (com derrotas e vitórias), seus vizinhos religiosos semitas, em disputas por êxodos e guerras santas tão responsáveis pela ascensão do Deus de Abraão e Moisés. Especialmente a partir dos anos 70 da era cristã, quando o Templo de Salomão foi definitivamente destruído. O cristianismo, como fé dos gentios (não judeus), multiplicou suas "caabas" em muitos centros de peregrinação mundiais. Mas o judaísmo, manteve sua fidelidade maior e histórica no Jerusalém terrestre e seu templo simbolicamente reerguido no geopolítico Estado de Israel. Em que medida o Judaísmo¹⁸ com a 29ª descendência de Abraão em Isaac (com Sara, a esposa) poderia reivindicar ser a mais antiga forma de devoção em um Deus Único? Os filhos de Ismael (1º filho de Abraão com Agar, a serva) não precederiam nessa herança?

17 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=190Das_uYdMCI=1011s.

18 Ver: https://www.youtube.com/watch?v=wBB1ChBK_c.

A resposta a essa pergunta demanda a decodificação de outro paradoxo onde estaria a origem dessa necessidade de unificação. É aqui que encontramos o incomodo Império Persa/Medo, a emergência de um deus, Ahura Mazda, revelado a Zoroastro/Zaratustra, criador do Mazdeísmo ou Zoroastrismo (Saber Mais, 2024)¹⁹.

No texto de Gustavo Claudiano Martins (2023) – *O zoroastrismo esculpido na forma monoteísta: a história social e a história dos conceitos* – uma interessante reflexão nos faz compreender que herança parcial dos textos *Avesta* (a partir dos quais o Mazdeísmo chegou até os tempos modernos) não nos garante afirmar um Modelo Monoteísta pleno e ancestral desta sabedoria persa-iraniana. Mas também não podemos desprezar correlações.

Deste modo, persiste sobre o Antigo Avesta a sombra do monoteísmo. Especialmente a partir da afirmação de Hrug de que os Gathas haviam sido escritos pelo profeta Zaratustra. A grande inovação encontrada nos Gathas era o tratamento rival dado aos daevas. Pela primeira vez, as antigas divindades indo-iranianas pré-zoroástricas eram tratadas não apenas como demônios, mas como falsas. Em especial na Y 32,3: “Mas vocês, deuses (falsos) (daeva), todos vocês são sementes do Mau Pensamento e (assim também é) quem muito os adora. (Sementes) do Engano e da Pretensão (são), ações repetidas pelas quais vocês são conhecidos na sétima parte da terra” (Hintze, 2013, p. 19). O traço monoteísta atribuído a Ahura Mazda, supostamente por Zaratustra, não está a princípio em uma afirmação identitária, mas na constituição de uma divindade que se estabelece a partir da negação de outras. É exatamente desse tipo de processo de diferenciação que Jan Assmann afirma que o monoteísmo se estabelece, a partir da “distinção mosaica” [...] À luz da suposição monoteísta de Zaratustra, a pergunta que se abre é consequência da gaiola imposta pelas determinações do conceito. Se há somente um deus soberano e onipotente, como explicar o mal no mundo? Ou seja, a teodiceia se torna o principal problema teológico na afirmação monoteísta (Claudio Martins, 2023, p. 339 e 341).

Temos associações similares do Mazdeísmo com as tradições cristãs, que exploram a perspectiva de reformas, no ajuste de princípios escatológicos (ou o último da existência humana à luz da relação com a divindade e os mistérios da vida). Desta feita, assim como o Islamismo e o Cristianismo reformam o Judaísmo das tradições bíblicas (no Alcorão e no Novo Testamento), Zoroastro reformulou o Mazdeísmo de criando a doutrina da unidade monoteísta. Nas palavras de Ana Cândido Henriques (2019), na tese em Ciências da Religião

19 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jRuJUEyMpPE&t=428s>.

intitulada *Zoroastrismo da Pérsia e Catolicismo Romano: Um Estudo Comparado entre concepções Escatológicas*²⁰, ela nos lembra já na conclusão:

A reforma zoroástrica foi erguida em cima de pilares bem delineados, visto que emergiu a partir de uma insatisfação relativas às práticas mazdeístas até então executadas, como o sacrifício de animais, o uso do haoma e o culto à várias divindades. [...] Zaratustra implementou novas práticas religiosas [...] e o reconhecimento de Ahura Mazda como o único deus supremo merecedor de culto (Henriques, 2019, p. 258).

Enfim, a unidade do modelo monoteísta, sempre gerou polêmicas; especialmente pela visão de conquista, que a lógica reformadora – presente no Islã, mas ausente no judaísmo – impões sobre o nome de Missão. *Sem expansionismo não há mais Fé! Oh, Senhor dos Céus na Terra; Vinde nos Salvar! Vamos precisar refletir os monoteísmos cristãos para mergulhar nisso!*

ATMRO5 – Monoteísmo cristão – igrejas, profetas, santos, líderes

Direta e indiretamente, já falamos do Cristianismo na 4ª Aula-Texto. Entretanto, deixamos o direcionamento sobre os aspectos centrais desse complexo monoteísmo para essa 2ª parte da discussão a respeito da mais marcante das espacialidades teístas. Afinal, Já entendemos que a unificação dos deuses em um só Deus (onisciente, onipotente e onipresente – lembrando que o prefixo “oni” significa “tudo”) ocorre como estratégia socioambiental de fortalecimento civilizatório. Sim, a afirmação é polêmica e controversa. Mas desde o estudo do hinduísmo com suas faces modernas na política, cultura e economia (AT02) torna-se inoperante sonhar com uma volta ao politeísmo, pré-colonial, acreditando que a diversidade não demanda conexões. E é de uma conexão pouco explorada no Cristianismo e indispensável para sua ascensão que precisamos partir para apresentá-la neste dia, 13 de maio... mês das Mães, Mês de Maria, de Maya (mãe helênica de Hermes, filha de Atlas e Pleione), das Flores Primavera (Hemisfério Norte) e da correlação direta à maternidade Pagã da tradição grega.

É sintomático, portanto, pensar a Religião Cristã, no universo monoteísta, com pelo menos 4 tradições pró-teístas (isto é, abertas a admissão positiva da divindade maior), configurando seus credos em formas institucionais de assembleias cooperadas (ou igrejas).

20 Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/1723456789/13037/1/Ana%20C%20A%20india%20Henriques_1ese.pdf

Quadro 2 – Igrejas, seus períodos e motivações

IGREJA CRISTÃ	Período e Motivo emergente
Primitiva (Apostólica e perseguida)	Apostolado cristão original, sempre em movimento, sendo acolhida em comunidades desde o Séc. I
Católica Romana (Latina e/ou Ortodoxa)	Muito associada à herança greco-latina do estado imperial e não licadoras de dogmas, desde o Séc. IV
"Protestante" & Católicas Reformadas	Busca na racionalidade moderna os compromissos primitivos sem as amarras mundanas medievais. Séc. XVI
Evangélicas & Pentecostais	Articula-se as vantagens globais da comunicação, como ligação direta da Igreja Primitiva na atualidade. Séc. XXI

Fonte: Elaboração do autor (2024).

Claro que todas se reconhecem, na maioria das vezes de forma depreciativa – discriminando as demais como seitas, desvios, ilusões ou pecado estrutural. E, no que concerne a suas zonas de influência, é possível perceber que TODAS sacralizam Assembleias (Igrejas), Profetas, Santos, Lideranças teológicas e Leigos – para além das infinitas interfaces sincréticas globais – como uma forma identitária de moldar tradições em forma e conteúdo da figura ritual de Jesus Cristo. Não temos tempo e nem espaço aqui para navegar por muitos enfoques, por isso vamos acolher três elementos deste monoteísmo cheio de desvios e riscos religiosos, sempre abertos a contestações face a sua razão paradoxal. Os elementos são: a) a Maternidade geradora do Cristo; b) a Santificação profética dos Mártires guiados pelo Filho de Deus; c) a Palavra bíblica proferida como Verbo encarnado. Os três elementos podem ser multiplicados infinitamente. Mas em essência vão reforçar a ideia-chave desta zula: O Cristianismo e sua Santíssima Trindade (Pai-Filho-Espírito Santo) é geograficamente um caso único de *monoteísmo plástico*, isto é, composto, hoje e infinitamente, para incorporar nele todas as crenças pagãs do planeta.

A Maternidade Geradora e Virginal do Teísmo Cristão. Peçamos aqui uma ajuda “externa” à visão Islâmica de Maria, a mãe de Jesus, para compreender como os dois primeiros modelos (mais antigos) de Igreja desenha uma fé, emocional e intuitiva para representar a tradição judaico-cristã. Esse breve vídeo, *A Virgem Maria no Islã*²¹ (História Islâmica, 2022), relembra que no Alcorão, a figura imponente de Maria é citada mais vezes do que no Novo Testamento; e que a imagem da virgem teria sido poupada na destruição de outros “ídolos” divinos, na antiga Caaba, quando da conquista do exército de Maomé em Meca (630 EC). Essa aprendizagem árabe do Marianismo, como representação da graça divina para explicar o Natal do profeta Jesus (no Islã) ou do Menino Deus nos Evangelhos, advém de polêmicas histórias da Igreja Primitiva, progressivamente dogmatizadas pelas Igrejas Católicas do ocidente

21 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3RUSnK3CpnE&list=PL>

(apostólica romana) e oriente (ortodoxa bizantina) europeu. O culto à virgem, como veneração externa a Trindade Cristã, foi evoluindo na forma didática de adesão dos povos gentios. Desde a transformação do império Romano em um estado multiétnico Católico – conversão de Constantino de 311 a 313 da Era Comum²² – tal processo se intensificou, da Igreja primitiva para o sistema Católico triunfante. Reforçando-se e espalhando infinitas denominações marianas, tanto no milênio seguinte (Idade média), quanto após o Renascimento humanista. Afinal, a condição didática de um deus que se faz homem-carne e vem ao mundo para salvar a humanidade, deixa um enorme espaço afetivo e inconsciente para novos florescimentos místicos na devoção judaico-pagã a uma terra ↔ lugar ↔ casa materna. Familiarmente original.

Por isso, é indispensável ler os rituais contemporâneos de procissões e peregrinações a lugares sacralizados como a Igreja Santuário, no Bairro de Fátima (Fortaleza) – entre outras reverências locais como N.S. da Conceição (08/12); Aparecida (12/10), Das Dores (15/09), Assunção (15/08), do Carmo (16/07), da Candelária (02/02) entre outras²³ – e observar diferentes maneiras que o Cristianismo encontrou para viver esse *monoteísmo plástico*; seja no culto mariano, seja nas tradições de outras entidades que desafiam as críticas da igrejas emergentes na modernidade.

A Santificação Profética dos Mártires e a Palavra Bíblica. A crença em um salvador que se fez homem, nasceu da Virgem, viveu preparando-se para o batismo no espírito Santo de Deus e em três anos fez uma revolução mística e missionária no mundo judaico (sob o Império Romano), varreu o restante da antiguidade e todo medievo europeu, conquistando outros povos, considerados “bárbaros” para a cristandade, muito além da bacia do Mediterrâneo. E deu ao apóstolo convertido, Saulo de Tarso (São Paulo), a primazia de dois ícones indispensáveis ao avanço das Igrejas que ultrapassaram o credo primitivo: o livro e a espada. A tradição dos Santos, desde o Catolicismo eclesial, tornou hermético (fechado) o acesso ao livro; mas conduziu a espada – uma forma instrumental e mais utilitária da própria cruz – a desbancar a simbologia do *Ichthys* (“peixe” ou Jesus Cristo, Filho de Deus Salvador), ícone mais representativo das comunidades primitivas.

Paulo, o evangelista que abriu caminho para reverência a todos os mártires, que não conviveram diretamente com Jesus (o nazareno), mas foi iluminado pelo Cristo (o deus filho), liderou uma igreja primitiva tornada católica, protestante e evangélica nos séculos seguintes, constituiu um modelo de santo-profeta-líder. Paulo, em uma perspectiva radical de vida em busca de

22 Disponível em: https://www.nationalgeographic.pt/historia/como-constantino-legou-o-cristianismo-o-criou-constantinopla_2749.

23 Disponível em: <https://salvemarismaculada.com.br/estaz-marianas/>.

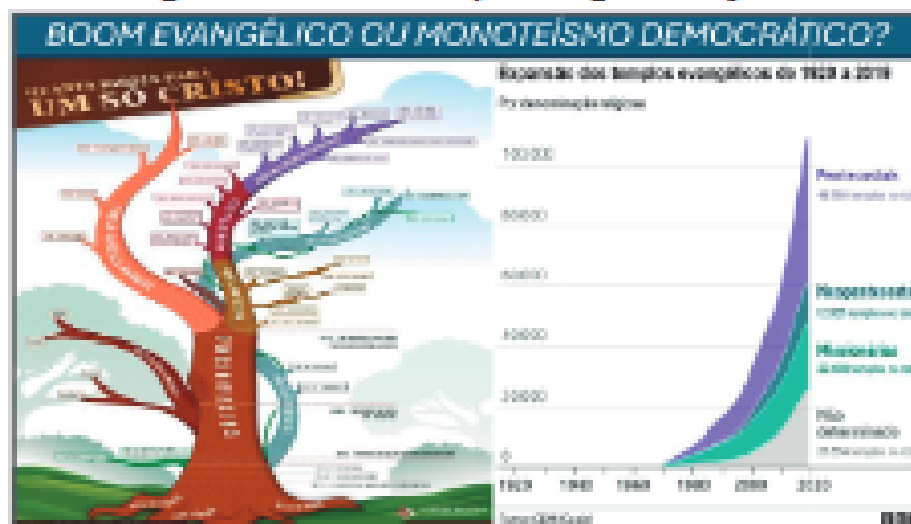
santidade, poderia ter rebatizado a uma das primitivas Igrejas Cristãs como “Paulina” (Fiorani, 2013). Outro vídeo de Leandro Kamal (2018) resume a trajetória cristã sintetizando sua mensagem²⁴.

Essa multiplicação de figuras reconhecidas como especiais – no mundo religioso, no cânone (vara de referência) ou no texto papal – fundamenta-se na ideia de *SANTO* como modelo humano ideal de conduta. O Santo é um Pastor (Pastora) celestial, um mediador mais acessível do que o grande Mediador do Reino; seja Cristo, na 2ª pessoa de Deus; seja o Espírito, 3ª Pessoa.

Contudo, mesmo a representação de Paulo e dos milhares de Santos Católicos, não fecham a conta do problema maior, que a Reforma (séculos XVI e XVI) e o Boom Evangélico (séculos XX e XXI) fizeram aflorar: é possível professar o Cristianismo como uma religião predominantemente pessoal? Em que medida o monoteísmo cristão foi reconquistado pelas igrejas modernas e suas formas econômicas e interpessoais de depurar as estruturas mediadoras?

Imagens do monoteísmo cristão nos templos das igrejas reformadas. Continuando a tratar a diversidade crescente dos Cristianismos, em seu crescimento pentecostal mais recente, reunimos duas imagens gráficas (Figura 12) que favoreceriam o debate coletivo. Porém, mesmo no formato de Aula-texto, a ideia é refletir as motivações de 400 anos de reforma na modernidade. Utilizem para isso uma perspectiva associativa para formular questões norteadoras sobre: o Futuro do Cristianismo... quais as suas tendências no Sec. XXI?

Figura 12 – A diversificação evangélica em pauta



Fonte: Elaboração do autor (2024) com base em figuras selecionadas dos sites Wikipédia (s.d.) e BBC (Carvalho, 2023)²⁵.

24 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9cX5rF55-5g>.

25 Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_denomina%C3%A7%C3%B5es_protestantes_no_Brasil e <https://www.bbc.com/portuguese/artigos/originao01mo>.

ATMR06 – Antimonoteísmo: budismo, bíteísmo e ateísmo

O título-tema da aula-texto faz parecer que vamos negar aqui a existência do Monoteísmo como modelo de Espaço Teísta, apresentando três variáveis de fé/crença/adesão filosófica – sem distinções em princípio – capazes de retirar a visão de um Deus Único de sua zona de conforto. Vale a pena esquematizar a perspectiva de hoje, em um ideograma radial, com configuração pictórica, para lembrarmos: que todo Monoteísmo, para assegurar poder mundano, sempre está e estará fora de qualquer zona de conforto; seja quando caminha pela afirmação ou pela negação radical deste mundano. Talvez por isso, o Cristianismo tenha encontrado em uma espécie de ambiguidade devocional – vide ATMR05 – da Santíssima Trindade, passando pela veneração à Virgem, até uma infinidade de santos, líderes etc. – para lidar com as tensões, produzindo ainda mais tensões. A leitura do ideograma da Figura 13 pode começar por qualquer um dos lados e tomar a direção que mais for significativa ao leitor. Mas como sempre tentamos decodificar o que o autor (o professor, no caso) quer nos informar, comecemos pelo centro.

Figura 13 – Ideograma de monoteísmos e contrapontos



Fonte: Elaboração do autor (2024).

O triângulo marrom do monoteísmo volta suas pontas para os três grandes sistemas de origem semítica (volte na ATMR04, se ainda tiver dúvida aqui). Entretanto, lembra-se que o Islamismo reflete o monoteísmo mais lapidado, enquanto cristianismo e judaísmo operam nas bordas de influências relativamente *estranhas*. Há um setor na borda esquerda, onde os paganismos ocidentais não permitem mais ao cristianismo reivindicar sua fidelidade monoteísta. O movimento seguinte de leitura é observar o setor sul do contraponto monoteísta. Ou melhor dos *anti* monoteísmos, assim considerados porque

lidam com formas mais críticas – cada um agrupamento a sua maneira – de afirmar que a busca de Deus Único pode ser uma tarefa verdadeiramente demoníaca (satanismo) ou uma sufocante perda de tempo por alienação das realidades mais profundas (ateísmos e gnosticismos); ou mesmo uma fuga da luz divina que te habita (budismo).

Claro que também podemos partir da distribuição de ícones ilustrativos e percebê-los da centralidade do “diabinho sorridente” aos pontos reticulado nos demais ícones: sol, peixe, espada/cruz fincada na pedra, lua, livro iluminado, castiçal, ser em meditação. Mas o fundamental é visualizar o jogo alternado entre os setores. Em parte, o Oeste/Leste, que dá ao Cristianismo a posição de destaque, em vermelho sangue-coração para triângulo divino frente ao triângulo central, representado pela cor de terra/barro. Porém, está sobreposto a um azul escuro, noturno que desafia os valores religiosos, desde os tempos de Zaratustra e faz eco nas infundáveis crenças pagãs e politeístas, no Velho e Novos Mundos.

E entre esses novos horizontes geográficos, os espaços de modernidade no setor sul do ideograma, agrupou como vizinhos (o que é sim muito controverso) satanismo, ateísmo e budismo. E ainda considerou, o primeiro, uma negação do divino maior por *bi teísmo* e o segundo, uma expressão de movimentos agnósticos. Agora nos dediquemos a buscar fontes de informações muito preliminares sobre cada uma dessas faces de forte apelo intelectual e, por isso mesmo, baixa adesão como perspectiva clássica de religião.

Budismo seria mesmo a uma proposta de Religião de Siddharta? O contexto de vida de Siddharta/Buda é o norte da Índia, entre 563 a 483 (AEC), conforme o livro *A doutrina de Buda*, de Bukkyo Dendo Kyokai (2014)²⁶. Portanto, em princípio, como veremos no resumo do site, não se trata de explicitar o enfrentamento de um Monoteísmo, enquanto religião. Mas do que já associamos a uma monarquia de valores, um poder alienante que impede a iluminação das pessoas e comunidades. Um resumo no portal *Brasil Escola*, assim nos diz:

- O budismo é uma religião baseada nos ensinamentos de Siddhartha Gautama, o Buda, com ênfase na busca pela iluminação e no alívio do sofrimento humano.
- Buda é o fundador do budismo, tendo alcançado a iluminação debaixo de uma árvore Bodhi.
- Nirvana é o estado de libertação do ciclo de sofrimento e renascimento, buscado por todos os praticantes do budismo como o objetivo final.
- O budismo é caracterizado por uma abordagem não teísta, enfatizando a compaixão, a não violência e a prática da meditação.

- As crenças do budismo incluem as Quatro Nobres Verdades, que tratam do sofrimento humano, suas causas, a cessação do sofrimento e o Caminho Óctuplo.
- Os ensinamentos do budismo, conhecidos como Dharma, incluem princípios éticos, mentais e sábios para alcançar a iluminação e a paz interior.
- Símbolos importantes no budismo incluem a Roda do Dharma, o Lótus e a imagem do Buda em meditação, representando ensinamentos e valores fundamentais.
- O budismo teve origem na região do atual Nepal e Índia, difundindo-se pela Ásia ao longo dos séculos através dos ensinamentos do Buda.
- Existem diversos tipos de budismo, incluindo Theravada, Mahayana, Vajrayana, Zen e Pure Land, cada um com suas próprias ênfases e práticas.
- O budismo no Brasil se expandiu principalmente através da imigração japonesa, com a fundação de templos e centros de prática em várias regiões do país.
- As escolas budistas, como Theravada, Mahayana e Vajrayana, oferecem abordagens diversas para a prática espiritual e a compreensão dos ensinamentos do Buda.
- As diferenças entre budismo e hinduísmo incluem a rejeição da autoridade dos Vedas, a ênfase na compaixão universal e a ausência de um conceito de alma eterna no budismo (Veja mais sobre "Budismo" em: <https://brasilescola.uol.com.br/religiao/budismo.htm>).

Se do pondo de vista matricial, o budismo do Príncipe Gautama, buscou a iluminação rejeitando tradições hinduístas (nos brâmanes, vedas e ciclos de reencarnação), poderíamos dizer que seu posicionamento na Figura 2 não corresponde a um enfrentamento direto das tradições semíticas. Sua questão central era e continua sendo o ilusionismo de deuses, correto? Sim e não. De fato, há uma contextualização imediata no âmbito dos países e tradições orientais. Porém, o problema essencial não erra a multiplicação, mas a externalidade do Divino Absoluto. E neste sentido podemos afirmar que em termos matriciais, considerando o jogo entre espaços (côsmicos, geográficos e filosóficos), interior X exterior, o budismo entende que os teísmos – independentemente da quantidade de deuses – impedem nossa compreensão espiritual mais sagrada. O culto a um ou mais deuses, exteriormente falando, nos afastaria não de um “deus” interior, mas sim da iluminação (ou dom) que nos libertaria definitivamente do sofrimento, das dores e dissabores da existência. Não se trata, portanto, de cultuar, mas de saber conduzir-se na iluminação do Buda (o iluminado, o desperto).

O linguista Heinrich Zimmer (1890-1942), autor de “Filosofias da Índia” (1997), estudioso do sânscrito e das tradições indianas, definia a vivência de um médico que: desperta para a doença (dor e sofrimento), acolhe uma hipótese de causa (ignorante desejo), investiga uma saída (consciência de transformação) e prescreve um tratamento (retidões na concepção, pensamento, palavras, conduta, meio de vida, esforço, atenção e meditação). Aos interessados vale a pena recuperar, mesmo em espanhol, o texto de Zimmer compilado por outro Grande estudioso das tradições mitológicas, Joseph Campbel

(1904-1987)²⁷. Essas nobres verdades e o caminho óctuplo, lembram a muito filósofos e cientistas modernos, uma similaridade entre o método científico e os conhecimentos budistas. Seu conjunto de descobertas a partir do Japão, China e Sudeste Asiático – lugares de maior incidência do budismo contemporâneo do que a Índia, proporcionalmente, garante essa visão de que a fé na iluminação confronta – sem exageros nem grandes conflitos – as tradições monoteístas (Campbell, 1984). O que precisa sempre ser ponderado, conforme o contexto específico em questão.

O Conhecimento ocupa o vazio deixado por Deus. Para entrecruzar perspectivas contestadoras, a partir das reflexões sobre o budismo como 1º anti-monoteísmo) temos que lidar de forma mais focada com a ideia de que o conhecimento liberta. Mas conhecimento de qual tipo? Aqui começa um olhar mais ou menos pulverizado pela variedade de vínculos religiosos, que tende a negar o status limitador da religião. Muito embora ela tenha suas convenções, dogmas, igrejas, líderes e legiões de adeptos.

Vamos começar pelo conhecimento gnóstico, herdeiro de uma série de interpretações orientalistas, judaicas e cristãs, mas vitimado pela paulatina expulsão de práticas e teorias rebaixadas a ocultismos. O Gnosticismo que pode ser acessível de maneira muito resumida no portal *Heinrich Filosofia*. É neste caso, falamos de um processo que alcança a perspectiva de seita, de procedimentos místicos, mágicos, não legitimados, seja diante das Ciências ou das Religiões sistematizadas. Por isso atinge o monoteísmo por pulverização de saberes. O que se diferencia de uma lógica mais assumidamente científica, como o Ateísmo, cuja fundamentação teórica tente a ser mais incisiva no sentido de construir uma série de argumento plausíveis para uma vida moral e saudável sem Deus, pode ser exemplificado nesta pesquisa, em Ciências da Religião, de Amauri Carlos Ferreira (2010), enfocando o pensamento do filósofo e matemático Bertrand Russel (1872-1970)²⁸. No estudo, é possível reconhecer no humanismo e no ambientalismo científicos, que a responsabilização dos homens no enfrentamento do mal, permite aos Ateísmos ocuparem posição de destaque; inclusive para desenhar especial parceria com monoteísmos mais progressistas e menos fundamentalistas. Eis um portal para obter uma diversidade significativa de artigos sobre Ateísmo²⁹.

E quanto ao *Birreísmo*? Por que denominar assim a ideia correspondente a uma Igreja do Diabo ou Satanismo? Aqui valeria a pena construir uma busca interativa para muitas e profícuas curiosidades sobre a representação de Satã, personificação do deus negativo e dos males infernais, como uma

27 Disponível em: https://budismolivre.org/docs/livros_budistas/Heinrich_Zimmer_Filosofia_de_la_India.pdf.

28 Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo/3630936.pdf>.

29 Disponível em: <https://atikus.net/>.

figura de sedução e demanda por cultos “profanadores”. Vale a pena iniciar essa aproximação a respeito do direito de culto e do desenho religioso do satanismo pela matéria de Rebecca Seales da BBC News, em Boston (EUA), de 23/05/2023 (<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c7270v118j4o>). E no final questionarmos: *quantas igrejas Cristãs tem ensinado hoje mais sobre Satã do que sobre Deus?*

3.3.3 Aulas-texto (ATMR 07, 08, 09)

ATMR07 – Panteísmo: religiões da modernidade e da natureza mundana

Quando a unidade dos Monoteísmos, cultivada e contestada em movimentos devocionais tão disparees avança rumo à Modernidade – e a crença em um método científico mais funcional e racional – damos um salto para um modelo espacial teísta significativamente ecológico. Passamos nesta aula a tratar do que foi chamado de *Panteísmo*. Claro que seus fundamentos e variações podem ser observados em muitos estudos que não utilizaram diretamente esse conceito. Também podem suscitar perspectivas interpretativas a respeito do pensamento e contribuição filosófico-científica de estudiosos emergentes, desde período renascentista na Europa Ocidental. Expressões como *o Deus de Espinosa, Super-homem de Nietzsche, o Divino em Einstein...* passaram a rondar a perspectiva analítica de inúmeros estudiosos, interessados em classificar os sistemas de crença em diversas camadas esquemáticas.

Observem o movimento inclusivo-exclusivo deste vídeo de explicação do Panteísmo, apresentado pelo Teólogo Janse Racco, no canal *Café com Teologia*³⁰. A ideia aqui é distinguir os descompromissos generalistas do Panteísmo – em uma concepção superficial de que *Tudo é Deus* e, portanto, nada demanda responsabilidade humana. Para uma contraposição mais teísta, retornando ao Monoteísmo, sem perder essa ligação da divindade na criatura/criação, ele cita o filósofo alemão Karl Krause (1781-1832). Repetindo o que Janse apresenta, a ideia original de Krause é o *panenteísmo* nome que dá à sua doutrina de que o universo está contido em Deus, isto é, que Deus é maior do que o universo e este está contido Nele (Cobra Pages, 2011)³¹. De forma muito preliminar, podemos dizer que os desafios de compreensão da(s) Natureza(s) ambientais, enfrentados pelo boom científico nos último 400 anos, forjaram também 2 olhares opostos (outro *Bitsismo* interno) no próprio Panteísmo: 1º Deus é a Natureza de Tudo, mas uma parte central dele teria consciência de comando sobre as demais (eis o “Panenteísmo” de Krause). 2º Deus em

30 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EIFHWzSH8g>.

31 Ver: <https://www.cobra-pages.com.br/mod/krause/>.

Tudo é Natureza e se manifesta em nossa consciência (por presença ou falta), sustentando uma dinâmica aleatória e probabilística de ordem/caos no Acaso. Se adicionarmos componentes do *Mistério*, alimentando misticas, medos e estranhamentos, chegamos no *Deus de Spinoza* (Zorzo, 2024) até concluir como o filósofo F. Nietzsche... *Deus Está Morto*. Caminhos intermediários entre um Panteísmo de Deus Vivo ou Deus Morto, pode se multiplicar, com especial variação no modelo que veremos no próximo texto.

Por encanto, vamos ficar com o aspecto mais esquemático do Panteísmo, revisando o que vem afirmado em exposições mais didáticas a respeito.

O termo “panteísmo” apareceu pela primeira vez em latim, no *De Spatio Reali seu Ente Infinito* do matemático inglês Joseph Raphson, publicado em 1697. A origem do panteísmo como modelo de pensamento é desconhecida. Contudo, encontramos características marcantes deste sistema em filósofos ainda antes de Raphson, tais como João Escoto Erigena (815-877 d.C.) ou Nicolau de Cusa (1401-1464). Alguns dos seus princípios podem também serem encontrados no trabalho de Giordano Bruno (1548-1600). Estes estudos anteriores permitiram ao panteísmo surgir no século XVI como um sistema próprio e servir de prelúdio ao materialismo e ao ateísmo. Em que consiste o panteísmo?

A abordagem fundamental do panteísmo é que Deus e a natureza são uma e, também, a mesma coisa. Não é uma forma de politeísmo, em que a cada aspecto da natureza é atribuída uma divindade, mas, pelo contrário, tudo o que existe forma uma unidade que pode ser chamada Deus. Isto inclui objetos, leis naturais, corpos astronômicos e o próprio ser humano. O panteísmo não propõe um Deus como uma entidade cognoscível específica, alcançável através de algum tipo de método. A realidade, como um todo, é manifestação divina, emanção de Deus, que deve ser entendido como o princípio do que é, mas também como o que o mantém sendo (Enciclopédia Humanidades, s.d.)³².

O breve apanhado desta citação da “Enciclopédia de Humanidades” tenta apenas situar variações que implicam o Panteísmo como um 3º modelo *espaço teísta naturalizado*. Deus pode estar morto ou apenas servir de roupagem para forças cósmicas na Terra. Mas no Panteísmo, a perspectiva central de Natureza é o que importa (Bitencourt, 2017). O mundo, a paisagem, o espaço da Natureza é o que define a densidade da fé. E isso não é um enunciado de fácil aceitação diante de qualquer tradição que tenha evoluído ou avançado historicamente em meio as heranças politeístas e monoteísta. Especialmente quando um clássico Bateísmo produziu a ruptura ocidental entre duas permanentes perspectivas filosóficas:

32 Disponível em: <https://humanidades.com.br/panteismo/#:~:text=A%20abordagem%20fundamental%20do%20pante%C3%ADsmo,que%20pode%20ser%20chamada%20deus.>

Filosofia da Religião X Filosofia da Ciência, sempre “ignorando” que a teologia, a psicologia, as ciências sociais e aplicada, além da geografia, nutrem seus avanços epistêmicos polarizando dois ou mais campos em disputa. E aí o próprio Panteísmo, como questionador devoto das novas visões de natureza, acaba fomentando as novas crenças mundanas e novos cismas. A leitura em colunas e diagonal da Figura 14, com as definições de panteísmos religioso e naturalista, nos permitirá situar tais visões e sintetizá-las no cenário da modernidade.

Figura 14 – Entorno do Panteísmo



Fonte: Elaboração e arquivo do autor (2024).

Favorece a observação mais conduzida do ideograma força nosso olhar na direção inferior a esquerda. “Será uma religião (o Panteísmo) da natureza?” é a pergunta-chave que abre caminho à noção diretamente respondida na ideia de *espaço natural de ciência moderna*. Daí conectamos uma visão naturalista (ou ultra naturalista), emergente ao longo das revoluções políticas, tecnológicas e socioeconômicas do capitalismo industrial (Séc. XVIII, XIX e XX), polarizando essências e aparências sobre o quanto a *Natureza emana divindade(s) ou se reveste dela(s)*. Um Panteísmo passou a ser considerado abertamente “ateu” por considerar que o amadurecimento das respostas prescinde da roupagem divina. Embora certas correntes compreendam que do ponto de vista dos vínculos com as inúmeras comunidades étnicas mais tradicionais, confrontar divindades é perder espaço para parcerias mais estratégicas é ir contra as hegemonias monoteístas. Nesse momento o ateísmo pode também se revestir de agnosticismo (ou seja, de “desconhecimento” protetor que o historiador Peter Burke nos apresenta em sua obra *Ignorância: uma história*

global ao tratar das ignorâncias da religião, das ciências e da geografia (2023, p. 72-136). Em outras palavras, aquele comportamento intelectual que *respeita* os limites humanos em não ser capaz de demonstrar a existência ou a ausência de uma divindade; mas por motivos políticos (defensivos e temerosos) prefere fazer *apartheids* sociais, conservando distâncias cognitivas preconceituosas.

Olhemos aqui mais para o lado positivo do agnosticismo, em função deste certo “distanciamento” mais respeitoso, foi possível lidar com perspectivas mais inclusivas ou mediadoras do Panteísmo, em sua dimensão fortemente religiosa incluindo nas diversas representações da natureza – sejam elas cíclicas, cotidianas, sazonais ou raras, como em eventos extremos ou catástrofes – uma manifestação menos aleatória e mais consciente do sagrado/divino. O Panteísmo aqui começa a reencontrar vínculos com uma cultura global, paisagisticamente forjada em perspectivas mais colaborativas. A visão de uma divindade celestial sempre tão distante, se aproxima mais de uma sabedoria mundana, ainda distante, porém geograficamente mais palpável. Que estudos panteístas (ateus ou divinais) podemos exemplificar?

Cultos Panteístas da Mãe Natureza! Onde e Como participar dessa Fé? Logo na introdução a uma obra pouco acessada por geógrafos, mas de forte sistematização na filosofia humanista das ciências na compreensão do mundo natural ocidental, M. Merleau-Ponty (1908-1961) desenha a seguinte passagem:

Busquemos o sentido primordial, não lexical, sempre visado pelas pessoas que falam de Natureza. Em grego, a palavra “natureza” deriva do verbo que faz alusão ao vegetal; a palavra latina vem de *nascor*, nascer, viver, e é extraída do primeiro sentido mais fundamental, mas, onde, porém não existe pensamento; daí o parentesco com o vegetal: é a natureza o que tem um sentido, sem que esse sentido tenha sido estabelecido por um pensamento. É a autoprodução de um sentido. A Natureza é diferente, portanto, de uma simples coisa; ela tem um interior, determina-se de dentro; daí a oposição de “natural” a “acidental”. E não obstante a Natureza é diferente do homem; não é instituída por ele; opõe ao costume, ao discurso. É Natureza o primordial, ou seja, o não-construído, o não instituído; daí a ideia de uma eternidade da Natureza (eterno retorno), de uma solidez. A Natureza é um objeto enigmático; um objeto que não é inteiramente objeto; ela não está inteiramente diante de nós. É o nosso solo, não aquilo que está diante, mas o que nos sustenta (Merleau-Ponty, 2000, p. 4).

A investigação epistêmica do filósofo foca nas mutações do conceito de natureza até encontrar o paradoxo do corpo humano. É seu desafio combater os idealismos contemporâneos, diante de uma natureza animal, consciente e

transgressora *que nos sustenta*. O mundano desfaz e refaz narrativas e mitos. Por isso o Panteísmo nesta etapa de nosso estudo acopla indicadores de crenças, que em outras condições socioambientais dispersas ou externas às academias, jamais poderiam ser pensadas como religião. Por esta razão demos ao Panteísmo o status de 3º modelo teísta. E finalizamos essa com dois exemplos de investigação capazes de tratar suas variantes.

O 1º corresponde ao estudo sobre os cultos pernambucanos do Círculo de Deus e Verdade (CDV) e a Sociedade Panteísta da Ayahuasca (*Panhuasca*), documentados no artigo de Miguel Bittencourt (2017), *O panteísmo em perspectiva*. Interessante frisar que novas classificações relacionadas às dualidades desse sistema, sugere ao autor, que a leitura natural e filosófica Ayahuasca aproxima a planta de uma perspectiva cósmica aberta, ligada às religiões da Nova Era (aula-texto seguinte) e a contrapõe aos dogmas dominantes. “*Cristianismo é assim antinatural!*”

O 2º exemplo vem de um raciocínio vivenciado por nossa adesão, quase religiosa (se não completamente devota) às viagens darwinistas ou *humboldtianas* às paisagens dominadas por grandezas ecossistêmicas, como pouca ou mínima interferência humana. Qual geógrafo em sua contemplação ↔ admiração ↔ compromisso com o trabalho de campo (especialmente) na geografia física, não seria um fiel (mais ou menos praticante) do Panteísmo contemporâneo?

ATM08 – Neoteísmos afro-indígenas e orientais na geopolítica da Nova Era

Fizemos uma reformulação do subtítulo desta AT08, cujo ponto central é tratar da expansão do lado mais religioso do Panteísmo, na construção de um modelo genuinamente contemporâneo de Espaços Teístas: Neoteísmo. A reformulação se justifica porque entendemos que a premissa para a valorização social e patrimonial das tradições de fé, encantarias e axês, afro-ameríndias, no Brasil atual, corresponde a um jogo muito mais político-ideológico do que a uma acolhida ética-espiritual. O que significa dizer que o espaço das tradições étnicas minoritárias, no Sec. XXI funciona como um acordo para política de cotas ou de reconhecimento público de que a Sociedade *axsita*, mas não incorpora a dimensão da efetiva Diversidade Religiosa.

Em outras palavras, um Brasil da Macumba, da Umbanda, do Candomblé, do Xangô, do Tambor de Mina, do Batuque, da Jurema, do Santo Daime, da União do Vegetal, do Terecô, dos Espiritismos de Terreiros e de Mesas Brancas, dos Templos e Aldeias de Meditação, eticamente cristianizadas, enquadrando-se no modelo *neoteísta* sim; desde que tais seguimentos cooperem com a lógica política da diversidade virtual e aceitável, conexas às redes sociais.

Figura 15 – Mosaico de Neotetismos



Fonte: Mosaico elaborado pelo autor (2024).

Mas esses *Brasis Poli Macumbeiro*, dos terreirões alternativos, *devem* vestir a roupagem política de afirmação e *não podem* vencer o bloqueio espiritual das hegemonias: Monoteísmo cristão e Panteísmo pós-cristão (Figura 15). Resta-lhes os caminhos tortuosos enveredados pelo direito constitucional laico e cooperativo. Porém, um caminho *não menos paradoxal* de reivindicar-se com a tradição e ser enquadrado na cota da Nova Era. O que seriam então *as religiosidades New Age*?

O que vemos sob os ícones do fogo? 1 – Uma mulher afrodescendente tendo de se apresentar, ao mesmo tempo, enraizada e hiper conectada; 2 – As etno-medicinas dos orixás e deusas hindus precisam ganhar espaços acadêmicos em multimeios; 3 – O Pajé e o Presidente, no estado de direito, participam da mesma Pajelança, pois todos os apocalipses estão próximos, conforme a Figura 15.

Visitemos, ainda que muito superficialmente, o pensamento do teólogo Aldo Natale Terrin (1941-2024), no livro, *Nova Era: a religiosidade do pós-moderno* (1996), para reunir algumas dicas na construção do modelo *neoteista*.

A Nova era é esse algo de novo e de antigo, que está hoje em nossa sociedade: ela é uma moda e uma cultura, um lampejo espiritual e uma colagem de sentimentos; é, ou desejaria ser, sobretudo, um mundo religioso novo que supera a estagnação e o impasse da secularização selvagem destas últimas décadas, trazendo alívio e oxigênio para a visão espiritual esfaqueçada pelos vários derreamentos e desfalecimentos da religião provocada

pelos “emancipados” dos grandes *maîtres à penser*, iluministas ou não, que até ontem erguiam a voz em nome da razão contra tudo aquilo que cheirava a religião e experiência religiosa e que hoje, porém, preferem se calar por que suas ideias, feitas de clareza e de rigor lógico, tornaram-se estranhamente embaçadas, e eles estão à beira da falência teórica. [...] O novo e o antigo se misturam, e se o novo é fascizante, o antigo vem de longe, de épocas anteriores ao próprio exercício tirânico e despótico da razão, vem do mundo do transe religioso e extático, da dança sagrada, traz consigo reminiscências da velha religiosidade “materna” e “natural” dos milênios que precederam o patriarcado e se veste de tudo aquilo que ontem parecia ridículo e irracional. [...] “Nova era”, “New Age”, “Era de Aquário” são termos que indicam esse movimento que olha para frente com saudade do passado e do remoto (Terrin, 1996, p. 14-15).

A proposta de Terrin é rastrear as variáveis (negativas e positivas) dessa *escola de espiritualidade laica* cuja profusão de concepções (macumbas?) pode adotar frentes racionalistas de elaboração pró-científica – como nos estudos cosmológicos e espiritualistas de Marcelo Gleiser em *O despertar do universo consciente: Um manifesto para o futuro da humanidade* (2024) – ou, ao contrário, trilhar atalhos não/antiacadêmicos, associados às técnicas pragmáticas. Forças e procedimentos tradicionais, em sintonia com ritos de cura, benzas, cantos e danças, filosofias xamânicas, meditação, experimentos artesanais e revalorização dos arquétipos femininos oscilam entre as duas frentes.

Um Apocalipse conveniente para a frágil Secularização dessacralizada? Já mencionamos a preocupação do psiquiatra Carl Jung com a dimensão inconsciente de processos espirituais da *psique* (alma/mente) humana, cuja busca consciente por um caminho de superação dos medos, misérias, incompletudes da vida, entra em permanente conflito com *Mundos do Inconsciente* (pessoal/coletivo). Conflitos, ora vindos de monstros míticos a serem demolidos; ora revelados por sonhos influenciadores de redirecionamentos na existência, em busca teleológica: de sentidos significativos, propósitos e fins. O Apocalipse deixou a exclusividade teológica de seus dois mil anos de narrativa bíblica para construir possibilidades psicológicas e políticas de reinvenção dos espaços teístas. O Neoteísmo também promove um *upgrade* nos mitos do fim do mundo, que as utopias da modernidade precisam reescrever. Muitos dos grandes pensadores contemporâneos ultrapassam sua metáfora.

Jonh Gray, professor e jornalista inglês, em seu estudo *Missa Negra: a religião apocalíptica e o fim das utopias* (2008) diz:

Os mitos ocidentais dominantes sempre foram narrativas históricas, e passou a ser de bom-tom considerar que a narrativa é uma necessidade humana fundamental. Chegamos à conclusão de que o homem é um contador de

histórias que só pode ser feliz se puder encarar o mundo como uma estória. Nos dois últimos séculos, a estória dominante tem sido a do progresso humano, abrangendo também, a fábula de um mundo assediado por forças obscuras e fadado à destruição. Os dois enredos se enredam, como acontecia quando Marx e seus seguidores acreditavam que a humanidade avançava por meio de uma série de revoluções catastróficas e os nazistas, que forças demoníacas conspiravam contra o Volk e sua ascensão a um estado de harmonia imortal semidivina. Numa linguagem diferente, os humanistas liberais falam de um avanço da humanidade, palmo a palmo, num gradual processo de aperfeiçoamento. Em todos esses relatos, a história é contada como narrativa coerente, e nada parece mais ameaçador que a ideia de que (a vida/o mundo) não passa de um fluxo sinuoso sem propósito nem direção. A crença de que a história tem um enredo subjacente é um elemento central dos movimentos milenaristas, seculares e religiosos, examinados neste livro (Gray, 2008, p. 305).

Enquanto nas grandes pautas político-partidárias afirmamos uma tendência recente de *invasão* da esfera religiosa dominante na vida política institucional, John Gray pensa de forma invertida esse movimento. Como aparece na apresentação do livro, ele explora a perversão da religião pela política e mostra que essa subversão é o tema-chave da história moderna. *Por isso chega a conclusão de que as religiões políticas exploram o mito do Apocalipse, como uma crença em um evento que mudaria o mundo e levaria ao fim da história e de todos os seus conflitos.* É interessante pensarmos que uma religião atinge seu grau de estabilidade social quando se institucionaliza no Estado-Nação; até para ser chamada de “religião”, e não de “outra coisa”.

Acontece que essa *outra coisa* pode, no espaço neoteísta, traduzir “fim da história” como *finalidade maior da existência*. E forjar seu apocalipse particular na restituição de um sentido, também existencial, acessível ao praticante-fiel. Enquanto Gray percebe a outra coisa virando política apocalíptica, Stefano Martelli (em *A Religião na Sociedade Pós-Moderna* – Ed. Paulinas, 1995) seguindo outros sociólogos fixam o problema na crise autodestrutiva da Secularização; isto é, o projeto de moderno de destituição do poder teológico centralizador das igrejas e credos mais antigos (poli/mono/panteístas). A questão central, neste caso, não estaria em uma perversão dos interesses políticos de expansão das grandes ideologias modernas – Socialismo, Comunismo, Anarquismo, Conservadorismo, Liberalismos, Social-Democracia – mas na incapacidade efetiva do mundo secular (científico e humanista) *so-bre-vi-ver* de fato, sem a expectativa de sentido, de contato místico, de sacralidade.

O velho mestre Carl Jung, em *Espiritualidade e Transcendência* (2015) concilia essas duas interpretações com um pensamento bem barroco: *para qualquer*

arquétipo, é preciso sempre ler suas luzes e suas sombras. Pensamento e comportamento tão ambíguos quanto necessários para articular a compreensão – barroca, mestiça, multicultural (Pinheiro, 2020) das 3 imagens em mosaico da Figura 15. Eis então nossa *resposta*: xamãs, pajés, ialorixás pode se empoderar na imagética infinita das redes; mas o Neoteísmo, não muda sua marginalização.

ATRM09 – Geoteísmos na Irreligião do Futuro e a tolerância profana (em parceria com os professores Sílvia Gomes & Guilherme Oliveira)

Nesta aula texto de encerramento, trabalharemos com a noção de Geoteísmos; e de forma mais associativa com obra *A Irreligião do Futuro* de Jean-Marie Guyau, para tocar incisivamente na questão da (in)tolerância que permeia o nosso dia a dia. Em busca de básicas definições, em dicionários virtuais, encontramos as seguintes definições para tolerância:

Ação de tolerar, de suportar algo de maneira resignada, sem reclamar, clemência; ditadores não demonstram tolerância. Assimilação dos modos de pensar, de agir e de sentir de outras pessoas, ainda que sejam diferentes dos nossos. Aceitação daquilo que não se quer ou não se pode impedir. Disposição para ouvir ou aceitar ideias, opiniões atitudes diferentes das próprias (Tolerância, 2021).

E para intolerância:

Ausência de tolerância ou falta de compreensão; incompreensão. Atitude odiosa e agressiva direcionada a pessoas que possuem opiniões diferentes ou comportamentos que se diferem do considerado aceitável pela maioria. Tendência para não ouvir ou não aceitar ideias, opiniões ou atitudes diferentes ou opostas às próprias. Repressão ou violência em relação a doutrinas ou modos de vida diferentes (Intolerância, 2021).

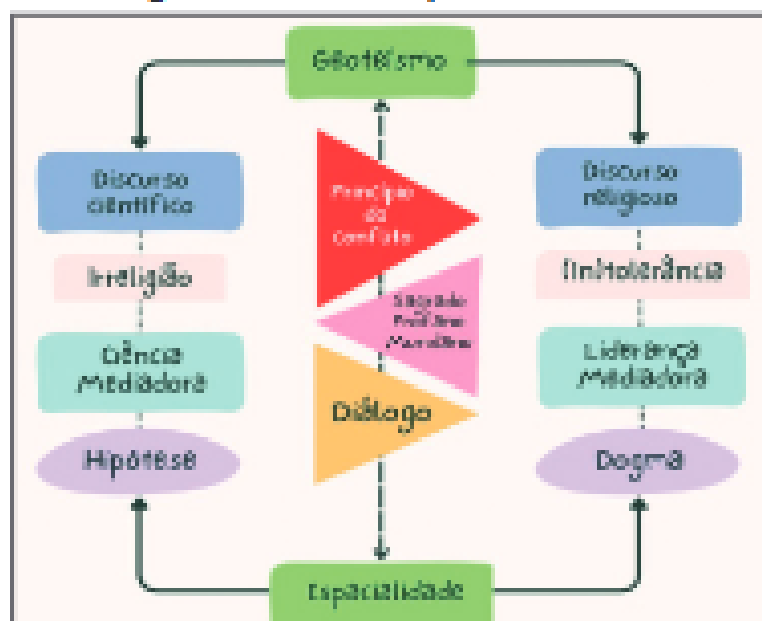
Embora as definições possam indicar aspectos, mas diretamente ligados ao jogo entre tolerância e intolerância religiosa, sempre é possível abarcar outras questões correlatas, como etnia, gênero, questão racial. Um exemplo recente de intolerância no meio nerd está presente nesta matéria: *Gamer, você não se importa com a precisão histórica de Assassin's Creed, apenas não quer negros e mulheres protagonizando seu jogo envolve diretamente a questão racial e de gênero* (Sales, 2024)³³. Porém, como estamos tratando de Matrizes Religiosas, em sentido mais específicos, prosseguiremos nos recortes da fé. ■

33 Disponível em: <https://brign.com/assassins-creed-shadows/124049/news/gamer-voco-nao-se-importa-com-a-precisao-historica-do-assassins-creed-apenas-nao-quer-negros-e-mulheres-08>.

Assim, ao tratar de intolerância religiosa, lidamos com *embates* de matizes ou *perspectivas ideológicas*. Na recente catástrofe socioambiental, uma velha atitude de intolerância foi reeditada nas ofensas de uma influencer com o título *RS: Racismo religioso explica falas que ligam crenças africanas a enchente* (Boas, 2024)¹¹. A matéria circulou no portal Uol sendo atualizada no dia 05 de junho, dia do meio ambiente. O absurdo pode ir da censura moral ao ataque armado (Rocha; Oliveira, 2018). A atitude intolerante, portanto, reflete o extremo fundamentalismo ou fanatismo religioso. Por isso encontra-se em diametral oposição à ideia/atitude de tolerância, que por sua vez, abarca noções de respeito, aceitação e convivência com a diversidade de culturas e crenças no mundo (Unesco, 1995).

Irreligião do futuro... uma abordagem tolerante? Se a religião demanda a atuação de lideranças para a construção do discurso religioso, a irreligião solicita as contribuições da ciência para o entendimento da religião e a proposição de ações para o enfrentamento das intolerâncias religiosas que permeiam o espaço geográfico. No ideograma abaixo, esboçamos uma síntese desse processo.

Figura 16 – Estruturação do Geotetismo



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Iniciaremos a leitura de nosso ideograma pelo lado direito, pois já discutimos essas questões anteriormente. Vamos lembrar a ideia base apresentada em nossa primeira aula-texto, de que: *Nenhuma Religião pode ser operacionalizada e sobreviver (nos valores e na memória contemporânea) sem o efeito mediador das lideranças (sacerdotes, guias, profetas) do*

34 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunistas/ultimas-noticias/2024/06/05/racismo-religioso-rs.htm>.

repertório teísta que constitui seu espaço de ação e projeção geográfica. Especialmente dos espaços simbólicos fundamentados na imaginação coletiva desta liderança.

Vimos com Richard Holloway que o caminho para o sagrado necessita de um efeito mediador que chamamos de profano. Há de se ter algo de muito herético no caminho para a sacralidade. Há de se ter uma parcela de tolerância para a aceitação de uma nova ideia, a princípio herética, para o viés dominante, e há de se ter uma parcela de intolerância para a manutenção desta nova ideia como “sagrada” depois de ser sacralizada percorrendo o caminho da tolerância profana. A primeira característica de nossa concepção de Geoteísmo, portanto, é aquela que se manifesta no discurso religioso. O Geoteísmo se articula ao que foi nomeado como *Neoteísmo* (ATMR08), ou seja, uma sacralização da Terra que se apresenta, contemporaneamente como “A Novidade Espiritual” manifesta no ambiente terrestre. No Geoteísmo, temos uma *ecodivinização* das paisagens terrestres (cachoeiras, montanhas, grutas, biomas); a Terra como Divindade Geoambiental. E, portanto, uma tolerância sacroprofana com forças e sistemas primordiais que fazem o planeta funcionar como um *verdadeiro ser vivo*³⁵. Assim, “só é verdadeiramente sagrado aquilo que é consagrado a todos, que passa de mão em mão” (Guyau, 2014, p. 607).

Do lado esquerdo do ideograma, vemos que alguns caminhos ao geoteísmo incluem a irreligião do futuro, o princípio da (in)tolerância e a adesão de um *deus certus*, com o crivo da ciência positiva. O autor assim conclui: “diante da dissolução dos dogmas e da moral religiosa nas sociedades atuais, não estaríamos atravessando rumo a um período de uma renovação religiosa? Porém, em um mundo onde a ciência matou o sobrenatural, o caminho mais lógico a ser seguido seria aquele da irreligião” (Guyau, 2014, p. 593).

O princípio do conflito dialógico, de base tolerante, é o da substituição do dogma pela hipótese científica. A religião, entendida por Guyau, é uma espécie de ciência ingênua, que, sem muito espaço para o questionamento, ainda funcionaria como ponto de partida. Para uma irreligião, seria necessária uma purificação da fé transcendente para uma fé imanente, como podemos perceber neste excerto:

Onde cessa a ciência positiva, ainda há lugar para a hipótese e para esta outra ciência, a metafísica, que tem como objetivo avaliar as probabilidades comparativas entre as hipóteses: saber, supor, raciocinar em todos os sentidos partindo daquilo que se supõe, buscar, enfim. Essas palavras

35 Veja um resumo sobre a hipótese Gaia de Lovelock em: <https://brasilescota.uol.com.br/biologia/hipoteses-gaia.htm>.

parecem traduzir todo o espírito moderno: não temos mais necessidade do dogma. A religião, que não era na origem senão uma ciência ingênua, terminou por se tornar a própria inimiga da ciência; no futuro, será necessário que ela se fundamente, se puder, na própria ciência ou na hipótese verdadeiramente científica — estou falando daquela que não se apresenta a não ser como hipótese, que se declara provisória, que mede a sua utilidade por extensão da explicação que ela fornece e não aspira senão a desaparecer para dar lugar a uma hipótese mais ampla. Mais vale a ciência ou a pesquisa do que a adoração imóvel (Guyau, 2014, p. 609).

Para Guyau, a tolerância profana ganharia um outro nome: ciência moderna. A caminhada para uma irreligião exige uma ciência mediadora, isto é, uma ciência, exercendo um caráter de liderança ao substituir os sacerdotes, guias e profetas; e uma não necessidade do dogma, substituindo-o pela hipótese. Aqui vemos com maior clareza a (in)tolerância em operação. É necessária uma tolerância na qual fazer ciência teria de conciliar com as bases da religião; permitindo o que Guyau chama de livre-pensador como um germe do espírito da investigação científica (do conhecimento positivo, claro), ao mesmo tempo em que se tolera, se purifica, princípios basilares da religiosidade como a crença no deus *incertus*, avesso a qualquer coisa de científico.

A tendência era a razão se impor em um mundo onde a pluralidade e a tolerância se expressam espacialmente como uma sacralidade do valor devocional a todas as comunidades, por meio do sentido jurídico e filosófico, necessários à manutenção à convivência civil diversificada. A partir do ordenamento jurídico e ético, dá-se a conservação patrimonial da experiência religiosa enquanto um bem público e laico. Vemos, contudo, na realidade, a radicalização das narrativas ultra religiosas, como representação máxima da sacralização política, seja estatal ou mercantil, nos colocando bem longe disso.

Guyau afirma que o religioso precisa ser tolerante e estar em dúvida para tornar-se livre-pensador; assim, podendo substituir o dogma pela hipótese científica da ciência moderna. Se seguirmos com o raciocínio de Latour (1994), descobrimos que a ciência moderna admite uma mediação somente para rejeitá-la depois. Seu caminho objetivado é de uma ciência purificadora. “Como fazer essa gente ouvir a voz da razão? Enfim, se eles não querem nos seguir, nós os dispensaremos, isso é tudo” (Guyau, 2014, p. 594).

As nove aulas-texto revisitadas, conforme a sequência paradidática, ainda demandariam experimentação efetiva, pelo rebatimento da “normalidade” presencial. A 10ª aula foi uma devolutiva dos discentes que interagiram com a disciplina criando suas próprias perspectivas de debate das matrizes que

Ihes chamaram à atenção. Com base nos títulos dessas devolutivas, temos a contrapartida discente para a ementa e a programação desenvolvida.

Será mesmo que o mau está no inferno? / A Colonização e a Religião / Arte, Religião e Espaço: vínculos geográficos entre cultura e matrizes religiosas / Como o Sagrado exerce seu controle sociopolítico? / Sincretismo Religioso, Marianização, a Expansão da Devoção à Maria / Exu te Ama / A Inserção da Religiosidade Ocidental e as Práticas Xamânicas Tradicionais na Coréia do Sul / Por fim, Glossolalia / A presença da Virgem Maria em cada mulher / O Sagrado no cotidiano: o que é Religião, quando separada de suas figurações? / Gita de Raul Seixas: uma jornada espiritual e cultural / Mundo Mágico da Natureza: Animismo e Politeísmo / Em busca do eu no espaço sideral / Discussão dos espaços teístas / A Jurema sagrada no contexto brasileiro / A Igreja Maradoniana e o Messianismo: o futebol é um novo teísmo?

Em que medida essa alternativa pedagógica de aula-texto poderia ser reproduzida em um componente curricular obrigatório da formação docente? Considerando as dificuldades crescentes – que deveriam ser facilitadoras para atualizar dimensões híbridas da formação (presencial e remota) – toda vez que se retoma a questão da virtualidade como saída comunicacional (cognitiva e conectiva) se ignora o peso da complexidade que os sistemas informacionais nos impõem. De um lado as regulações educacionais, de outro as demonstrações da infinitude de aprendizagem 24 horas, com ou sem veículos destinados a este fim; e oscilando entre extremos, a busca de uma Geoeducação acessível e significativa. Onde se posicionaria este “entre” para dar consistência geográfica às mediações ético-estética das aulas-texto?

Verificaremos, a seguir se o percurso da segunda, Oficina Geográfica II trouxe algum novo componente para esse aprofundamento.

4. COGNIÇÃO SIMBÓLICA EM FORMAÇÃO DOCENTE

Uma concepção de *formação docente* (qualificada e significativa) encontra-se cada vez mais integrada aos domínios das tecnologias imaginativas (Silva, 2006), as chamadas TICs educacionais. O que demonstra potencialidades operacionais decisivas para viabilizar a diversificação temática do ensino-aprendizagem de geografia, por intermédio de novas e antigas estratégias dos veículos e conteúdos de mídia. Essa questão ascendente impõe ao docente contemporâneo um dilema, para além das críticas e oposições a já tradicional *indústria cultural* e suas mídias: como lidar com a aprendizagem audiovisual, em meios tão ambíguos, isto é, rupestres e high tec ao mesmo tempo-espaço?

A intensificação da luta pela resistência da formação universitária pública, super valorada (nunca “gratuita”) e de qualidade, no ano de 2024, nos permitiu rever essa ambiguidade com os critérios culturais das alegorias e mestiçagens, indispensáveis ao estudo do barroco espaço cultural que tece, realidades e pensamentos latino-americanos (Pinheiro, 2013, 2020). Antes de olhar essa tecitura nos moldes de uma pesquisa em cognição simbólica a respeito do Carnaval, foi possível rever a concepção de “Máscaras”, como uma estratégia para discussão da Xenofobia (e seus desdobramentos), na cadeira instrumental de Formação docente denominada Oficina Geográfica II (Material Audiovisual). Obrigatória no curso de Geografia da UFC desde 2005. Vejamos com operamos esse jogo temático entre xenofobia e efeitos audiovisuais das máscaras.

4.1 Resignificação dos ideomapas nas Oficinas de Material Audiovisual

A parte central da ementa da disciplina OGII, indica a seguinte direção para essa formação operacional nas TICs: *Aprender e ensinar Geografia utilizando as mensagens e informações veiculadas através de: TV, música, jornais, revistas, histórias em quadrinhos (HQs), charges, outdoors. O uso da linguagem cinematográfica e literatura (romances, contos, prosa, poemas) no ensino de Geografia. Análise das imagens, dos personagens e do enredo dos filmes e das obras como uma possibilidade para abordar os conteúdos geográficos.* Com tais elementos – muito diversificados e demandando escolhas para um tempo exíguo de trabalho – a ideia do trabalho com imagens foi otimizado em novas formas de desenhar as triangulações de Peirce e/ou o Quadrado de Greimas (Volli, 2015). Uma resignificação dos ideomapas, em sala de aula (ainda que no texto da aula virtual), deu-se pelo ensaio dialógico com meios e

mídias para: conceber a xenofobia, reconhecer seus mascaramentos e indicar alternativas didáticas ao problema sociocultural desse espaço geográfico em tensão. Vamos aos textos das aulas.

4.1.1 Aulas-texto (ATOG 10, 11, 12)

ATOG10 – Introdução às concepções de Máscara como representação

Essa primeira comunicação textual corresponde aos informes iniciais sobre a dinâmica que teremos nas segundas-feiras seguintes, considerando o calendário de encontros letivos previstos “suspensos” presencialmente pela Greve Docente; porém sem a interrupção das exposições básicas, fundamentais à elaboração do trabalho final. Assim é indispensável acompanhar, conforme o calendário aqui atualizado, quais as datas em que iremos publicar no SIGAA (repassando no whatsapp) as aulas-texto substitutivas dos encontros. São elas:

Quadro 3 – Programação de Oficina Geográfica II

Data	Tema Geral das Aula -Texto + Atividades de sistematização final
19/04/2024	Quadro Introdutório + Concepção de Máscaras como Representação
26/04/2024	Máscaras na Xenofobia e nas Guerras Culturais
03/05/2024	Máscaras como Bem do Patrimônio Cultural
10/05/2024	Máscaras como Terapia Socioambiental
17/05/2024	Máscaras como Política e Sistema de Valores
24/05/2024	Possibilidades das Máscaras Educativas nas Censas Geográficas
31/05/2024	Texto Discente Individual: Resenha Com Ideomapa – avaliações finais
07/06/2024	Elaboração dos Ideomapas em equipes, sobre os capítulos do livro **
14/06/2024	Elaboração de Vídeos, em equipes, sobre os episódios do podcast**
21/06/2024	Envio e Apresentação dos Vídeos com Ideomapas (combinar dinâmica)**

** Atividades suspensas por indisponibilidade de formação de grupos para o 2º instrumento de avaliação.

Fonte: Elaboração do autor (2024).

Pelo que se constata nos itens do Quadro 3, temos sete aulas-texto, incluindo esta introdutória e responsável pela orientação dos estudos agendados até o final de maio. No final desse bloco, os alunos enviam as resenhas e esquemas (Ideomapas), registrando a compreensão e crítica sobre as explicações das aulas presenciais (anteriores a 12 de abril) e das aulas-texto (ATOG) do período da paralização. Assim como nesta aula, a ideia é fomentar o estudo com conceitos graficamente cartografáveis (em ideomapas), selecionando perspectivas para nortear a produção audiovisual. A Figura 17, tratando das *quatro Idades* (sufixo latino denotando as condições de estudo), que giram no

entorno do conceito de “Máscara”, já representa (didaticamente) um molde de para conceber novos ideomapas. Vamos trabalhar essa introdução, explicando a Figura 17 e apresentando os desdobramentos de seu papel da OGII, nessa versão 2024.1.

O que seriam *Máscaras* em OGII, então? Como este artefato usado em festas e brincadeiras teatrais, feito de caricatura, fantasia, personagem ou expressões similares nos ajudam a pensar sons e imagens da Geografia Escolar? Essa é a nossa questão-chave: *qual o papel das máscaras sociais na produção da geografia escolar?* E como este mascaramento nos auxilia didaticamente na sala de aula? As máscaras são desafios artísticos audiovisuais para demonstrar que o espaço geográfico é sempre plural; mesmo quando uma série de imposições queira defini-lo monocriticamente. Metáforas de algo que se esconde, se revela e se propõe a outras possibilidades de relação e uso (Soares, 2001; 2009). Circunscrevendo o conceito base (máscaras), em sentido horário, foram incluídos aspectos que também envolve os desafios cênicos da relação professor ↔ aluno ↔ professor.

Figura 17 – Organização conceitual a partir das Máscaras



Fonte: Elaboração do autor (2024).

A partida é o polo sul, a *Teatralidade*. Nesta cena inicial, aula é simplesmente uma exposição narrada por um corpo (ator) visível, canalizando em som e imagens um conhecimento delimitado cientificamente (Geografia). Usando a metáfora dos pontos cardeais, avançamos para o oeste em busca da *Alteridade*. Seja nas polaridades certo/errado, nos valores positivos e negativos, na perspectiva de aparências sensoriais e essências compreensíveis.

Foi o que o professor Rui Moreira desenvolveu neste texto clássico sobre *desmascaramentos sociais*. O texto denominou-se *A Geografia Serve para desvendar Máscaras sociais* (2017) e por seu intermédio é possível considerar humanismos e xenofobia como produtos do Capitalismo, explorador/destruidor da própria sociedade que, perversamente os cria e perpetua. Esse desmascaramento assumiu um tema central a partir do livro de Albuquerque Jr. *Xenofobia: medo e aversão ao estrangeiro* (2016). Entretanto, denúncias e críticas de enfrentamento não formam qualificadamente um profissional do ensino. É preciso dominar técnicas, ambiente, contextos e alteridades complexas, que nos levam ao setor norte do ideograma. A *Profissionalidade* é o que construímos, limitada-mente na formação superior e completamos na formação continuada. Aqui é hora de lembrar aparente oposição entre teatro e escola (entretenimento e conhecimento) e consolidar um eixo estrutural de complementação. Ajuda demais a leitura deste trabalho de Flavio Desgranges, intitulado *Quando o Teatro e a Educação ocupam o mesmo lugar no espaço* (2005).

É a partir de uma compreensão complexa, que as máscaras viram materiais didáticos indispensáveis, tanto para dar exemplos analíticos, para sintetizar forma de argumentação expositiva e fomentar práticas criativas de participação coletiva. Não é a toa que sabermos que todas as fés (formas de crença) invocam festas e celebrações (formas de rituais). Por isso, não basta desmascarar e formar o profissional; é preciso desenvolver uma *Civilidade*, ou seja, uma maneira de estar no caos e na ordem, na guerra e na paz, nos dois, três ou múltiplos lados de uma realidade cultural em jogo permanente. Esse é o setor leste do esquema e aquele que aponta: como um sinónimo coletivo e contemporâneo de vitalidade saudável. Ou, em seu sentido contrário, nos arriscamos no ódio destrutivo das guerras de extermínio que os episódios do podcast *Guerras Culturais* (2022)³⁶ nos alerta. A não civilidade é a barbárie como combate da barbárie; ou mais transfobia, machismo, racismo, etarismo, elitismos, assédios e exclusão das pessoas com deficiência.

Do setor leste ao setor sul, após completar essa circularidade ao redor da questão representativas da diversidade de máscaras, podemos experimentar exercícios audiovisuais com uma geografia escolar mais aberta aos saberes populares, de outras ciências e formas criativas de conhecimento. Dai lembrar que nenhum saber geográfico, por si, viabiliza uma razão transformadora. Há vários exemplos de descobertas e arranjos tecnológicos, que estão cheios de racionalidade, mas não fazem avançar a sabedoria coletiva.

Antes de trabalhar tais exemplos (ATOGs seguintes) temos uma última dica de leitura, advinda da própria disciplina OGII, em edição anterior à pandemia, e em parceria com Eduardo Rodrigues Alves, mestre em Geografia pela

36 Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4bc00PJH0SE7dtkas28rx>.

UFC (Alves; Oliveira, 2019). Neste material será possível compreender uma ideia que as máscaras (ainda não mencionadas diretamente na disciplina) já fomentavam: o conceito de “simulação” estratégica para qualquer exercício, treino, tentativa e erro no aperfeiçoamento técnico e social de todas as práticas humanas. Além disso, você poderá observar como conceitos estruturante nos ajudam a pensar as representações de uma disciplina, com um outro nicho de referências e objetivos.

Na próxima aula-texto, retornamos ao assunto. Mas seria interessante, conforme já aprendemos nas aulas presenciais, SELECIONAR: palavras, expressões, frases até em um rascunho pessoal de 3,4,5,6... coisas que lhe chamaram a atenção na leitura. Já saiba que isso será indispensável para que a futura resenha (e seu ideomapa personalizado) se constituia tranquilamente (e com competência) no final de maio, ok?

ATO11 – Máscaras na xenofobia e nas guerras culturais

Na reflexão introdutória da aula texto anterior, vocês lembram, apresentamos o circuito horário das 4 *IDADES*: *Teatralidade, Alteridade, Profissionalidade e Civilidade*, justamente para começar a responder à questão-chave proposta: *qual o papel das máscaras sociais na produção da geografia escolar?* A ideia estruturante da Disciplina era partir da perspectiva material e simbólica, contida na concepção teatral de máscaras, para fazer o circuito completo ao longo do semestre, e simularmos telejornais como no palco teatro da sala de aula.

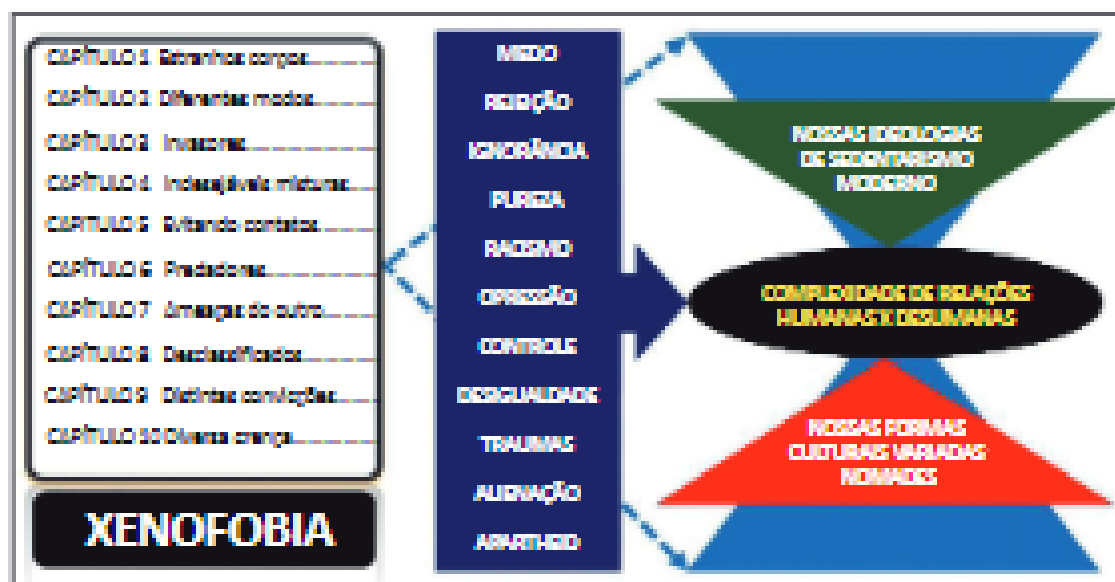
Como por maioria de votos (e abstenções) decidimos não fazer isso por meio de vídeo (enquanto durar a greve), vamos seguindo nas resenhas semanais, a fim de garantir a base possível de nossas compreensões essenciais. Assim, o debate de hoje sobre as *Máscaras* reencontra o campo das Alteridades, das formas conflituosas de lidar com o(s) outro(s), para impor formas xenófobas de tratamento social; ou defender ideologias de combate às ideias (e pessoas) tomadas como adversários a serem aniquilados.

Alteridade é neste conjunto explicativo a dimensão que estabelecemos para os sujeitos sociais diferentes de nós. E quanto maior o enquadramento do ser humano como ser *diferente*, maior o risco de classificá-lo – classe é um palavra-chave para toda edificação científica até no âmbito escolar – como desumano, como estranho, um estrangeiro, um extraterrestre posto não pertencer sujeitos aos comuns (nós) nem às suas elites (Nós especiais). Esse *desclassificação* desafia uma espécie de ordem silenciosa estabelecida. E, causando certo transtorno, abre espaço para a emergência das *xenofobias*. Mas o que seria esse palavrão, pouco usual no nosso dia a dia?

As Xenofobias gerais a partir do Medo/Rejeição ao estrangeiro. O estudo de Durval Albuquerque Jr (2016) – com o qual a escolha do seminário com capítulo que seria trabalhado em uma exposição de esquipas – trata de um grande conjunto de manifestações xenófobas da humanidade, em diversas partes do mundo. Sintetizamos na Figura 18 tais representações do preconceito ao outro (“xeno”) variando das reações e enfrentamento que vão do medo ao apartheid (ver a coluna central da figura). É que a partir dos enfoques dos capítulos demonstram como as sociedades e o pensamento dominante *mascaram* os grupos e indivíduos, principalmente pelo critério geográfico da territorialidade convencional. Ou melhor, as fronteiras separatistas do que está *dentro*, privilegiando os sedentarismos de controle, e o que está *fora*, no medo de nômades e refugiados.

A Xenofobia, por essa razão, costuma a reduzir-se a um meio de mascaramento do estrangeiro. Porém, esse é um sentido muito específico de sua projeção. Em termos mais amplos, dá o medo do outro na máscara machista, quando homens se vestem-se de ameaçados por mulheres. Além de xenofobias regionalistas, racistas, etaristas, capacitistas, homofóbicas; ou por rejeição a pobres, indígenas, religiosas e pessoas com limitada escolaridade. Enfim, contra uma infinidade de humanos *desumanizados*, no mascaramento do poder numérico ou de decisão.

Figura 18 – Quadro de temas da xenofobia



Fonte: Elaborado pelo autor (2024) a partir do Livro *Xenofobia: Medo e Rejeição ao Estrangeiro*.

O que essa leitura ampliada de Xenofobia tem a ver com as Guerras Culturais? Até aqui afirmamos que o mascaramento se dá na prática dominante de certa maioria impor sua *desumanização* sobre minorias; sejam elas numéricas

ou políticas (Figura 18). Por exemplo: pobres, negros e mulheres formam maiorias numéricas, mas lutam, de forma desigual, para ampliar poderes de decisão nas instâncias sociais. Entretanto, em uma sociedade complexa e moderna, todos estão em permanente luta pela sobrevivência natural e cultural. Especialmente, quando as bases da Cidadania, desde a 1ª infância, nos exigem posicionamentos, escolhas, capacidade de decisão e opinião.

E aí se sucedem valores e argumentos desenvolvidos desde o Iluminismo, a Revolução Francesa e as lutas internas de girondinos e jacobinos. Assistam esse didático vídeo resumo (reVisão, 2015)³⁷. Basicamente uma Direita girondina, associada ao conservadorismo (com bandeiras da liberdade); e uma Esquerda jacobina, ao progressismo (com bandeiras da igualdade) se refletia na posição de assentos na Assembleia Legislativa da época. Claro que apenas isto não vai explicar todas os conflitos e radicalizações que os sete episódios da série *Batalha pela Alma do Brasil*³⁸ irá apresentar.

Entretanto, um recorrente mascaramento – desta vez dos polos em disputa, a fim de fortalecer os extremos que permitem clareza e pureza das posições – opera na busca de uma releitura conveniente (e exagerada) do Estrangeiro. Assim como na disputa das burguesias jacobinas e girondinas, o uso da guerra interna ou externa pesou para definir suas posições, sempre há leituras radicais para pensar qual estrangeiro – qual país, qual modelo de desenvolvimento, qual parceria internacional – devemos seguir para *manter o povo no caminho moralmente correto*. As máscaras das guerras culturais são auto definidoras de princípios e valores retóricos. Na maior parte das vezes, fantasiavam demais e dizem quase nada sobre a realidade possível para convivência dos diferentes. É aqui que perguntamos: *se queremos sobreviver na complexidade, em máxima paz, por que tanta admiração frente as polaridades simplificadoras das ideologias em guerra?* A resposta hipotética seria: *porque somos democratas e demagógicos*.

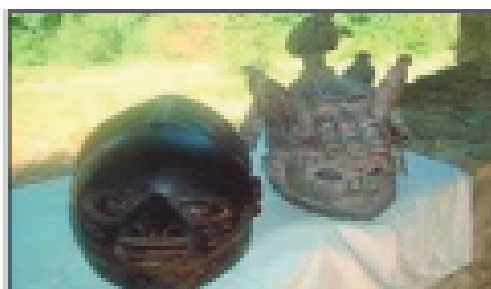
ATO12 – Máscaras como bem do patrimônio cultural

Antes de voltarmos à discussão das 4 “Idades” (ênfaticando desta vez a Profissionalidade), precisamos pensar a representação das Máscaras como Bem coletivo ou como patrimônio cultural público. E, por extensão, visitarmos a polêmica distinção material/imaterial que povoa as discussões dos pensadores contemporâneos sobre as listas de bens protegidos (Cabral, 2011).

37 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L5jT1EGdra>.

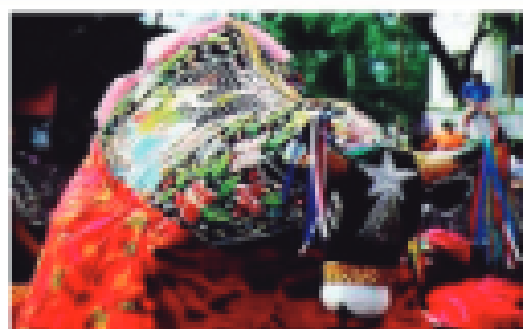
38 Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4beG0PJIHOSErtkksZ8rx>.

Figura 19 – Máscara Guelede (Nigéria, Togo e Benin) e Bumba-meu-boi (Brasil)



O Guelede é um festival anual que celebra a sabedoria das mães e das ancias dos iorubás. O festival inclui uso de adereços de cabeças pelas homens, disfarçando-se assim de mulheres de forma a aplacarem ira das ancias da tribo. A dança e a música são parte integrante da cerimônia, que incorpora canto e percussão elaboradas.

Numa fazenda do gado, o escravo Pai Francisco mata um boi de estimação do seu senhor para satisfazer o desejo de sua esposa grávida, Mãe Catarina, que quer comer a língua do boi. Quando descobre o sumiço do animal, o senhor fica furioso e, após investigar entre seus escravos e índios, descobre o autor do crime e obriga Pai Francisco a trazer o boi de volta.



Fonte: Mosaico elaborado pelo autor (2024) com base em informações da Lista do Patrimônio Cultural da Humanidade (UNESCO).

A brincadeira teatral de construção dos personagens (seres “mascarados”), que na reflexão da semana passada ganhou ares de seriedade e disputa ideológica – alteridade em guerras culturais – agora veremos como uma riqueza, uma pepita de ouro no garimpo da cultura. Algumas máscaras reúnem um poder seletivo de valorização, quase santificado pelas necessidades modernas de construção patrimonial. Observem esses exemplos da tradição iorubá (África ocidental) e maranhense (N-NE brasileiro).

Podemos afirmar que a força dos rituais que emergem dessas máscaras, como bem “imaterial” é *salvaguardado* (ou *protegido* em política pública) para materializar a força de uma comunidade viva, resistente. Uma comunidade humana que consolida em lugares específicos representação de valores patrimoniais de uma coletividade muito maior. Poderes de fertilidade, de transcendência, de ressurreição e superação de conflitos. Como ler nestas máscaras tanto poder simbólico de geografias sociais tão localizadas? A resposta demanda um salto na formação profissional (professor-técnico-pesquisador) em Geoeducação.

É indispensável estudar esse processo ambiental e patrimonial, iniciado na conferência da Unesco, em Estocolmo/Suécia (1972), e requalificado em seu lado mais “cultural” na Convenção de Paris de 2003 (Unesco, 2003)³⁹. A partir da força dos bens imateriais, valorizados agora em escala mundial, a ideia de um patrimônio vivo – diretamente relacionado às práticas e técnicas humanas

39 Disponível em: <https://ich.unesco.org/docstore/000006-PT-Portugal-PDF.pdf>.

e ao meio ambiente interativo – renovou a excessiva relação do patrimônio com as *alegorias* (ou mascaramentos) da arquitetura e das elites (Oliveira, 2021)⁴⁰.

O que a valorização dos bens imateriais tem a ver com a nossa Profissionalidade? Incluímos no ideograma síntese da ATOG11 os conceitos de *Ser, Estar, Tornar-Se Professor/a de Geografia*, justamente para pensar um processo que vai da materialidade existencial do aluno – todo professor é eternamente um pleno estudante – à imaterialidade do profissional, cuja formação precisa ser institucionalmente guiada. Marcos Villela Pereira (2016), ao desenvolver sua tese em filosofia da educação, associou esse guiamento à construção de uma *Estética da Professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor* (vejam com mais atenção o Capítulo 5)⁴¹. Uma estética aqui é uma forma plástica capaz de reinventar seu conteúdo. Aqui, para simplificar, vamos considerar que o conteúdo é o *SER estudante*, que nos cursos de licenciatura em geografia como o nosso, disciplina por disciplina, brinca ou simula o *ESTAR professor*. Essa subjetividade, em trânsito do *ser* para o *estar*, se realiza feita de forma constante, oscilante, desafiadora. Mas sempre em busca da objetividade da formação inicial (a licenciatura em Geografia no nosso caso). E quando formamos a nós mesmos como profissionais da geografia escolar (já diplomados), o *TORNAR-SE educador* passa a necessitar de práticas de salvaguarda, viva e constante. Em formação continuada!

Se a Profissionalidade da formação inicial pode corresponder a uma máscara positiva para qualificar o *Ser estudante* em *Estar professor* – como imitação de um bem material imperceptível e morto que ganha vida quando visitado – apenas no *Tornar-se educador*, em formação continuada, é que este bem constitui *signo de valor qualificado*. Ai é que se dá o salto para a excelência inspirada na imaterialidade – sutil e sábia da Lista dos Bens do Patrimônio da Humanidade, em diversas escalas, do local ao global (Cabral, 2011; Fontal-Merillas, 2003; Poulot, 2009). Construir a Profissionalidade do Professor de Geografia, nos diversos desafios da contemporaneidade, é capturar essa lógica e essa estética do patrimônio imaterial que o simbolismo das máscaras nos sugere.

Só assim percebemos que ser um *bom professor, uma boa professora* não passa de uma *falácia*: aquela ideia angelical que não esconde aos críticos seu jogo diabólico. A criatividade seletiva e qualificada, que inspira a luta pela patrimonialização de artefatos (aparentemente feios e sem importância), rompe falácias e cria um educador, agindo como lanterna em labirinto (Ribeiro, 2014). Alguém radicalmente inconformado e profissionalmente vivo para ação geográfica.

40 Disponível em: <https://ojs.conteus.br/unicamp.br/wp-content/index.php?idp=artigo/view/15160/10133>.

41 Disponível em: <https://ojs.ufrj.br/wp-content/uploads/2023/05/a-estetica-da-professoralidade-marcos-v-pereira.pdf>.

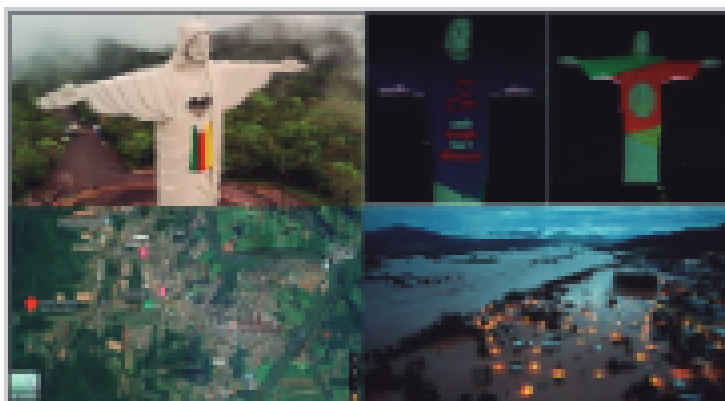
4.1.2 Aulas-texto (ATOG 13,14,15)

ATOG13 – Máscaras como terapia socioambiental

Nos encontramos agora em uma 3ª forma de significação para as máscaras. Já a observamos na ATOG11 como expressão de alteridade e na ATOG12 como meio patrimonial de valorizar a profissionalidade. Também já entendemos que os mascaramentos não podem jamais se reduzir a uma ideia de fingimento ou de conduta depreciativa. Então, precisamos sim enriquecer as possibilidades dessa força audiovisual, pela sua capacidade de performar (isto é, de servir às nossas representações socioambientais), garantindo interatividade coletiva sustentável e saudável. As máscaras são indicadoras de uma *civilidade*, um exercício lento e complexo de pacificação dos conflitos. Pacificação dos combates, mesmo mantendo desigualdades, tensões, contradições. Vejamos como isso funciona e como tem correlação com a dimensão terapêutica de tratamento e cura das situações mais ameaçadoras de vida e existência.

A semana em curso nos fez mergulhar (ou afundar) nas águas catastróficas da crise ambiental do território do Rio Grande do Sul. Assistimos o terror das inundações e descasos tecnocráticos, que agravam os efeitos da emergência climática ali presenciada como *a ponta de um iceberg*. O que está acima do nível do mar, visível, não mostra diretamente a dimensão gigantesca do que se esconde abaixo da superfície. E nós, futuros professores de Geografia, precisamos compreender como funciona essa máquina cíclica. Espanto, tristeza, debates, busca precipitada de soluções imediatas, fugas para outros assuntos e, finalmente, esquecimento. Vejamos este mosaico da Figura 20 para pensar o ato terapêutico.

Figura 20 – Mosaico de imagens do Cristo e inundações de maio/2024, no RS



Fonte: Elaboração do autor (2024) a partir de imagens do Google Earth, Cardoso (2024) e Cristo Protetor (2023)⁴².

42 Disponível em: <https://cristoencantado.com.br/cristo-protetor-gaucha-chega-a-100-mil-visitantes-nesle-20-de-setembro/#monumento>; <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/>

A imagem diurna, à esquerda, corresponde a uma obra colossal (Cristo Protetor), no município de Encantado/RS e sua localização a oeste da cidade, no vale do Taquari (centro norte do estado). Notícias sobre as últimas cheias (SBT News, 2024)⁴³, que devastaram mais uma vez essa região do território gaúcho, vem impactando todo o país e mobilizando gestos diversificados de solidariedade. Alguns efetivam resgate e meios humanos para reconstrução; outros indicam a carga simbólica da expressão nacional. O que pode não ter tido eco no mega espetáculo-show de Madona, em Copacabana (de 4 de maio); mas foi alcançando a sensibilidade institucional e midiática para outros nichos de visibilidade. Dai o Cristo Redentor (mais famoso) iluminar-se com bandeira sulista. Estes são gestos, sempre insuficientes, mas necessários de civilidade ética e socioambiental. Em que medida funcionaria também terapêuticamente falando?

Pensemos nos jogos de futebol do campeonato brasileiro, onde 3 dos 20 clubes tiveram atendido seus pedidos de suspensão das partidas nas próximas semanas. Não fosse a civilidade, determinantes contratuais da alteridade e da profissionalidade poderiam responder rigorosamente: “*O problema é exclusivamente dos times gaúchos*” (Internacional, 2024)⁴⁴ Lemos tal argumentação absurda como ofensiva porque os extremos da guerra e da paz são balizados por jogos solidários de inclusão. Como em regime de reconhecimento coletivo, no qual demonstramos o quanto estamos afetados pelo contexto. Esse processo é terapêutico por envolver uma cooperação solidária e coletiva; e não apenas uma obrigação contratual. Até os jogos olímpicos do Japão foram adiados, para 2021, pelo enfrentamento da Pandemia de Covid-19.

Ao compreendermos os esportes, artes, entretenimentos, movimentos sociais e ambientais como táticas e estratégias de inclusão e cooperação, em diversas escalas, construímos perspectivas humanistas de intercâmbio glocal (global e local). E nos identificamos no pertencimento comunitário, sem aprisionamentos bairristas. Afinal, torna-se mais sensato fazer múltiplas afirmações de identidade (em múltiplos lugares de fala a fim gerar críticas consistentes e complexas), do que blindar-se na insensatez das polaridades mesquinhas: “*eu sou/nós somos o/os bom/nós; os outros são farinha do saco que não presta*”. A Civilidade é o oposto do Identitarismo. A primeira pode parecer culturalmente um jogo de palavras e besteiras retóricas; a segunda é bestial de fato, pois nenhuma pessoa ou coletividade jamais é uma coisa só, isoladamente (Riserio, 2023).

cristo-redentor-luz-homenagem-as-vilmas-dos-temporais-no-rio-grande-do-sul.html.

43 Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=7saF0yn38Yc>

44 Disponível em: <https://globo.globo.com/esportes/futebol/noticia/2024/05/06/internacional-pode-suspensao-do-brasileirao-por-20-dias-por-crisis-das-enchentes-no-rio-grande-do-sul.ghtml>.

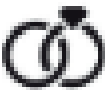

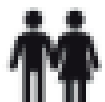






O setor leste do ideograma da ATOG01 indica um enfrentamento constante: a oscilação guerra/paz X a inovação dos jogos culturais. A Civilidade, uma máscara solidária, precisa atuar no caminho dos jogos, ou da política, com as regras da esportividade. Do contrário, não há terapia ou cura; apenas lutas e lutos. E a Educação, no espírito esportivo, avança evitando esses 2 extremos.

ATOG14 – Máscaras como política e sistema de valores

O caminho que fecha o circuito do ideograma central (veja na ATOG10) vai da Civilidade à Teatralidade. Costumamos reconhecer que uma pessoa com uma fala muito estudada, linguagem refinada, expressões pouco comuns, carrega uma sonoridade de ator. Ou seja, de alguém com muito ensaio de cena. Quando estiver vestido de forma também refinada, dominando gestos e seduzindo olhares no cenário também atraente, podemos afirmar que toda aquela civilidade tem performance teatral. E, portanto, o espetáculo da representação de ideias e valores e ideias está pronto para seguir seus objetivos. Ao tratar das máscaras como política e valor, o artista é o modelo de referência.

Vamos pensar a arte dos shows de uma banda de música popular brasileira, e o conjunto de representações associativas que podemos ter a partir de uma canção (música e letra). No 1º exemplo a Canção *Meu Erro* (1984) do grupo Paralamas do Sucesso.

Figura 21 – Canção ilustrada por ícones diretos e indiretos

MEU ERRO			
Eu não gosto de dizer	Mesmo quando		
Você não gosta de ouvir	Eu não vou me enganar		
Agora não paga	Eu conheço seus passos		
Não me faça promessas	Eu vejo seus erros		
Eu não quero te ver	Não há nada de novo		
Nem quero acreditar	Ainda como/qual		
Que vai ser diferente	Então não me chama		
Que tudo mudou	Não olha pra trás		
Você diz não saber	Você diz não saber		
O que houve de errado	O que houve de errado		
E o meu erro foi crer	E o meu erro foi crer		
Que estar ao seu lado bastaria	Que estar ao seu lado bastaria		
Ah meu Deus era tudo que eu queria	Ah meu Deus era tudo que eu queria		
Eu disse o seu nome	Eu disse o seu nome		
Não me abandone	Não me abandone jamais ch ch		
https://www.letras.mus.br/br-paralamas-do-sucesso/30121/			

Fonte: Elaboração do autor (2024) a partir da canção *Meu Erro*.

Uma leitura do texto musicado basta para percebermos que se trata, *directamente*, de uma declaração de uma pessoa se dirigindo a outra, com a qual mantém um relacionamento afetivo-amoroso. Não existe, portanto, nas estrofes um conjunto de informações que dificulte o reconhecimento do tema da canção. Ela corresponde a um conjunto de argumentos de alguém apaixonado, afirmando discordar do que o outro pensa, faz ou diz. As duas partes iniciais falam de uma ruptura dolorosa, mas necessária, pois o erro foi do outro. Mas ao construir refrão, o erro – seja no passado que se faz presente ou no futuro possível – vem consciente e sentimentalmente a primeira pessoa que pede: *não me abandone... jamais*.

Os quatro ícones da parte superior a direita, podem ser associados a ideias ou mensagens presentes nessa interpretação mais direta que a letra sugere e que o estilo musical – um rock pop, no estilo acelerado de uma balada dançante – aponta como sentimentos típicos das descobertas e desilusões amorosas dos jovens. Cabem, é claro, variações interpretativas capazes de indicar outras possibilidades não tipificáveis assim. O que importa é concordarmos na dinâmica audiovisual da canção com esta *Associação Direta* principal para a qual os valores dos artistas se direcionam.

Uma Associação Direta para uma obra artística, costuma induzir à falsa ideia de que a obra não está escondendo nada pois está dizendo tudo, na cara, sem mascarar coisa alguma. Justamente por isso, a teatralidade nos ensina que a política é uma eficiente chave para destravar portas abertas da ilusão! E se já aprendemos que as outras 3 *idades* (alteridade, profissionalidade e civilidade) demandam sem lidar com as máscaras ao invés de infantilmente ignorá-las, torna-se básico tentar ler e ouvir a mesma canção, com pistas lançadas pelos ícones do canto inferior. Vejamos... um carrinho de supermercado na tela do smartfone; uma mão entregando dinheiro a outra, o templo ateniense Partenon figurando poder e riqueza como um banco e as linhas cartesianas e empobrecimento X endividamento. E o que essas figuras teriam a dizer sobre a canção? Ai chegamos no ponto criativo e valioso da política como representação teatral plena. Caso o narrador da canção fosse um banqueiro, um agiota ou um amigo, que confiou um bem para uma segunda personagem da canção, a ideia de *meu erro* também teria sentido.

Estamos falando, desta feita, de uma *Associação Indireta*, com capacidade criativa para reinterpretar o texto-sonoridade com novos elementos visuais. Algo que também pode ser invertido quando temos à nossa disposição letra de canções um pouco mais desafiadoras para construção de sentidos indiretos; embora a ideia de decepção amorosa seja reconhecida imediatamente.

O que as Associações (Direta e Indireta) de fato trazem é a maleabilidade, a flexibilidade e a inventividade argumentativa. Trazem características

capazes de mostrar aquela força plástica e dinâmica do teatro geográfico e suas categorias analíticas indispensáveis à formação da espacialidade cognitivo-emocional dos alunos. Promover assuntos regionais, urbanos, agrários, climáticos, biológicos, econômicos e financeiros (como este associado indiretamente à canção *Meu Erro*), além de possibilidades técnicas, morais e filosóficas de análise, vem confirmar o poder político (e didático-pedagógico) das máscaras. E o faz, sem destituir os sistemas de valores construtivos, para que o rigor científico e a sensibilidade humanista. O que tem sido sempre decisivo para compreendermos que a integração artístico-didática do ensino de Geografia com teatro e música (Peixoto, 2008; Dozena, 2016) movendo (in)diretamente associações do conhecimento, na criação de conteúdo político-pedagógico (Gompertz, 2015; Gomes, 2013).

Tentem exercitar com essas três canções uma coletânea de imagens – podem ser ícones, fotografias ou vídeos” com essas 3 canções ou pelo menos 1 delas. Que associações, diretas e indiretas permitiriam a você elaborar uma imagem como aquela que exemplificamos antes?

Risoflora	https://www.lavras.mus.br/chico-ciencia/304728/
Na tua cabeça	https://www.lavras.mus.br/duda-beat/na-tua-cabeca/
Olho no gato	https://www.lavras.mus.br/marina-sena/olho-no-gato/

ATO15 – Possibilidades das Máscaras Educativas nas cenas geográficas

As quatro idades – Teatralidade, Alteridade, Profissionalidade e Civilidade – foram percorridas; e, depois, correlacionadas às associações poético-musicais, diretas e indiretas, na explicação da aula anterior (ATO14). Estamos agora diante do último material, que convida seu protagonismo em Oficina Geográfica II a pensar e produzir uma 7ª aula-texto, discente e autoral, sintetizando a sequência que desenvolvemos até aqui. Claro que as poucas e significativas atividades, no período que antecedeu à paralização acadêmica de maio a julho, podem compor essa reflexão. Mas são as 6 edições semanais (incluindo a atual) que fornecem base para responder, com qualidade e precisão, a velha pergunta sobre os próximos passos: “*Recebemos esses textos e agora Professor... o que é mesmo para fazer?*”

Como sempre lembramos de forma didática e tranquila: vamos por partes. 1º devemos finalizar o tema dessa ATO15 sobre Máscaras Educativas nas Cenas Geográfica. *Afinal do que se trata?* 2º, é preciso listar algumas sugestões, que facilitem mais e melhor os futuros experimentos com canções

populares no processo audiovisual dos temas que destacamos neste semestre “*Xenofobia e Guerras Culturais*”. E, por último (3°), garantir em tópicos bem direcionados, os textos discentes, enviados até o final de maio, serão bem qualificados, viabilizando a aprovação na Disciplina. Então prossigamos!

1° Cenas Geográficas criam Máscaras! Por isso precisamos nos educar junto a elas. Uma perspectiva simplista de que observar ou sentir a paisagem; ou vivenciar um lugar, seja dominar a realidade geográfica correspondente a grande ilusão anticientífica. A experiência é uma condição de vida; mas, em si, ela proporciona tão somente um caminho ao alcance do saber geográfico. Gaston Bachelard (1884-1962), estudioso da racionalidade e imaginação científica e artística, amadureceu a ideia mestra de *obstáculos epistemológicos*, como desafio permanente para atualização de toda ciência viva – incluindo a Ciência Geográfica – projetada para o futuro (Bachelard, 1996, 2003; Andreotti, 2013). Por isso, qualquer realidade que se diga geográfica, cobra um fazer científico menos objetivo e mais integrado ao saber projetivo.

As Cenas Geográficas, nos cenários por vezes reducionistas, precisam criar máscaras sim – isto é “vestimentas” que juntam falsidades, desvios, novidades, criatividade, cooperação, imprevistos, negociações etc. – para projetarem alternativas de vivência e transformação dos espaços socioambientais. E nesse teatro, tudo precisa ser estudado e interpretado. Dai a compreensão de que a geografia encenada, na sala de aula (e tantos outros espaços educativos) fornece tecnologia e ética aos jovens cidadãos, que se projetam no futuro possível do espaço terrestre. O diretor da cena – o/a professor/a de geografia – é quem conduz a ultrapassagem dos obstáculos, decodificando as cenas em velhas e novas máscaras, meios de interpretação. Quando o enredo é, nesses termos, como aqueles que propomos – na densa problemática da Xenofobia e das Guerras culturais (mas poderiam ser tantos outros) – vale a pena mobilizar as artes ou as canções, no caso, para fazer ciência com criatividade e emoção. Porque simplesmente não conseguimos ensinar sem ambas!

2° Sugerindo Canções... sobre (ou contra) Xenofobias e Guerras Culturais. Separamos aqui 3 canções que fazem associação direta/indireta com a xenofobia e podem ser trabalhadas, também, em função das guerras culturais. São elas: *As Caravanas* (Chico Buarque, 2017), *Haiti* (Caetano Veloso, 1993); *O Real Resiste* (Arnaldo Antunes, 2020). As três são acessíveis no portal *Letras.mus*⁴⁶. Nenhuma delas correspondem a uma explicitação mecânica dos conceitos propostos. A xenofobia, portanto, é interpretada por elementos que incluem a rejeição alteridade étnicas, de renda ou ambiental no sentido

46 Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/>.

negacionista. Enfraquecimento do outro é o princípio xenofóbico. Desta feita, consideramos esse caminho como *direto*.

O que então seria um caminho indireto? A possibilidade de observar frases lógicas e desafiadoras projetando liberdade, inventividade e mesclas culturais na sintaxe dos termos mestiços que nas canções populares, conforme os estudos do professor Amálio Pinheiro (2013) renovam o barroco, o mestiço, a hibridação das significações culturalmente possíveis. O faz das construções poéticas respostas plausíveis e originais aos binarismos das guerras culturais. Para isso, é indispensável compor vínculos temáticos em metáforas – entendidas aqui como representações poéticas no lugar de velhas noções políticas já cristalizadas – a fim de ampliar significados geográficos. Ampliar, neste caso, potencialidade das máscaras, nas cenas geográficas que o conteúdo curricular seleciona para aquela aula ou sequência didática. Vejamos como no Quadro 4 articulam tais hibridações.

Quadro 4 – Canções para exercitar ideomaps discentes

Canções	Versos da Canção	Temas para uso curricular
1 <i>As Caravanas</i>	<i>Não há barreira que retente esses estranhos/ Suburbanos tipo maquilaneros do Jacarandá/ A caminho do Jardim de Alá/ É o bicho, é o bechicho, é a claranga</i>	A invasão colonizadora ou olanzivas, na perspectiva do outro é a ocupação, por direito. Reivindicações Territoriais.
2 <i>Haiti</i>	<i>Onde os escravos eram castigados/ E hoje um batuque um batuque/ Com a pureza de meninos uniformizados de escola secundária</i>	Lugares turístico-culturalis de grandes espetáculos e festas, com passado de crimes colossais
3 <i>O Real Resiste</i>	<i>O real resiste/ É só pesadelo depois passa / Múmia, zumbi, medo/ Depressão, não, não, não, não.</i>	Formas de tratar a Segurança Pública ou as Catástrofes Ambientais.

Fonte: Elaboração do autor, conforme acesso a web <http://loma.uva.br> (2014).

Na metáfora, as *Caravanas* formam exércitos de invasores, o *Haiti* é, ao contrário do 1º país independente da América, um bolsão de pobreza em festa turística e *a Resistência do Real*, se converte em uma provocação demoníaca a ser negada sempre! Neste e em muitos outros sentidos possíveis as imagens fotográficas e em vídeos servem para mostrar que essa multiplicação metafórica é um processo infinito de renovação do pensamento geográfico. De um tema, teçam à vontade!

As duas sequências de aulas-texto, tanto de Matrizes Religiosas, optativa, (item 3.3) quanto de Oficina Geográfica 2, obrigatória, (item 4.1), expressam a readaptação programática de disciplinas da graduação em

Geografia, para momentos de enfrentamento sindical, sem prática letiva, letiva presencial. Conforme já dissemos, uma greve de docentes e técnicos das universidades federais colocou-nos neste desafio trabalhista e político de ter de desenvolver uma programação como se estivéssemos escrevendo cartas semanais aos discentes. E torcendo para que no final do ciclo, uma 10ª carta vinda dos alunos de Matrizes e uma 7ª carta, dos alunos de Oficina voltasse como retorno e avaliação de aprendizagem. Foi o que aconteceu com cerca de 3/4 da turma que aceitou o processo de mutação letiva em escritura comunicativa; o que consideremos extraordinariamente simbólico e animador, frente a um contexto acadêmico cada vez mais desqualificado atropelo de técnicas e táticas de satisfação imediata. Estudantes das duas disciplinas reconhecerem, na elaboração dessa carta-retorno uma representação qualificada na comunicação remota. Poderiam ter aguardado o retorno oficial do período de aulas; e, embora já tivéssemos afirmado que não faríamos reposições, todos poderiam ter suprimido as disciplinas, refazendo o percurso convencional em um novo semestre. Porém, ao contrário, participaram majoritariamente da empreitada. E é essa experiência de recriação da didática do saber geográfico – em que “textos tecem” aulas (uma redundância) e aulas são interrompidas sem prejuízo de pesquisas (uma discrepância) – que nos motivou o registro de tal cotidiano, como um detalhado exemplo acadêmico do pensamento-ação da Geografia como efetiva (e insolente) Mathergeografia.

4.2 Mathergeografia de experimentos artísticos: do *EXPARGEO* ao *RELIEX*

A terceira disciplina que nos mobiliza semestralmente, nas atividades da graduação na licenciatura em Geografia é o Estágio Curricular Supervisionado III, associado às práticas letivas completas, no Ensino Fundamental II (anos finais, de 6º a 9º do ensino básico). Sob o comando da prática de Regência, outras experimentações regulares são incentivadas pela significativa carga horária de estágio a ser cumprida no 7º semestre do curso, junto à escola-campo, instituição onde o aluno concentra tais experiências letivas sob a supervisão de um professor da escola. Conforme a figura que trabalhamos, para mostrar o encadeamento de seis práticas correntes – Regência, Observação, Participação, Planejamento, Formatação Didática e Avaliação – consideramos a elaboração de um compromisso de intervenção escolar, por intermédio de um instrumento espacial de intervenção: o Experimento Artístico Geográfico, em acrônimo, EXPARGEO.

Figura 22 – Orientação do projeto didático das 6 práticas de ensino



Fonte: Elaboração do autor (2024).

Em princípio, os estágios de I a IV, que perfazem o total de 400 horas no vínculo com a escola, poderiam não ser uma disciplina. Poderiam, inclusive, abdicar de qualquer atividade letiva no espaço acadêmico, direcionando o aluno para o cumprimento de toda a carga – no estágio III são 144 horas, com 128 na escola e 48 para a regência. O que permite correlacionar, conforme a Figura 22, a regência das aulas, com as demais práticas de observação, participação, planejamento e avaliação. Quanto a formatação do material didático, temos priorizado o EXPARGEO em função do trabalho sistemático de fomento a intervenção criativa com base, nos últimos 4 anos, da leitura aplicada do livro “Pense como um Artista”, escrito pelo jornalista inglês Will Gompertz (2015). A obra em dez capítulos, faz um panorama de diferentes perspectivas de vivências artísticas no percurso profissional, reunindo biografias de fracassos e superação e êxitos de pintores, músicos, teatrólogos, performáticos, cineastas, entre outros. O que favorece a ideia central da proposta do EXPARGEO: apresentar roteiros de aulas, de forma artística para atrair a atenção de uma turma na proposta de intervenção efetivamente desenhada pelo estagiário. Para além das demais regências (seguindo a programação do supervisor), a ideia é compor a aula autoral, pensando como um artista e fazendo a simulação cênica do experimento, ao longo de todo tempo-espaço letivo.

O percurso em 2024.1, embora tivesse sido indiretamente afetada pelos poucos momentos de encontro presencial – a greve teve duração de 60% do tempo do semestre – não foi prejudicado na rotina das práticas escolares. Neste sentido, a partir da entrega do projeto EXPARGEO (finalizando a parte inicial do estágio), a sequência dos trabalhos segue uma tendência de 2 meses de vínculo no cotidiano escolar, balizada pelas formas de registro das atividades, superação

de dificuldades pontuais e apoio à sistematização das vivências. O que torna o desafio de registro do percurso, um ato descontínuo de aplicação e retificação dos intentos do EXPARGEO, como se o comando do *pense como um artista* se tomasse um apelo vital na arte do educador. Algo bastante diferenciado (embora conexo) que o filósofo da educação Marcos Vilella Pereira (2016) vai denominar estética da professoralidade. Vejamos o que ele diz, antes de tratarmos na parte central da finalização do processo, na disciplina de Estágio III.

Estou entendendo que a professoralidade não é uma identidade que um sujeito constrói ou assume ou incorpora, mas, de outro modo, é uma diferença que o sujeito produz em si. E, no caso de ser uma diferença, não é a recorrência a um mesmo, a um modelo ou padrão. Por isso a professoralidade, não é a meu ver uma identidade: ela é uma diferença produzida no sujeito. E como diferença, não pode ser um estado estável a que chegaria o sujeito. A professoralidade é um estado em risco de desequilíbrio permanente. Se for um estado estável, redundaria numa identidade e o fluxo seria prejudicado [...] Michel Foucault nos ensina que, por detrás das coisas, dos fenômenos, não existe uma essência, mas um conjunto de forças que tornaram possível o fato colocado em questão. É em busca dessa trama de forças, presente no construir-se professor, que estou [...] o movimento vai no caminho de descobrir algumas tramas constitutivas dos diferentes estados de ser que se sucedam, isto é, deriva das indagações sobre “como e por que tenho sido o que tenho sido”. Dá para perceber a diferença? Trata-se de colocar o dinamismo dos modos de ser já na questão sobre esses modos de ser. Em vez de partir de uma construção no presente do indicativo (eu sou), parte-se do participípio e do gerúndio (tenho sido, estou sendo) (Pereira, 2016, p. 37).

A professoralidade estetiza ou formata uma *ética do tornar-se*, em aula, o artista necessário ao geógrafo educador. Seu desenho capturado por Marcos Pereira, evoca riscos e tramas. As mesmas condicionantes (textuais em tessituras) para as quais temos desenhado essa capacidade do estagiário se ver relatando sua vivência em mosaicos imagéticos – que chamamos de *portfólios de vivência*, organizados em slides para exposição na turma. Mas para além da avaliação do supervisor, que emite parecer sobre o desempenho do estagiário e assina sua frequência, um segundo material advém da produção reflexiva do/a professor/a em formação. Trata-se do Relatório Literário de Experiências (outro acrônimo, RELIEX), cuja configuração básica é a transformação das 6 práticas em uma coletânea de crônicas autorais, tão sintéticas e ilustradas quanto uma produção jornalística; mas também, tão legitimamente adequadas na preservação de nomes e personagens reais, que seu grau de denúncia dos problemas específicos fica protegido pela densa camada do enredo ficcional. Uma crônica também protege terceiros e se protege no exercício teatral das máscaras, tratadas no item 4.1.

A crônica, como gênero literário, contém prosa e poesia, sem perder a similaridade com a rotina relatorial. Porém, como em nossas solicitações (inclusive neste semestre), orientamos a produção de um conjunto – o mínimo de 8 e o máximo de 14 delas – sempre em diálogo como um título criativo e uma imagem desafiadora, a natureza de um *rascunho cartográfico* encontra-se entre suas funções. Qual crônica não seria um mapeamento cognitivo em estado bruto?

A dimensão mathergeográfica da experimentação artística docente, no projeto *EXPARGEO* e no produto *RELJEX em Crônicas* fecha a triade de textos emergentes das aulas, mesmo sem repetir o ensaio das disciplinas anteriores. Justamente por *pensar-se como artista e fazer-se em professoralidade cronista*, a disciplina/atividade de Estágio III evoca um elemento de cognição simbólica inalcançável nas outras experimentações comunicadas em aula texto: a simulação da professoralidade é o contra vetor permanente do geógrafo na sala de aula, como se toda a formação de qualidade alcançasse plenitude no patrimônio existencial do docente em formação. E como fazer para essa formação se perpetuar – não como identidade, mas como diferença – ao longo da carreira?

4.3 Ideomapas, investigações carnavalescas e oficinas de turisgrafia

A travessia da vida escolar e acadêmica, em diferentes orquestrações geográficas, cujos breves exemplos, reflexivos e práticos mais recentes, culminaram nessa proposta de Mathergeografia favoreceu a elaboração de um memorial de promoção ao cargo de Professor Titular em novembro de 2021. Ali foram previstas 4 frentes de investigação associando para os próximos 12 anos de estudos, futuras temáticas capazes de orbitar nossas atenções acadêmicas.

Figura 23 – Projetos de pesquisa integrados à Mathergeografia (2022-2033)



Fonte: Elaboração do autor (2024).

Desde então, não foi possível mais prosseguir na lapidação de projetos, sem o aporte dos ideomapas como instrumental sistemático na interpretação dos fenômenos naturais e culturais investigados. No campo educacional, essa cognição simbólica multifacetada pelas temáticas da religiosidade e da formação audiovisual docente conduziram a experimentação de cada sala de zula (mesmos em período de greve) como um constante laboratório. Mas os espaços simbólicos investigativos que foram percorridos nos últimos 19 anos de atuação, junto ao LEGES, serviram de fomento a um fenômeno festivo complexo, recuperado pelo interesse maior nos estudos comparativos nacionais e internacionais: o sistema cíclico de festividades ocidentais, denominado por *Carnaval*.

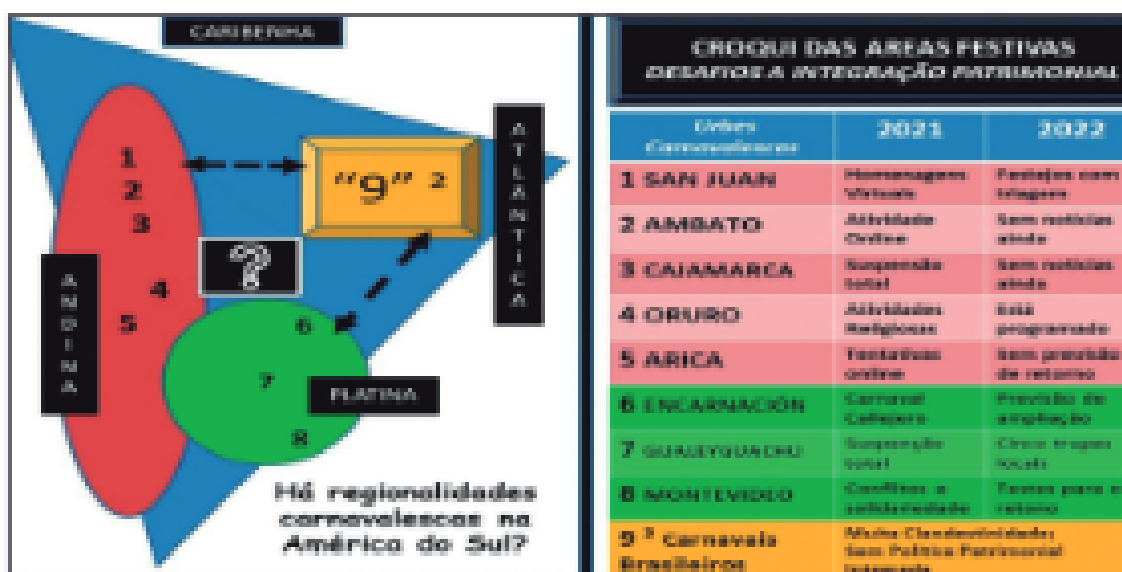
Em uma geografia aberta às reflexões sobre a comunicação e a cultura, as festas carnavalescas passaram a compor a centralidade de dois projetos vinculados ao CNPq, como bolsa produtividade. De 2020 a 2022, a primeira versão deste estudo foi intitulada *Espaço Simbólico do Carnaval Sul-Americano: Mapeando Alegorias, Religiosidades e Tecnocracias em Cidade Turísticas da Pós-Latinidade*. Os ideomapas assim, ganharam centralidade associativa de trabalho analítico para revelar dimensionar a força da patrimonialidade (artística, devocional e tecnológica) e do turismo cultural.

Aproximando a nova Geografia Cultural (Claval, 1999) e a Ciências Comunicacionais e da Cognição (Vidal; Ortega, 2019), o mapeamento conceitual dessas diferentes cidades sul-americanas tendem a revelar muitas facetas de sua representação como polos carnavalescos; chamadas de “urbes” de suas respectivas referências nacionais. Corrientes (Argentina); Oruro (Bolívia); Olinda-Recife (Brasil); Arica (Chile); Pasto/Barranquilla (Colômbia); Ambato (Equador); Encarnación (Paraguai); Cajamarca (Peru); Montevideo (Uruguai); El Callao (Venezuela). Dessas 12 cidades (em 10 nacionalidades sul-americanas), 6 acumulam registros (geral ou específico) de patrimônio intangível da humanidade. Utilizando uma metodologia comparativa e híbrida, de decodificação das narrativas e imagens editadas, a partir de vídeos e reportagens jornalística, foi elaborado de uma base conceitual de modelos gráficos expressivos de uma Pós-Latinidade. O patrimônio cultural do Carnaval permitiu, portanto, pré-avaliar as características tendenciais da teatralidade cultural do subcontinente, fazendo emergir suas dimensões alegóricas, religiosas e tecnocráticas, capturadas literariamente (Pucheu; Guerreiro, 2011). O mapeamento conceitual resultante possibilita a construção de projetos para interpretação da geossimbólica dessas estratégicas urbes que integram nossas nacionalidades.

As potencialidades patrimoniais das formas locais/regionais da festa carnavalesca, na constituição de variadas paisagens nacionais (sul-americanas,

nessa etapa do estudo), demarcou um padrão de investigação capaz de fazer a captura de três mundos que dimensionam a teatralidades da festa (Queiroz, 1999). São dimensões alegóricas capazes de retratar poderes polares/extremos em figurações representativas dos dramas humanos. Seleccionamos três arranjos temático recorrentes para realizar a investigação do espaço simbólico dessas polaridades, como Alegoria Carnavalesca é capaz de fundir em cidades polos (aqui chamadas de *Urbes Turísticas*) uma gama diversificada de aspectos simbólicos. São eles dimensões das teatralidades Ancestral-Devocional (projeção de passados), Satirico-Infantil (projeção de futuros) e Imagético-Tecnocrática (projeção dos dilemas do presente). Portanto, as perguntas de partida, podem ser representadas pelos modos de ordenamento dessas características alegóricas em cada urbe seleccionada para o estudo. Qual a alegoria predominante? Como tal alegoria projeta regionalidades (Figura 24) em outras escalas (inter)nacionais? De que forma ela potencializa a herança patrimonial da Latinidade?

Figura 24 – Esquema das regionalidades carnavalescas na América do Sul



Fonte: Elaboração do autor (2024).

Um marco de readaptação da investigação emergiu do período pandêmico, cujo alcance alterou significativamente a observação sistemática das cidades estudadas. O esquema da Figura 24 fez parte do texto *Carnaval Pós-Pandêmico na América do Sul*, integrando o 1º livro da Rede OPPALA (Sousa *et al.* 2022, p. 26-38), como apoio à primeira versão do projeto.

Na segunda versão, ainda em vigência (2023-2026), passamos a conectar os vínculos intercontinentais das festividades em cidades africanas e europeias. Intitulado agora de *Espaços Simbólicos do Carnaval Atlântico*:

Mapeamento Cognitivo do Patrimônio Afro-Latino nos Polos de Religiosidade Turística. A nova concepção diretamente cognitiva favoreceu a demonstração de elementos de representação da força dos espaços de religiosidade, no encadeamento comparativo do conjunto de manifestações imagéticas, sonoras e paisagísticas. Esse conjunto de urbes selecionadas completavam polos carnavalescos de forte visibilidade midiática que não haviam sido trabalhadas no estudo anterior. Observamos, nas figuras a seguir, as representações simbólicas que foram amadurecidas por um componente chave dos trabalhos acadêmicos e audiovisuais que estamos ainda sistematizando em banco de dados: a espiritualidade poética ou a *poéxtase*; formação e significação plena do ato devocional no teatro carnavalesco.

Neste projeto as cidades (urbes) carnavalesca foram renovadas com a seguintes dimensionamento intercontinental: a) Urbes americanas e caribenhas: Salvador, São Luis, Fortaleza e Santos (Brasil), Nova Orleans (EUA), Veracruz (México), Porto Espanha (Trindade Tobago), Havana (Cuba); Urbes europeias e africanas: Dunkerque (França), Cádiz (Espanha), Torres Vedras (Portugal), Bissau (Guiné-Bissau), Calabar (Nigéria), Luanda (Angola). Esse conjunto de cidades está agora focado na temática da espacialidade religiosas, a partir da temática patrimonial que centraliza, conforme os resultados da investigação anterior, a Religiosidade Turística. O termo foi sugerido no estudo sobre a metropolização da Basílica de Aparecida em 1999 (Oliveira, 2021), não sendo até então operacionalizado sistematicamente em uma investigação continuada.

No texto *Espaços carnavalescos na geografia cultural: mapeando folias da guerra, da paz e dos altares* (Oliveira, 2024, p. 93-117) desenvolvido como produto do Pós-doutorado, no Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP (Out/2023-Set/2024) experimentamos um *teorema de correlação de triades analíticas*, que passamos a intitular de *Fireberg Carnavalesco*. Perspectivas urbanas, afetadas pela dinâmica carnavalesca, se repartem em representações de “arlequins” (Poder Destroçado), “colombinas” (Poéticas da Mestiçagem) e “pierrô” (Portos/Estuários de Corpos); e uma teatralidade momesca, em devoções invertidas pela fusão de rituais que opera três tipos de Espaços Religiosos: o *Mágico*, o *Turístico* e o *Cômico*. No teorema do *Fireberg Carnavalesco*, categorias semióticas emergem para demarcar o fluxo da caracterização, em maior ou menor intensidade, das folias que arrebatam as urbes dos litorais atlânticos. A figura compõe sua enumeração embora não indique esses grupos. São 9 no total: guerra, prazer, brincadeira (grupo arlequim), pacificação, poder, criatividade (grupo colombina), altar, dever, ancestralidade (grupo pierrô).

Figura 25 – Três religiosidades no espaço carnavalesco



Fonte: Elaboração de Astar (2024) a partir de fotos do Carnaval de Torres Vedras.

Não iremos aqui detalhar os meandros das correlações sugeridas no teorema, pois a verificação de outras variações ao ajuste das categorias, encontram-se ainda em andamento. O fundamental aqui é afirmar que, muito embora o projeto original tenha sido pautado na metodologia documental de fontes escritas, midiáticas e videográficas, o ingresso de um plano para o trabalho de campo, com uma das urbes (Torres Vedras) alterou significativamente a consistência da leitura analítica e da projeção dos ideomapas resultantes.

A Figura 26, projetada para demonstrar este processo contínuo de pensar (sistematicamente) em campo – muito embora o campo estivesse forjado no turbilhão de rápidos acontecimentos empíricos que encerravam o jubileu dos 100 anos do Carnaval de Torres Vedras – acolheu uma programação de eventos; e identificou possibilidade de que os demais carnavais pudessem, em algum nível de empiria, serem compreendidos com as religiosidades e as perspectivas (padrão analítico) ali identificadas. Portanto, a partir dessa imersão no campo, durante as folias de 9 a 14 de fevereiro de 2024, inserimos no projeto a possibilidade de traçar a análise semiótica da geografia carnavalesca, absorvendo o trabalho de campo (que será adiante rebatizado como Turisgrafia), antes da elaboração final dos ideomapas das urbes em estudo.

Figura 26 – Campo em Torres Vedras e suas projeções



Fonte: Fonte: Elaboração do Autor (2024) a partir do Iconos do Carnaval de Torres Vedras.

Acolhida essa variação como movimento estratégico de interligar projeto e documentação com os cartogramas (ideomapas) e seu teorema, pela intermediação direcionada do campo, podemos voltar ao amadurecimento das representações na composição do tecido gráfico. Que ideograma, posterior a realização do campo, mas anterior à sistematização imagética de cada urbe (já investigada ou por investigar), é capaz de interconectar os elementos conceituais do estudo? Ou em outras palavras, como na metáfora da tecelagem... como os fios da trama de 9 categorias formam o tecido (denso e resistente) da festa camavalesca reeditada a cada ciclo?

A Figura 27 responde em uma estrutura gráfica do jogo triádico, apontando as religiosidades que foram depositadas, por séculos e séculos, no tempo intermédio dos dois ciclos de festas cristãs triunfantes do mundo ocidental. O Ciclo de festejos natalinos, que encerra o ano civil, libera o tempo dos rituais para o Ciclo dos festejos camavalescos – muitas vezes como pré-carnavais ou ensaios para os momentos finais do Carnaval, na Quarta-Feira de Cinzas – de um lado. Adiante, o mais sagrado e tradicional dos ciclos da cristandade advém nos ritos da Quaresma e Semana Santa, nos ritos da Quaresma e Semana Santa, quando, em princípio, todas as outras festas pagãs (camavalescas e de outros credos) já deveriam ter sido finalizadas.

No esquema proposto, a centralidade colombina da paz, do poder e da criatividade, marcados pela religiosidade turística (aberta a visibilidade e a gestão coletiva da festa) guia os extremos complementares – enquanto possível – e irradia aspectos que permitem a compreensão e outras dimensões simbólicas e religiosas dos festejos. Entre elas, as tendências paradoxais de explosão disruptiva (*o carnaval sempre é bagunça explícita*) e integração conectiva profunda (*o carnaval sempre evoca a reverência conjunta, de todas as sacralidades e fés*). É possível que o lado pierrô, do segundo paradoxo tenha uma geografia de experiência tão espacialmente efêmeras e sutis, que as representações espaciais, em outros momentos, necessitem de uma melhor demonstração investigativa. O importante, aqui, é esquematizar a inoperância de apenas observar o teatro carnavalesco em sua alegria infantil espetacular. Há muitos silêncios devocionais compondo a festividade, conforme vimos e coletamos em Torres Vedras. E nas demais urbes?

Figura 27 – Tessitura dos carnavais em espaços simbólicos de religiosidade



Fonte: Elaboração de Astar (2024).

O projeto e o plano de trabalho em vigência somente abriram espaço para duas cidades, incluídas no desenho empírico dos eventos em 2025-26: Fortaleza, no Ceará e Santos, em São Paulo. A possibilidade de avançar nesta avaliação empírica depende de suporte financeiro e condições de contato social e institucional, ao longo da investigação. São Luis e Salvador, para esta finalidade, não estão em condições mais acessíveis à elaboração de etapas de

campo, neste momento. O que não impede que outros pesquisadores associados às redes de pesquisa o façam em versões mais específicas, nesta vertente de cognição simbólica do evento.

É importante frisar, neste encerramento de item (4.3), aberto com a menção ao memorial para professor titular há 3 anos, que imaginávamos o percurso da Disciplina DLS-IP, pós-graduação em Geografia, comandando a interface dos aspectos letivos centrais deste livro. Aqui podemos certificar que tal comando feito pelas disciplinas da graduação, por força da reinvenção letiva de uma greve, liberou DLS-IP para absorver seus vínculos acadêmicos com os resultados deste pós-doutorado sobre a religiosidade do espaço carnavalesco. E seu trânsito fluentemente congestionado, na alegria das ideias barroco-mestiças que ainda fomentaremos no capítulo final. Vale antes esclarecer, conforme Amálio Pinheiro pensou “*Variações Cabocilizantes*” para desatrelar a América Latina das expectativas de correção racionalista por binarismos do “certo X errado”, as disciplinas – assim como os projetos de pesquisa – se reinventam fornecendo e absorvendo oportunidades de experimentação mesclada e mestiça. A Mathergeografia não pode avançar um só passo cognoscente sem teor mestiço.

O termo mestiço aqui não remete a cor, mas a modos de estruturação barroco-mestiços que acarretam, pela confluência de materiais em mosaico, bordado e labirinto, outros métodos e modos de organização do pensamento. Tais modos não binários, desconhecem o dilema entre identidade e oposição; a mestiçagem se constitui como uma trama relacional, conectiva, cujos componentes não remontam zudosa e solitariamente a instâncias zuroras perdidas, mas sim, festejam o gozo sintático dessa tensão relacional que se mantém como ligação móvel em suspensão. [...] O prazer do componente está na festa da composição para a qual contribuí, não no narcisismo isolante de sua especial participação competitiva. Isto vale para os ingredientes de um bom prato de comida, para uma obra poética e para grandes catedrais (Pinheiro, 2013, p. 94).

A Mestiçagem, portanto, emerge como pauta universalizante da ciência geográfica, em cognição carnavalesca permanente. Por isso, a Mathergeografia recusa tanto os *identitarismos* fascistas, puritanos, racialistas (Risério, 2023), quanto as teorias da conspiração armadas pelos *enganheiros do caos*, em sua carnavalização infinita da vida pública. Como nos lembra Giuliano Da Empoli (2024, p. 22), o Carnaval só produz plenitude quando conduzido (tecido) por um tempo-espaço intensamente definido e lapidado. E a tecelagem mestiça da Mathergeografia pode vestir a ciência do espaço denso, com lapidação de mapas e poemas. Vamos (a)bordá-la a seguir.

5.

TECIDOS EM TRAMAS E RISCOS: geografias de *poemapas* e *mapoemas*

A tecelagem funda o mapeamento do mundo. Mapear é tecer. Foi essa lembrança, constatação e proposta de espacialidade científica da geografia que nos moveu a pensar como a cognição simbólica constrói – dá experiência acadêmica ao fluxo investigativo – uma geografia semioticamente expandida; uma Mathergeografia.

Podemos rever a tecelagem, aqui, como um breve *resumo invertido* de uma *introdução na conclusão*, o passo a passo para o leitor checar se a costura está suficientemente firme. Um livro, essa coletânea de altos riscos tramados, pode não imitar a didática dos artigos científicos. Nem no início, disparando, de forma rápida e vertical, o que pretende apresentar ao leitor; nem em seu desenvolvimento metodológico, explicitando os resultados. Livros contemporâneos herdaram espíritos romanescos de contar histórias, acolher variantes protagonistas e coadjuvantes, administrar o entreter da leitura em busca intercâmbios. Livros estão sempre apostando alto na prosa e migalhas na poesia. Talvez por isso, para falar de incontáveis geografias experienciadas no encadeamento simbólico da Mathergeografia, precisemos atualizar o caminho do clímax novelescos. O que seria do tempo-espaço da finalização de um livro sem a emoção fomentada na fina cintura da ampulheta? A economia da escassez de atenção e a racionalidade limitada (Melo; Fucidji, 2016) como nos legou as teses de Herbert Simon sobre o mundo virtual, aproximando-nos de uma farta *sociedade do cansaço*, conforme vem alertando Byung-Chul Han (2017). O resultado da equação de quanto mais e melhor, pior será para nossa cognição simbólica tem sido uma desconexão do agir-pensar geográfico diante de realidades inalcançáveis.

Dai a promoção dos ideomapas em movimentos de caça ao tesouro, ao jogo da permanência acessível às tramas e riscos para compreensão em compressão. O mapa converte-se em poesia para o clímax da prosa do livro. Desde que o leitor/ (re)escritor em espiritualidade poética (*poêxtase*). Vamos tentar?

5.1 Anunciando poêxtases

O segundo ensaio do primeiro volume do livro *Semiótica e Pragmatismo: Interfaces Teóricas* (2020), escrito pelo filósofo Ivo Assad

Ibri, sobre a densa obra de C.S. Peirce incentiva essa anunciação. Este texto trata de duas importantes frentes, pouco fomentadas na excessiva perspectiva sobre a racionalidade do lógico-semiótico: 1^o) a influência do idealismo/romantismo alemão no autor estadunidense, via Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854); o que não seria estranho para quem reconhece a coluna mestra do pragmatismo peirciano balizado pela radical concepção de continuidade sujeito-objeto/ natureza-sociedade. Todo enfrentamento filosófico de Peirce e de Schelling demonstra uma essência não cartesiana e não antropocêntrica em ambos os pensadores; 2^o) a proximidade sutil e fluente da poética (e demais emanções artísticas) no realismo e na metafísica de Peirce, como demonstração da sua potente filosofia. Aguardamos a finalização do trabalho para correlacionar a fertilidade da leitura que temos feito da obra de Ibri, na capacidade de conduzir ciência e arte como uma dança. Como já tratamos desta parceria em reflexões sobre Gaston Bachelard e Erik Dardel, podemos agora registrar essa equivalência na produção de Peirce.

A poética tácita de Peirce que procuro aqui demonstrar está influenciada, sob meu ponto de vista, por sua religiosidade. Sabe-se que Peirce era um homem de espírito religioso e cremos que a primeiridade é o tecido de fundo onde aquela poética primária encontra-se com um sentimento de religiosidade, dando à experiência estética sua dimensão metafísica [...] A mais cara, preciosa e, para alguns sagrada experiência, a de unidade, de conaturalidade entre homem e natureza, é celebrada no sistema filosófico de Peirce, muito além de qualquer problema epistemológico. Ele leva à radicalidade, sem concessões, o compromisso com tal unidade. Poética em sua natureza, chão de toda heurística, ela se faz no silêncio da contemplação, convidando posteriormente à alegria de pensar criativamente (Ibri, 2020, p. 76-78).

A passagem é profícua para forjar uma conversa, ainda que pontual – quase fractal – com a conclusão do geógrafo Paulo Cesar da Costa Gomes, em seu livro “Quadros Geográficos”, uma forma de ver, uma forma de pensar. Trata-se de uma alusão ao “geográfico” exterior e, portanto, ao “cósmico” como ordenamento em continuidade plena, mas desafiadora (diria Peirce) com os imaginários interiores: as geografias matriciais que enquadramos de um jeito ou de outro. Algumas dessas podem sim ser *poéticas* na composição de seus *quadros*.

O raciocínio geográfico por força de sua pergunta fundadora – por que isso está onde está? – é levado a conectar elementos muito diversos

que são necessariamente tomados juntos pelo fato de ali se apresentarem. Ao não darmos conta da complexidade e da importância desse raciocínio que se esconde atrás da aparente simplicidade da pergunta, apelamos para amplas definições que dão a impressão de serem mais inclusivas, como a de que a Geografia estuda as relações entre a sociedade e a natureza. Essas definições podem, à primeira vista, parecer mais promissoras, mas são de fato banais e, por isso, comumente só tem curso em apressadas e pouco profundas reflexões epistemológicas sobre a Geografia [...]. O quadro geográfico, essa forma de pensar, não é propriedade dos geógrafos. Uma ferramenta que nos pertence. É uma maneira de organizar o pensamento que coloca em prioridade o desenho, o traçado, quando consideramos a localização das coisas, pessoas e fenômenos. Por isso, em muitas outras disciplinas, o uso desses “quadros” pode ser atestado das mais abstratas às mais concretas apresentações. Pretendemos afirmar que, sempre que esses quadros, fundados na localização, são usados como instrumentos do raciocínio, há nisso uma forma geográfica de pensar (Gomes, 2017, p. 145-146).

Os quadros, ou ideomapas em continuidade forma-conteúdo, são requeridos a tornarem-se poéticas da epistemologia geográfica. Uma Mathergeografia com outro agregado sintático, porém similar motivo semântico. Tais quadros-ideomapas, em busca de Poêxtases, ainda que finalizados didaticamente, jamais encontram-se completamente finalizados. Encaminham, na investigação geográfica contemporânea, estratégias icônicas e indiciais de fomentar a cognição simbólica em procedimentos metodológicos assumidamente parciais. Em termos da imaginação criadora de Bachelard, chamariamos esses procedimentos empíricos de: estudo de campo em densa visitação. Nome pouco promissor para operar sua divulgação sistemática. Por isso, condensamos a proposta no termo *turisgrafia*. E será por intermédio dessa forma de encaminhar o estudo que tentaremos operar duas versões da poêxtase na confecção dos mapeamentos. Turisgrafia (geoculturais) em *Poemapas* e/ou Turisgrafia (geoambientais) em *Mapoemas*. Vamos visitá-los nesta finalização da tecelagem mathergráfica como roteiros de integração campo/ laboratório/ teorema na ciência do espaço geográfico.

5.2 Turisgrafia no percurso de mapas e poemas (Conclusão)

Esse momento de clímax está centrado na exposição, também triádica, de táticas de diálogo: entre o campo, o laboratório e o teorema. A essa altura, já compreendemos a estratégia de ampliar a Ciência Geográfica,

por amplificação comunicacional, em busca do amadurecimento cognitivo e simbólico. Assim como, já devemos ter deduzido, os ideomapas funcionam na amplificação como a síntese demonstrativa das experiências acumulada pelo exercício (superficial ou profundo) da fixação da crença no método científico. Peirce argumenta sobre essa fixação como busca da ciência para responder as demais fixações tradicionais: da tenacidade, da autoridade e da razão a priori (2021, p. 33-56). E na transposição didática de que os fenômenos geográficos estejam cada vez mais complexos para uma elaboração de teoremas, sugerimos a adoção de um procedimento capaz de condensar tempo, espaço e movimento da investigação. A ideia é considerar que que formulações geossistêmicas, estratigráficas, geostatísticas, etnográficas, socioterritoriais ou intersubjetivas, advindas das várias vertentes de método e aportadas na geográfica, teriam muito a ganhar com o reconhecimento da perspectiva turística no desenho poético dos mapeamentos. Turisgrafia é essa resposta pragmática de ajuste metodológico, no trânsito entre os campos (presenciais/virtuais), os laboratórios (experimentais/existenciais) e os teoremas (analíticos/sintéticos).

No trajeto ambiental da geografia, geralmente associado a objetos físico-naturais de investigação, a turisgrafia conecta espacialidades elementares, dominadas por representações classificatórias que faz emergir sistemas sensorialmente relevantes. Sistemas hídricos, atmosféricos, bióticos, morfológicos, parcialmente ou setorialmente integrados são visitados (em campo) e revisitados (em laboratórios) até a formatação de mapas constituintes da poética remodeladora: do *micro ambiental*, distante e terrestre, ao *macro cognitivo*, acessível e situado pelo processamento de imagens, progressivamente virtualizadas. Os *mapoemas* são as Poéxtases da geografia física e ambiental, e o aparato tecnológico – bytes, dados, drones, satélites, em Bankers de simulações do mundo possível – é amparado pela permanente interface homem-máquina; um artefato encefálico transplantado do sapiens ao sistema terrestre. Essa Mathergeografia ambiental, em turisgrafia tática, produz mapoemas para os quais não duvidamos: todas as suas utopias são textualizáveis estão na virtualização do cosmos como modelagem.

Na contracena da Mathergeografia cultural, os objetos sociais e humanistas demonstram o entrecruzamento dos fluxos institucionais aos vínculos subjetivos. A Poéxtase correspondente, ao alcance contemplativo da sistematização geográfica como ciência humana, inverte seu fluxo: a poesia cria imagem em *poemapas*. Não se trata mais de fomentar uma finalidade estética liderada pelo guiamento dos mapas, a fim de recriar a realidade exterior em micro espaços simulados para nossa escala. Trata-se de virar a

chave, forjando metaforicamente, sementes em grandes coberturas florestais de ideia. Por isso, na contramão dessa turisgrafia de campos e laboratórios sociais, o micro tema das espacialidades mais efêmera da antroposfera, longe das grandezas do demais sistemas terrestres, desenha um caminho da ampliação cognitiva para suas visitas. Seus mapeamentos podem até forjar a elaboração tecnológica de formas geóides correspondentes, associando territórios-base, demonstrativos de mapas temáticos de um “humano” político, industrial, rural, energético, habitacional, comunitário, entre outros recortes. Entretanto, ao virar dado numérico para projetar pontos, pontos e áreas, o humano objetifica-se mortalmente. Perde vitalidade e, conseqüentemente, a poesia. Algo que, para essa qualidade humanista, precisa estar na partida, beleza em êxtase na origem, para se expandir na tessitura conceitual do mapa. Por esta razão, podemos afirmar que os poemapas são micro ideias conectivas que se dilatam, expandem, em macro mapas (Oliveira, 2021). Como se comporta a tática da turisgrafia, quando campo, laboratório e teoremas resultam em diálogos inter-humanos?

A questão é chave para fechar essa viagem compreensiva da Mathergeografia em cognição simbólica, e para abrir uma longa e promissora série de relações metodológicas entre Geografia, Turismo e Comunicação. Tal abertura não necessita de mais traços e riscos dessa tessitura aqui desenhada, além do ideograma configurado a seguir. Mas reconhece que um artigo específico, associando os novos desafios da aula de campo (Oliveira, 2010), da netnografia (Kozinets, 2014) e da múltiplas formas de pesquisa-ação e participante vai exigir novo esforço didático para tratar esse procedimento metodológico. Que proposta, provisória e cientificamente sirva de guia para reconfigurações de futuros estudos, além da festa carnavalesca, conforme a Figura 27. Esperamos em breve novas projeções para investigar espaços meditativos, santuários marianos e teatralidades em um único alinhamento ou programação científica. Veremos.

O giro da chave como fechamento do processo, seleciona um esquema modelo octogonal a fim de caracterizar Turisgrafia voltada aos poemapas culturais. Funcionam como dentes desse chaveamento:

- a) *Espírito Nômade* – aberto a empiria no lançamento do estudo em campo. Sua motivação precisa permanecer como fio condutor, antes, durante e depois da conversão da Mathergeografia em geografia cultural sistematizada em texto.
- b) *Sondagens Discretas* – a visita virtual ou presencial que corresponda a presença de véspera. Uma espécie de ensaio

- físico-mental dos sujeitos em busca de receptividade normalizadora, sem inversão de papéis e incômodos locais.
- c) *Estranhamento* – impacto inicial e incômodo do choque entre realidade sensível e expectativa prévia (consciente ou não). Marca constituinte das potencialidades objetivas de o fenômeno ser promovido a foco-problema de pesquisa.
 - d) *Intercâmbio socioambiental* – somatória de informações apontadas considerando as percepções, descrições, disponibilidades e resistências alheias. Independente do objeto tema de estudo, em uma investigação de foco cultural, é indispensável espelhar seu estranhamento no olhar/sentir de outros visitados. E a partir deles, selecionar quais indivíduos e grupos, formarão parcerias em campo.
 - e) *Coleta (sistemática) Direta* – observação seletiva dos eventos e não eventos, da periferia de seus acontecimentos às centralidades instituídas. É oportuno consolidar a memória sensorial do corpo no campo, com os sentidos e equipamentos auxiliares, conforme a adequação: caderno, gravador, smartphone, além de objetos que lhe inclui no evento e parcerias de acompanhamento.
 - f) *Coleta (sistemizável) Indireta* – contatos institucionais para acesso a centros de informação, observadores do local ou visitantes e obtenção de meios gráficos e imagético de registros de outrem. É possível uma triagem no local; e quando não for possível o acesso imediato, constitua uma rede, ainda que pontual de fornecedores previamente selecionados para essa contribuição.
 - g) *Permanência Virtual* – aqui o nomadismo sede espaço para um sedentarismo remoto, ainda que muito sutil, porém tático no fortalecimento da sistematização das coletas. A turisgrafia, por natureza, faz do campo uma incompletude estrutural, só revertida na sintonia de práticas laboratoriais e formulações em teoremas. Daí encontrar meios de virtualizar o estudo até o novo ciclo.
 - h) *Reagendamento de Visitação* – assim como no turismo, econômico e ecologicamente responsável, o trânsito de intercâmbio, no retorno em tessituras (laboratórios e teoremas) demanda reprogramação da visita. Não necessariamente nos mesmos lugares, condições e eventos; mas conectados tematicamente a uma continuidade do estudo. A turisgrafia são *turisgrafias outras*.

A Figura 28 mais do que ilustrar a sequência descrita, evoca a natureza da tessitura em um ideomapa do micro para o macro; um poemapa, portanto. Assumidamente incompleto e superficial, que o poemapa de

encerramento, não nos permita esquecer o giro da chave; nem o disparo/desvio das ignições vetoriais. E especialmente, em certo “feitio de oração”, como dizia a canção de Noel Rosa, absorver esse *batugas* de ideias que é um *privilégio*, ainda que seja para reinventar a utopia. Para Noel, aprender samba no colégio; para nós, tão somente tecer e decantar geografia com outras cognições. Oxalá, continuemos.

Figura 28 – Síntese das etapas da turisgrafia



Fonte: Elaboração do Autor (2014).

POSFÁCIO

Matheergeografia: cognição simbólica em espaço geográfico, do querido Professor Christian Denny Monteiro de Oliveira, representa uma obra que agrega diversos anos de estudos e pesquisas em Geografia, a partir dos enfoques religiosos, culturais, turísticos, patrimoniais, geoeducacionais, fenomenológicos e semióticos. Nesse sentido, condensa um pensamento original, profundo e poético sobre uma geografia aberta às relações, pontes, conexões e diálogos de diferentes naturezas, e por que não dizer de múltiplas geografias. Como bem pontuou o autor, “sem tramas não se faz ciência geográfica”. O que reforça a importância da compreensão do espaço geográfico enquanto realidade e representação de uma tecelagem fecunda de significados, imaginações, sensibilidades, criatividade e artesanias.

Acompanhar o desenvolvimento da disciplina Espaço-Tempo das Matrizes Religiosas, nos permitiu, enquanto doutorandos em formação, ter contato com a emergência temática dos espaços teístas ao qual, a partir das representações de divindades, desenham inúmeros agrupamentos humanos que através de seus repertórios culturais constroem espaços de ação e projeção geográfica. A concepção de matrizes religiosas convoca justamente esse olhar baseado na potência da diversidade enquanto força agregadora de cognições, simbolismos e aprendizagens.

A turisgrafia, enquanto metodologia que combina o aparato virtual (reunir informações necessárias ao pré-campo), campo (confirmações e contradições), e a elaboração de teoremas (ideomapas em fluxo explicativo), traduz determinadas noções de fenômenos para a linguagem geográfica aplicada em pesquisas, ao exemplo de nossa própria produção:

No caso da pesquisa sobre *Cultura e representações das paisagens cajueiras no Nordeste do Brasil*, a utilização da turisgrafia tem contribuído com a comunicação de conteúdos e formas antes vistos separadamente. Seria difícil querer entender a paisagem do caju, em suas múltiplas festividades e celebrações (denominadas de cajualidades), sem enxergar a simbiose da natureza com os elementos culturais vividos pelas pessoas que movimentam essa cultura. A turisgrafia, em sua proposição de cognição simbólica (integradora e relacional), converge os aspectos ambientais/naturais mutuamente com os sociais/culturais. Portanto, as paisagens cajueiras nordestinas explicitadas no cenário cearense, piauiense e potiguar (recorte geográfico) agregam várias linguagens do caju: música, poesia, pintura, culinária, xilogravura, religião (Poemapas) com o patrimônio arbóreo, solo, água, relevo e territórios (Mapoemas).

Na pesquisa *Estudo geográfico dos rituais da morte jovem na metrópole fortalezense: continuidade de velórios para vidas interrompidas*, a

abordagem turisgráfica permite sequenciar o luto em suas reverberações políticas insurgentes na paisagem da cidade, estas que são protagonizadas por grupos que protestam contra a violência estatal exercida sobre jovens periféricos. “Transformar o luto em luta” repercute no entrelaçamento de ações diversas sobre o fenômeno estudado: o aparato virtual se intensifica em uma ampla rede de apoio (política e comunicacional) e a participação coadjuvante de diversos setores da sociedade em solidariedade na denúncia dos algozes; na dinâmica do campo, os protestos provocam marcas permanentes na memória coletiva cidadina; na elaboração dos teoremas, a articulação desses velórios (físicos e virtualizados) em sua demarcação na paisagem urbana, confirmam o fracasso das políticas públicas vigentes destinadas à juventude. Nesse sentido, a turisgrafia contribui como mapeamento cognitivo e simbólico do luto que envolve a morte juvenil.

Como forma de expressar uma síntese da leitura do livro, da nossa participação na disciplina e da escrita do posfácio, escrevemos um poema que mapeia a nossa cognição simbólica...

Risco, rabisco
Risco, perigo
Fios e tramas
Costuras
Misturas de Mãe
Planta, mapa
Planta, vegetação
Planta, dos pés
Planta, imaginações
Misturas de Mãe Terra
A envolver sonhos e paixões
A construir lajedos e cidades
A misturar geografias novas e anciãs
Sabedoria da Terra, Geografia
Gráfica da Terra, Geografia
A Mathergeografia em cognição simbólica
Em Poéxtases
Veio aproximar o presente e reimaginar o futuro
Habitar pela turisgrafia
Em alteridade e parceria
Como a vida, de fato, deve ser

Sílvia Helery Gomes da Silva
Guilherme Esteves Gomes de Oliveira
 Fortaleza, outubro de 2024

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. L. M. *Gramática: texto: análise e construção de sentido*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2010. p. 79, 221, 374. Volume único.

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Uma história de Deus, de Karen Armstrong. *Revista Nures*, n. 13, set./dez. 2009. Disponível em: https://www4.pucsp.br/revistanures/Revista13/aula_do_concurso.pdf. Acesso em: 28 nov. 2024.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro*. São Paulo: Cortez, 2016. Disponível em: <https://leges.ufc.br/wp-content/uploads/2023/03/xenofobia-durval-muniz.pdf>. Acesso em: 1 set. 2024.

ALVES, Eduardo Rodrigues; OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Oficina Audiovisual: formação do educador de Geografia em temas simulados. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, [S. l.], v. 9, n. 17, p. 302–319, 2019. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/617>. Acesso em: 4 ago. 2024.

AMSTRONG, Karen. *Uma História de Deus: quatro milênios em busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ANDREOTTI, Giuliana. *Paisagens Culturais*. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

ARAÚJO, Sandra Kelly de. *Instrumentalização para o Ensino de Geografia*. Natal: EDUFRN, 2011. v. I e II. Disponível em: http://sedis.ufrn.br/bibliotecadigital/site/pdf/geografia/Ins_En_Geo_I_Livro_WEB.pdf; http://www.sedis.ufrn.br/bibliotecadigital/site/pdf/geografia/Ins_En_Geo_II_WEB.pdf. Acesso em 6 mar. 2017.

AS CARAVANAS. Intérpretes: Chico Buarque e Rafael Mika. Compositor: Chico Buarque. *In: Caravanas*. Intérprete: Chico Buarque. 2017. 1 Album. Faixa 9 (2min47s).

BACHELARD, Gaston. *A formação do Espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BACHELARD, Gaston. *Ensaio sobre o Conhecimento aproximado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

BATISTA, Edmar Eder. Geografia escolar, educação geográfica, autonomia docente e questão conceitual: tecendo ligações. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, v. 11, p. 5-27, 2021. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/1035>. Acesso em: 16 mar. 2022.

BIRD-DAVID, Nurit. Animismo Revisitado: Pessoa, Meio Ambiente e Epistemologia Relacional. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 19, n. 35, p. 93-171, jan./jul., 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8136.95698>.

BITENCOURT, Miguel Colaço. O panteísmo em perspectiva: localidades, práticas e particularidades em Pernambuco, Brasil. *REIA – Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, ano 4, v. 4, n. 2, p. 175-198, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/reia/article/view/231682/25833>. Acesso em: 8 ago. 2024.

BOAS, Pedro Vilas. RS: Racismo religioso explica falas que ligam crenças africanas a enchentes. *UOL*, 5 jun. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/06/05/racismo-religioso-rs.htm>. Acesso em: 28 nov. 2024.

BREDA, Thiara Vichiato. Jogando com a geografia: possibilidades para um ensino divertido. *Giramundo*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 55-63, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/GIRAMUNDO/article/view/2689>. Acesso em: 16 mar. 2022.

BUKKYO DENDO KYOKAI. *A doutrina de Buda*. 17. ed. Bukkyo Dendo Kyokai, 2014. Disponível em: https://www.bdk.or.jp/pdf/buddhist-scriptures/13_portuguese/TheTeachingofBuddha.pdf. Acesso em: 28 nov. 2024.

BURKE, Peter. *Ignorância: uma história global*. São Paulo: Vestigio, 2023.

BURNS, P. *Turismo e Antropologia: uma introdução*. São Paulo: Chronos, 2002.

CABRAL, Clara B. *Patrimônio Cultural Imaterial: Convenção da UNESCO e seus Contextos*. Lisboa: Edições 70, 2011.

CAMARGO, H. *Patrimônio Histórico e Cultural*. São Paulo: Aleph, 2002.

CAMPBELL, Joseph. *As Máscaras de Deus*. São Paulo: Palas de Athenas, 1984.

CAPONERO, Cristina; LEITE, Edson. Inter-relações entre festas populares. Políticas Públicas, Patrimônio Material e Turismo. *Patrimônio Lazer & Turismo*, v. 7, n. 10, p. 99-113, 2010. Disponível em: [http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/pdf/Ensaio1_v7_n10_abr_mai_jun2010_Patrimonio_UniSantos_\(PLT_21\).pdf](http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/pdf/Ensaio1_v7_n10_abr_mai_jun2010_Patrimonio_UniSantos_(PLT_21).pdf). Acesso em: 2 ago. 2023.

CARDOSO, Luisa. Cristo Redentor faz homenagem às vítimas dos temporais no Rio Grande do Sul. *Jovem Pan*, 9 maio 2024. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/cristo-redentor-faz-homenagem-as-vitimas-dos-temporais-no-rio-grande-do-sul.html>. Acesso em: 28 nov. 2024.

CARVALHO, Rone. O que explica multiplicação de templos evangélicos no Brasil. *BBC News Brasil*, 12 jul. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgl7x0e0lmo>. Acesso em: 28 nov. 2024.

CHAVES, Robson. Hinduísmo. S.d. Disponível em: <https://nucleoshantishala.com.br/content/uploads/2020/06/HINDU%C3%8DSMO-Radhanatha-Das.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2024.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Florianópolis: Editora UESC, 1999.

COBRA PAGES. Karl Krause. 2011. Disponível em: <https://www.cobra.pages.nom.br/filmod/krause/>. Acesso em 28 nov. 2024.

CRISTO PROTETOR. Gaúcho chega a 100 mil visitas neste 20 de setembro. Cristo Protetor. 2024.

DARDEL, E. *O homem e a Terra: A natureza da realidade Geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DE ARAÚJO, G. O imaginário canônico americano e os símbolos edênicos. *Elisée – Revista De Geografia da UEG*, v. 9, n. 1, local e912011, 2020. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/9401>. Acesso em: 8 ago. 2024.

DEBRAY, Régis. *Deus, um itinerário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DESGRANGES, Flavio. Quando o Teatro e a Educação ocupam o mesmo lugar no espaço. In: *Caminho das Artes/A Arte fazendo Escola*. São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, s. d. Disponível em: <https://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/Administracao/Anexos/>

Documentos/420091014164649Quando%20teatro%20e%20educacao%20ocupam%20o%20mesmo%20lugar%20no%20espaco.pdf. Acesso em: 29 maio 2024.

DOZENA, Alessandro (org.). *Geografia e Música: diálogos*. Natal: EDUFRN, 2016.

DUARTE, Maria Lúcia Batezat; CARDEAL, Márcia. “É bonito, mas será arte?”. *DAPesquisa*, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 249–259, 2019. DOI: 10.5965/1808312903052008249. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/15374>. Acesso em: 8 set. 2024.

DUBATI, J. *O teatro dos mortos: introdução a uma filosofia do teatro*. São Paulo: SESC, 2013.

DUNN, C. A Roma negra e o Big Easy: raça, cultura e discurso em Salvador e Nova Orleans. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 37, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21155>. Acesso em: 23 ago. 2024.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. Lisboa: Ed. Arcádia, 1979. Disponível em: <http://www.lege.ufc.br/images/stories/arquivos/eliade%2C%20m.%20imagens%20e%20s%EDmbolos.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2017.

EMPOLI, Giuliano Da. *Os Engenheiro do Caos*. São Paulo: Vertigio, 2024.

ENCICLOPÉDIA HUMANIDADES. *Panteísmo*. s. d. Disponível em: <https://humanidades.com/br/panteismo/#:~:text=A%20abordagem%20fundamental%20do%20pante%3%ADsmo,que%20pode%20ser%20chamada%20Deus>. Acesso em: 28 nov. 2024.

EVANGELISTA, Hélio. *A Geografia e a Matemática*. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2017.

FERNANDES, B. M. Geografia em Canção. *Revista Orientação*, UPS, Instituto de Geografia, n. 5, p. 23-25, 1990.

FERRARA, Lucrecia. *Comunicação, Espaço e Cultura*. São Paulo: Annablume, 2008.

FERREIRA, Amauri Carlos. Viver sem Deus e sem religião: a vida possível no ateísmo. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p. 85-103, jul./set.

2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3630936.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.

FERREIRA, Felipe. Inventando Carnavais. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005.

FERREIRA, M. Nazareth. Comunicação, Resistência e Cidadania: As Festas Populares. Comunicação e Informação, v. 9, n. 1, p. 111-117, jan/jun. 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/viewFile/22807/13554>. Acesso em: 28 ago. 2023.

FIORANI, Silvio. O paradoxo da serpente: Cristianismo, a fé usurpada. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

FONSECA, M. C. L. O Patrimônio em Processo: A trajetória da política federal de patrimônio no Brasil. Rio de Janeiro: Eduerj; Ministério da Cultura; Iphan, 2005. Cap. 1, p. 35-49.

FONTAL-MERILLAS, Olaia. La educación patrimonial: teoría y práctica en el aula, el museo e internet. Gijón: Ediciones Trea, 2003.

FURLANETTO, Beatriz Helena; KOZEL, Saete. Paisagem cultural: da cena visível à encenação da alma. Ateliê Geográfico, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 215-232, maio 2014. ISSN 1982-1956. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ateliê/article/view/24103>. Acesso em: 30 ago. 2017.

GARDNER, H. A Nova Ciência da Mente: Uma história da Revolução Cognitiva. São Paulo: Edusp, 2003.

GLEISER, Marcelo. O despertar do universo consciente: Um manifesto para o futuro da humanidade. Rio de Janeiro Editora Record, 2024.

GOMES, Paulo Cesar da Costa Gomes. O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GOMES, Paulo Cesar da Costa Gomes. Quadros Geográficos: Uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GOMPERTZ, Will. Pense como um artista... e tenha uma vida mais criativa e produtiva. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

GRAY, John. *Missa Negra: a religião apocalíptica e o fim das utopias*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GRUNBERG, Evelina; HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico da Educação Patrimonial*. Iphan-Brasil; Museu Imperial; DEPRON; Ministério da Cultura, 2007. Disponível em: http://www.historia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/sugestao_leitura/guia_educacao_patrimonial.pdf. Acesso em: 18 out. 2024.

GUERRAS CULTURAIS: uma batalha pela alma do Brasil. [Locução de]: Pablo Ortellado e Elisa Martins. [S. l.]: Globoplay, 26 ago. 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4beQ0PJ1HOSEzlkas2Bzx>. Acesso em: 28 nov. 2024.

GUYAU, Jean-Marie. *A irreligião do futuro*. Estudo sociológico. São Paulo, Martins Fontes, 2014.

HAITI. Intérpretes: Caetano Veloso e Gilberto Gil. Compositores: Caetano Veloso e Gilberto Gil. *Jr. Tropicália 2*. Intérpretes: Caetano Veloso e Gilberto Gil. 1993. 1 Álbum. Faixa 1 (4min17s).

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2 ed. ampl. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017. 128 p.

HENRIQUES, Ana Candido. *Zoroastrismo da Pérsia e Catolicismo Romano: Um Estudo Comparado entre concepções Escatológicas*. Tese (Doutorado) – UFPB, Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19037/1/AnaC%C3%A2ndidaVieiraHenriques_Tese.pdf. Acesso em: 14 maio 2024.

HISTÓRIA ISLÂMICA. *A Virgem Maria no Islã*. Youtube, 26 abr. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XRU5nK9CpnE&t=2s>. Acesso em: 28 nov. 2024.

HOLLOWAY, Richard. *Uma breve história da religião*. São Paulo. LP&M Editores, 2019.

IBRI, Ivo Assad. *Semiótica e Pragmatismo: Interfaces Teóricas*. Marília; São Paulo: Oficina Universitária; Cultura Acadêmica, 2020. v. 1.

INTERNACIONAL, Grêmio e Juventude pedem suspensão de jogos por 20 dias por conta das enchentes no Rio Grande do Sul. *O Globo*, 6 maio 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/futebol/noticia/2024/05/06/internacional-pede-suspensao-do-brasileirao-por-20-dias-por-conta-das-enchentes-no-rio-grande-do-sul.ghtml>. Acesso em: 28 nov. 2024.

INTOLERÂNCIA. *In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/intolerancia/>. Acesso em: 15 maio 2024.

JUNG, Carl Gustav. *Espiritualidade e Transcendência*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2015.

KAERCHER, N. A geografia é o nosso dia a dia. *In: CASTRIGIOVANI, A.; CALLAI, H.; SCHÄFFER, N.; KAERCHER, N. (org.). Geografia em sala de aula: Práticas e Reflexões*. Porto Alegre: EdUFRGS, 1999. p. 11-17.

KARNAL, L. Cristianismo | Leandro Karnal | Série Religião #3. Youtube, 2 set. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9cX5rF55-5g>. Acesso em 28 nov. 2024.

KARNAL, L. Islamismo | Leandro Karnal | Série Religião #4. Youtube, 9 set. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T90Dxs_uYcM. Acesso em: 11 nov. 2024.

KIRCHOF, E. R. Yuri Lotman e Semiótica da Cultura. *Revista Práxis*, [S. l.], v. 2, p. 63–72, 2010. DOI: 10.25112/rp.v2i0.703. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/703>. Acesso em: 18 out. 2024.

KOZINETS, R. V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7938683/mod_folder/content/0/Kozinets%20Robert.%20Netnografia.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LISTA de denominações protestantes no Brasil. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_denomina%C3%A7%C3%B5es_protestantes_no_Brasil. Acesso em: 28 nov. 2024.

LOWENTHAL, David. Geografia, Experiência e Imaginação... In: CRISTOFOLETTI, A. (org.). *Geografia em Perspectiva*. São Paulo: Difel, 1985. p. 103-141.

LUZ, Marco Aurélio. *Agadá: dinâmica da Civilização Africano Brasileira*. Salvador: Edufba, 2013.

MARANDOLA JR., E.; GRATÃO, L. H. B. *Geografia e Literatura. Ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EdUEL, 2010.

MARTELLI, Stefano. *A Religião na Sociedade Pós-Moderna*. Petrópolis. Ed. Paulinas, 1995.

MARTINS, G. C. O Zoroastrismo esculpido na fôrma monoteista: A história social e a história dos conceitos. *Numen*, [S. l.], v. 26, n. 1, 2023. DOI: 10.34019/2236-6296.2023.v26.38746. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/38746>. Acesso em: 13 abr. 2024.

MATTOZZI, I. La didáctica de los bienes patrimoniales: a la búsqueda de una definición. In: ESTEPA GIMENEZ, J.; DOMINGUEZ, C.; CUENCA LOPEZ, J. M. *Museo y Patrimonio en la didáctica de las Ciencias Sociales*. Huelva: Universidad de Huelva, 2001.

MELLO, Patrícia Campos. *Maior eleição do mundo começa na Índia com Modi favorito para 3º mandato*. *Folha de S. Paulo*, 18 abr. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/04/maior-eleicao-do-mundo-comeca-na-india-com-modi-favorito-para-3o-mandato.shtml>. Acesso em: 28 nov. 2024.

MELO, Tatiana Massaroli; FUCIDJI, José Ricardo. Racionalidade limitada e a tomada de decisão em sistemas complexos. *Revista de Economia Política*, v. 36, n. 3, p. 622-645, jul./set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/rj/rep/a/SZq8Tj3JLNsxHbx44Pn8H6H/?lang=pt>. Acesso em: 4 set. 2024.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Natureza*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MIÃO, Ana. *Entenda a eleição na Índia, a maior na história da democracia*. *Poder 360*, 20 abr. 2024. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/>

internacional/entenda-a-eleicao-na-india-a-maior-na-historia-da-democracia/. Acesso em: 28 nov. 2011.

MONTEIRO, C. A. de F. *O Cristal e a Chama: O sentimento do Mundo na Comunicação Geográfica e na Expressão Artística nas Grande Crises introdutórias às Modernidades*. Dourados, MS: Editora UFGD, 2013. v. 1 – Brasil 1500.

MOREIRA, Marco Antonio. *Aprendizagem Significativa: Da visão Clássica à visão crítica*. In: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA, V., Madrid, Espanha, set. 2006. (Conferência de encerramento). Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/~moreira/visaoclasica-visaocritica.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2024.

MOREIRA, Ruy. *A geografia serve para desvendar máscaras sociais*. In: MOREIRA, Ruy. *Pensar e ser em Geografia*. São Paulo: Contexto, 2007. (Publicado originalmente em 1978). Disponível em: https://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/biogeografia_saude_publica/aulas%202014/2-Ruy%20Moreira.pdf. Acesso em: 17 maio 2024.

MUNDO EDUCAÇÃO. *Antissemitismo*. s. d. Disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/antissemitismo.htm>. Acesso em: 28 nov. 2024.

MUNDO EDUCAÇÃO. *Xamanismo*. s. d. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/xamanismo.htm#:~:text=O%20xamanismo%20pode%20ser%20definido,a%20ayahuasca%20e%20cogumelos%20alucin%C3%B3genos>. Acesso em 28 nov. 2024.

OKADA, Alexandra. *Cartografia cognitiva mapas do conhecimento para pesquisa, aprendizagem e formação docente*. Cuiabá: Editora KCM, 2008.

OKADA, Alexandra. *Mapas do conhecimento com recursos educacionais abertos aplicados à coaprendizagem baseada em coinvestigação*. In: TORRES, Patricia (ed.). *Complexidade: Redes e Conexões na Produção do Conhecimento*. Curitiba: SENAR – PR, 2014. p. 213–237.

OLIVEIRA, André Araujo de. *Resenha – Choay, Françoise. Alegoria do patrimônio*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2014. 306 p. *Rev. Iberoam. Patrim. Histórico-Educativo*, Campinas, SP, v. 7, p. 1-4, local e021002, 2021.

OLIVEIRA, C. D. M. de. **Caminhos da Festa ao Patrimônio Geoeducacional: Como educar sem Encenar Geografia?** Fortaleza: Edufc, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10320>. Acesso em: 2 ago. 2023.

OLIVEIRA, C. D. M. de. Ensino de Geografia e Ciências da Comunicação: Por uma Geografia Mundana. *Revista Mercator*, ano 3, n. 6, 2004. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1055/1/EnsinodeGeografiaCienciasdaComunicacao.pdf>. Acesso em: 15 maio 2023.

OLIVEIRA, C. D. M. de. Espaços Carnavalescos na Geografia Cultural: Mapeando Folias da Guerras, da Paz e dos Altares. In: VARGAS, Maria Augusta Mundim; SILVA, Heberly Ruan da Conceição; SILVA, Felipe Santos (org.). **Trajetórias, ancoragens e encontros com a Geografia Cultural**. Aracaju, SE: Criação Editora, 2024. Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/trajetorias-ancoragens-e-encontros-com-a-geografia-cultural/>. Acesso em: 18 out. 2024.

OLIVEIRA, C. D. M. de. Geoeducação das Representações Religiosas. *Mercator*, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 21-43, 2015. ISSN 1984-2201. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4215/RM2015.1402.0002>. Acesso em: 8 jul. 2024.

OLIVEIRA, C. D. M. de. **Geografia do Turismo na Cultura Carnavalesca: o Sambódromo do Anhembi**. São Paulo. Editora Paulistana, 2007.

OLIVEIRA, C. D. M. de. Linguagens da questão patrimonial: dos selos às salas, um patrimônio geográfico em construção. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA Benhur Pinôs da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (org.). **Maneiras de ler: geografia e cultura**, Porto Alegre: Imprensa Livre; Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 150-158. Disponível em: https://laboteriesa.ufg.br/up/214/o/MANEIRAS_DE_LER_GEOGRAFIA_E_CULTURAL.pdf. Acesso em: 16 mar. 2023.

OLIVEIRA, C. D. M. de. Matergrafia e patrimônio: Santuários Marianos como espaço simbólico e vetorial da Latinidade. *Ateliê Geográfico*, Goiânia, v. 12, n. 3, p. 170-194, 2018. DOI: 10.5216/ag.v12i3.47188. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/47188>. Acesso em: 18 out. 2024.

OLIVEIRA, C. D. M. de. **Sentidos da Geografia Escolar**. Fortaleza: Edufc, 2009.

OLIVEIRA, C. D. M. Dinâmicas Híbridas de Devoção em Santuários-Terreiros: Para Geografar Turismo Religioso. *Espaço e Cultura*, [S. l.], n. 49,

p. 156–175, 2021. DOI: 10.12957/espacoecultura.2021.60700. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/60700>. Acesso em: 8 ago. 2024.

OLIVEIRA, Livia de. **Percepção do Meio Ambiente e Geografia: Estudos Humanistas do Espaço, da Paisagem e do Lugar**. Organização de E. Marandola Jr. E T. V. Cavalcante. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem: poética da geografia**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

OREAL Resiste. Intérprete: Arnaldo Antunes. Compositor: Arnaldo Antunes. *IV*: O real Resiste. Intérprete: Arnaldo Antunes. 2020. 1. Álbum. Faixa 7 (2min48s).

OSTROWER, Fayga. **Universos da Arte**. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

PAVIS, Patrice. **A Análises dos Espetáculos**. São Paulo: Editora Perspectiva: 2008.

PAVIS, Patrice. **O teatro no cruzamento de culturas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

PEIRCE, Charles Sanders. **Ilustrações da Lógica da Ciência**. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2021.

PEIXOTO, F. **O que é Teatro**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da Professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2015.

PICQ, Pascoal. **Darwin e a evolução explicada aos nossos netos**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

PINHEIRO, A. A condição mestiça. *Pasquinagem*, v. 10, p. 8-23, 2020.

PINHEIRO, A. **América Latina: Barroco, Cidade, Jornal**. São Paulo: Intermeios, 2013.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII a XXI**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PUCHEU, Alberto; GUERREIRO, Eduardo (org.). **O Carnaval Carioca de Mario de Andrade**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011. Disponível em: <http://www.albertopucheu.com.br/pdf/livros/carnavalcarioca.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2024.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Carnaval Brasileiro: O vivido e o mito**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essências de lugar. In: MARANDOLA Jr., Eduardo; HOLZER, Welter; OLIVEIRA, Livia de (org.). **Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

RESENHA – Um estudo histórico sobre os arquétipos, simbolismos e as manifestações femininas do inconsciente. **Poesia na alma**. Disponível em: <https://www.poesianaalma.com.br/2021/07/resenha-um-estudo-historico-sobre-os.html>. Acesso em: 28 nov. 2011.

REVISÃO. Jacobinos x Girondinos | Revolução Francesa. **Youtube**, 17 nov. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L5IjTf5Gdro>. Acesso em: 28 nov. 2024.

RIBEIRO, Emerson. A criatividade em geografia, prática pedagógica e avaliação: Lanternas geográficas. **GEOSABERES: Revista de Estudos Geoducacionais**, v. 2, n. 4, p. 61-75, jul/dez. 2011. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/104>. Acesso em: 16 mar. 2022.

RISÉRIO, Antônio. **Identitarismo**. São Paulo: LVM Editora, 2023.

ROCHA, Marcos da Silva; OLIVEIRA, Christian D. M. de. Intolerância religiosa, educação e diálogo: Geografia escolar e os dilemas do cotidiano. **Educ. Form.** v. 3, n. 7, p. 200–219, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.25053/dufor.v3i7.179>. Acesso em: 3 ago. 2024.

SABER MAIS. A antiga Religião do IRÃ que influenciou o Judaísmo e Cristianismo! **Youtube**, 11 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jRuJUBymPE&t=428s>. Acesso em: 28 nov. 2024.

SALES, Gabriel. Gamer, você não se importa com a precisão histórica de Assassin's Creed, apenas não quer negros e mulheres protagonizando seu jogo. **IGN Brasil**, 17 maio 2024. Disponível em: <https://br.ign.com/>

assassins-creed-shadows/124049/news/gamer-voce-nao-se-importa-com-a-precisao-historica-de-assassins-creed- apenas-nao-quer-negros-e-mulhe?s=08. Acesso em: 28 nov. 2024.

SALUM, Marta Heloisa Leuba. *África: culturas e sociedades*. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2005. Série Formas de Humanidade. (Publicado originalmente em 1999). Disponível em: http://www.arteafricana.usp.br/codigos/textos_didaticos/002/africa_culturas_e_sociedades.html. Acesso em: 28 nov. 2024.

SANTAELLA, Lúcia. *O método anticartesiano de C. S. Peirce*. São Paulo: UNESP, 2004.

SBT News. RS: Cidade de Encantado no Vale do Rio Taquari é devastada pela inundação | SBT Brasil (06/05/24). Youtube, 6 maio 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7saKtyn36iY>. Acesso em: 28 nov. 2024.

SILVA, Claudia Márcia Romano Bernardes. Tapete como arte no tempo e no espaço: uma possibilidade no estudo da geografia cultural. In: ENCUESTRO DE GEOGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, XV, 2015, Havana. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egall5/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/04.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2024.

SILVA, J. M. *As Tecnologias do Imaginário*. Porto Alegre: Edições Sulinas, 2006. Disponível em: <http://www.lege.ufc.br/images/stories/arquivos/silva%2C%20juremir%20machado.%20as%20tecnologias%20do%20imagin%Elrio.pdf>. Acesso em: 22 maio 2023.

SOARES, Maria. L. de A. De Semióforos, Motivo Edênico e Educação Ambiental. *Quaestio – Revista de Estudos em Educação*, [S. l.], v. 6, n. 1, 2009. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/5>. Acesso em: 8 mar. 2022.

SOARES, M. L. de A. Reinventando o Ensino da Geografia. In: PONTUSCHKA, N.; OLIVEIRA, A. *Geografia em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 331-341.

SOUZA, José Arilson Xavier de; OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; COSTA, Otávio José Lemos; DOZENA, Alessandro; MARIANO, Neusa de Fátima. *Paisagens patrimoniais e artes na América Latina*. São Luis: EDUEMA, 2022. Disponível em <https://www.editorauema.uema.br/>

wp-content/uploads/files/2022/09/paisagens-e-book-29-1662036220.pdf. Acesso em: 18 out. 2024.

TERRIN, Aldo. *Nova Era: a religiosidade do pós-moderno*. São Paulo. Ed. Loyola, 1996

TOLERÂNCIA. In: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/tolerancia/>. Acesso em: 30 maio 2024.

UNESCO. *Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial*. Paris, 17 out. 2003. Disponível em: <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2024.

UNESCO. *Declaração de Princípios sobre a tolerância*. Aprovada pela 28ª Conferência Geral. Paris, 16 nov. 1995. Disponível em: <https://www.oas.org/dil/port/1995%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20de%20Princ%C3%ADpios%20sobre%20a%20Toler%C3%A2ncia%20da%20UNESCO.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2024.

VIÉS PSICOLÓGICO. *Desvendando os mistérios do hinduísmo: Uma jornada pela história e filosofia milenares*. Youtube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CrNR9hIgtH8>. Acesso em 28 nov. 2024a.

VIÉS PSICOLÓGICO. *Jainismo: Uma das Religiões mais Rigorosas e Tradicionais da Ásia*. Youtube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rr2tGB1YARE>. Acesso em: 28 nov. 2024.

VOLI, Ugo. *Manual de Semiótica*. São Paulo: Ed. Loyola, 2015.

WRIGHT, J. *Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia [Terrae incognitae: the place of the imagination in geography]*. *Geograficidade*, v. 4, nov. 2014. Disponível em: <http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/190>. Acesso em: 23 fev. 2022.

ZIMMER, Heinrich. *Filosofias da Índia*. São Paulo: Editora Palas Athena, 1997.

ZORZO, R. *Deus sive natura: notas sobre o conceito de Deus em Spinoza*. *Revista Conatus – Filosofia de Spinoza*, [S. l.], v. 14, n. 24, p. 99–112, 2024. (ISSN 1981-7509). Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/conatus/article/view/7911>. Acesso em: 18 out. 2024.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Ciência 11, 13, 15, 16, 17, 20, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 43, 71, 78, 79, 80, 97, 112, 113, 114, 119, 125, 131

Cognição 11, 18, 19, 20, 21, 23, 27, 28, 29, 30, 32, 34, 36, 83, 102, 103, 109, 111, 113, 115, 119, 120

Cognição simbólica 11, 19, 20, 83, 102, 103, 109, 111, 113, 115, 119, 120

Conhecimento 13, 15, 16, 23, 24, 27, 28, 36, 43, 68, 80, 85, 86, 96, 121, 129

Crenças 13, 16, 20, 28, 29, 34, 46, 52, 53, 56, 62, 66, 67, 71, 73, 78, 122

Cristianismo 48, 51, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 73, 121, 125, 127, 132

Cultura 14, 19, 20, 28, 29, 45, 51, 54, 55, 61, 72, 74, 81, 90, 103, 119, 124, 125, 126, 127, 130, 131

D

Disciplina 18, 19, 35, 37, 43, 46, 47, 80, 81, 83, 86, 87, 91, 97, 99, 100, 101, 102, 109, 119, 120

Docente 16, 19, 20, 35, 36, 47, 48, 54, 81, 83, 84, 102, 103, 122, 129

E

Espaço geográfico 3, 11, 13, 17, 32, 51, 78, 84, 85, 113, 119

Espaço simbólico 19, 20, 25, 44, 45, 46, 103, 104, 130

Espaços teistas 19, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 73, 75, 81, 119

G

Geografia 7, 11, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 46, 49, 50, 71, 72, 73, 83, 85, 86, 87, 91, 92, 96, 97, 99, 103, 105, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

Guerras culturais 25, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 97, 98, 126

I

Ideomapas 11, 16, 19, 20, 36, 37, 38, 48, 49, 83, 84, 85, 98, 102, 103, 106, 107, 111, 113, 114, 119

L

Linguagem 11, 16, 17, 18, 28, 30, 31, 33, 47, 49, 76, 83, 94, 119

M

Mathergeografia 3, 11, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 27, 29, 30, 38, 39, 99, 102, 109, 111, 113, 114, 115, 119, 120

Matrizes religiosas 13, 19, 20, 43, 46, 48, 49, 50, 77, 81, 98, 119

Monoteísmo 48, 49, 52, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 74

N

Natureza 16, 20, 21, 23, 42, 44, 48, 69, 70, 71, 72, 81, 102, 112, 113, 116, 119, 123, 128

P

Panteísmo 46, 48, 49, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 122, 124

Patrimônio cultural 18, 19, 36, 39, 84, 89, 90, 103, 122, 134

Politeísmo 48, 49, 51, 52, 53, 54, 57, 61, 70, 81

Política 13, 14, 19, 29, 45, 59, 61, 73, 74, 76, 80, 84, 90, 94, 95, 120, 125, 128

R

Religião 13, 27, 42, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 58, 61, 64, 66, 68, 71, 72, 73, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 119, 124, 126, 127, 128, 132

S

Semiótica 16, 18, 20, 24, 25, 26, 27, 30, 32, 105, 106, 111, 127, 134

T

Turisgrafia 11, 21, 102, 106, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120

MATHER

GEOGRAFIA

Esta obra demonstra a força da Ciência Geográfica como saber cognitivo, emocional e simbólico no tratamento dos fenômenos espaciais que afetam o cotidiano do estudante e cidadão pesquisador. O percurso desenhado como *Mathergeografia*, advém sim das experiências de pesquisa, ensino, extensão e gestão, consolidando as aproximações teóricas dos filósofos Charles Sanders Peirce (1839-1914) e Gaston Bachelard (1884-1962) na experimentação de uma geografia da comunicação, trilhada em caminhos semióticos.

O estudo executa tríades analíticas; é tecido entre viagens, gabinetes e salas de aula. E, como experimentação, tem origem no impacto – sempre renovado e letivo – do livro seminal do geógrafo Eric Dardel, "O homem e a terra: a natureza da geografia", dizendo poemapas do tipo: *O homem procura a Terra, ele a espera e a chama com todo o seu ser. Antes mesmo de tê-la encontrado ele vai adiante dela e a reconhece* ([1952] 2011, p. 53).

Mathergeografia é feita e refeita de muitos ensaios, experimentos, esquetes, escolas, esfinges e includentes palavões: *Firebergs*, *Ideomapas*, *Poêxtase*, *Turisgrafia*, entre outras máscaras da linguagem espacial. Todos na batalha por uma ciência geográfica viva, aberta a conexões infinitas, feito este planeta, sempre pronto para reflorescer. Ótima leitura!



UFC



CNPq

